ANEXOS

ÍNDICE

ANEXO A - ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE 3
ANEXO B – ORGANOGRAMA DA EQUIPA EDUCATIVA 13
ANEXO C – CARACTERIZAÇÃO DO TEMPO 14
ANEXO D – CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO 16
ANEXO E – DADOS REFERENTES ÀS FAMÍLIAS 19
ANEXO F - DADOS REFERENTES AO GRUPO DE CRIANÇAS 21
ANEXO G – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO 22
ANEXO H – INVESTIGAÇÃO 23
ANEXO I - PORTEFÓLIO DA PRÁTICA 37

ANEXO A - ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE

A1. GUIÃO DE ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE

Destinatária: Educadora de Infância (PPS II 2018/2019)

Objetivos:

- Caracterizar as conceções das educadoras sobre (i) a criança e o lugar da mesma no jardim de infância e (ii) as famílias e as suas formas de participação
- Conhecer os modelos e as abordagens pedagógicas que sustentam o desenvolvimento do currículo no Jardim de Infância.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a	• Legitimar a entrevista; • Motivar o entrevistado.	- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação para a realização do tópico "caraterização reflexiva do contexto socioeducativo" para o relatório da PPS II. - O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido. - Informar devolução das transcrições	
B. Definição do perfil do/a entrevistado/a	• Conhecer o percurso profissional do/a educador/a	B1. Qual a sua formação nesta área profissional? B2. Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância? B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são? B4. Já trabalhou em creche? Como influenciou a sua prática pedagógica com as crianças de creche e vice-versa?	

		B5. Fale-me do seu percurso profissional. B6. Fale-me do seu percurso nesta organização. B7. Ocupa, ou ocupou, algum cargo nesta organização? B8. Frequentou alguns cursos/ações de formação? B9. Considera pertinente receber estagiárias? Porquê?	
C. Perspetivas sobre a educação de infância e contextos educativos: • Importância da educação dos 0 aos 3 anos; • Importância socioeducativa das creches,	• Compreender o grau de importância que a educadora atribui à creche e ao jardim de infância • Identificar o papel da creche na sociedade portuguesa e para as crianças dos 0 aos 6 anos	C1.Fale-me da educação dos 0 aos 6 no panorama educativo nacional? C2. O que significa para si a educação dos 0 aos 6 anos? C3. Qual a importância da creche e do jardim de infância para a(s) criança(s)? E para as família(s)? C4. O que significa ser educadora de infância? C5. Fale-me do reconhecimento, ou a ausência de reconhecimento, do papel da educadora dos 0 aos 3 anos pela sociedade? C6. Quais as alterações que mais gostaria de ver implementadas na valência de creche, assim como na valência do Jardim de Infância em Portugal? Porquê?	- Pensa que a creche deveria estar incluída no sistema educativo português? Porquê? Qual o papel do Estado e o da Sociedade? - É reconhecido? Por exemplo comparativamente aos/às educadoras de Jl. O que deveria ser reconhecido e não é?
D. Trabalho em equipa	• Relações e interações entre atores; • Conhecer o conceito de equipa em contexto de Jardim de Infância; • Compreender como é realizado o trabalho em equipa.	D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos? D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no Jardim de Infância? D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância? D4.Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos? D5. As educadoras da organização socioeducativa trabalham em cooperação?	- Existe trabalho colaborativo? Como é a comunicação? Processos e dificuldades? - O trabalho em equipa é uma mais valia? Para quê? Para quem?
E. Relação com as Famílias	• Conhecer a participação das famílias das crianças no Jardim de Infância;	E1. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização? As suas? E2. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar	-Compreender o tipo de participação - Compreender se as famílias têm possibilidade (tempo, espaços e mecanismos) para

	• Conhecer as estratégias utilizadas pelo educador de modo a promover o contacto com as famílias e entre famílias	reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças na creche? E3. Potencialidades e dificuldades que tem nesta dimensão?	participarem na vida educativa das crianças
F. Conceção e lugar da(s) criança(s) na creche/ji	• Caraterizar conceções de criança e infância • Compreender e situar o(s) lugar(es) das crianças no Jardim de Infância	F1. Como define criança? F2. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente? Como faz esse diagnóstico?	
G. Abordagem Pedagógica	• Identificar os princípios pedagógicos seguidos pela educadora. • Identificar o modelo pedagógico implementado pela educadora.	G1. Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam a sua prática? G2. Adota algum modelo pedagógico para organizar a prática? Se sim, Qual? Como o implementa?	-Perceber se a escolha do modelo pedagógico é da responsabilidade da educadora ou se é uma decisão institucional ou individual. - Identificar se o modelo pedagógico é implementado de forma integral ou se é implementado parcialmente. Perceber qual a formação da educadora no modelo pedagógico que adota.
H. Organização do ambiente educativo	• Conhecer a organização do ambiente educativo. • Compreender como o profissional de educação gere o ambiente educativo.	H1. Como organiza o ambiente educativo para que seja profícuo para o desenvolvimento e aprendizagem do grupo de crianças? H2. Quais são as suas prioridades relativamente à organização do tempo educativo? Como as define? H3. Como se organiza o grupo nos diferentes momentos da rotina? Porquê?	Perguntar se é o estabelecimento (organização) que gere a organização do tempo, espaço e materiais. Perceber se as crianças participam na organização do espaço e dos materiais.

			Perguntar se as famílias participam nas decisões sobre a organização do ambiente educativo (espaços, materiais, rotinas)
I. Observação, Planificação/Documentação/Avaliação	• Conhecer os procedimentos de observação e avaliação da criança e do ambiente educativo. • Compreender como é elaborada a planificação educacional.	I1. Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo (através de planificações anuais, trimestrais, mensais, diárias, etc.)? I2. Pode falar-me sobre os critérios que usa para selecionar os conteúdos para as suas planificações? I3. Como é feita a avaliação das crianças e a avaliação do ambiente educativo?	Perguntar se é o estabelecimento (organização) que determina os procedimentos e instrumentos de observação e avaliação da criança e do ambiente educativo, assim como da planificação educacional. Perceber se são usados instrumentos de observação e avaliação da criança e do ambiente educativo. Perceber se a planificação é sustentada na observação e avaliação das crianças.
Conclusão da entrevista	• Finalizar a entrevista	-De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? - Obrigada pela sua disponibilidade	- Confirmar se existe algo mais a acrescentar - Agradecer a disponibilidade

A2. ENTREVISTA À EDUCADORA COOPERANTE

B – Definição do perfil da entrevistada

B1. Qual a sua formação nesta área profissional?

Curso de Educadores de Infância pelo Método João de Deus, concluído a 30/06/88 com 15 valores.

Curso de estudos superiores especializados em investigação em educação, concluído a 16/12/1994 com 14 valores.

B2.Há quanto tempo exerce funções de educadora de infância?

Há 26 anos

B3. Quando terminou o curso quais as principais dificuldades sentidas? Atualmente quais são?

Dificuldades – fazer cumprir regras; atualmente – o mesmo.

B4. Já trabalhou em creche? Como influenciou a sua prática pedagógica com as crianças de creche e vice-versa?

Sim, apenas 1 mês. Tive muita dificuldade, as crianças ficavam admiradas a observar a Educadora.

B5. Fale-me do seu percurso profissional.

Trabalhei 9 anos no Jardim de Infância Traquinas em Alfragide com crianças de três e quatro anos. Estive ainda um mês com os bebés de um a dois anos.

Em 1998 concorri ao estado e circulei em Beja-Alentejo, pedi licença sem vencimento e estive três anos a viver nos Estados Unidos com a minha família. Quando voltei recomecei e fiquei, em 2001 colocada em Foras do Alentejo, uma aldeia que pertence ao concelho de Beja, ia à segunda feira e voltava à sexta feira.

No ano de 2002 fiquei colocada em Ferreira do Alentejo durante dois meses (ia e vinha todos os dias), tendo pedido condições especiais (por motivos pessoais), tendo passado o restante ano no Jardim de Infância de Cambelas, pertencente a Torres Vedras, onde fui abrir o Jardim de Infância, com outra colega, ficando a coordenar.

Em 2003 fiquei ainda no Jardim de Infância Corte Zorrinho (Aljustrel) no mês de setembro, tendo conseguido ser destacada para o Jardim de Infância Sobral da Abelheira, pertencente a Mafra.

Em 2004 fiquei colocada na Azambuja um mês e fui destacada para Linda-a-Velha durante esse ano.

Em 2005 fiquei colocada no Jardim de Infância de Casével, pertencente a Santarém.

Em 2006 fui colocada no QZP (Quadro de Zona Pedagógica) 23 (Lisboa Ocidental), tendo iniciado a minha afetação administrativa em S. Julião da Barra, onde estive até 19 de

setembro, tendo nessa data sido colocada no EB1/JI Alice Vieira na Buraca, onde permaneci quatro anos.

Em 2010 fui colocada no agrupamento de escolas "atual", ficando a lecionar na EB1/JI AVL até 2014, data em que iniciei as minhas funções no JI T até à data.

B6. Fale-me do seu percurso nesta organização

Estou neste agrupamento desde 2010, conhecendo as duas realidades, EB1 AVL, com uma população maioritária de etnia cigana e o JI T, onde a população é mais de origem africana e caucasiana.

Estive sempre com grupos heterogéneos, alguns muito difíceis, especialmente quando tinha alunos vindo de uma instituição de acolhimento em O. Há três anos que leciono grupos com vinte crianças, tendo sempre duas crianças no grupo com necessidades educativas especiais. A maior dificuldade é em conseguir chegar a todas as crianças de forma individual, devido ao número de crianças e às suas características, tendo sido com um esforço muito grande conseguir fazer um trabalho minimamente positivo.

As crianças têm dificuldade em reter informação e o seu tempo de concentração é reduzido.

B7. Ocupa, ou ocupou, algum cargo nesta organização?

Sim, faço parte do Conselho Geral do agrupamento.

B8. Frequentou alguns cursos/ações de formação?

Todos os anos frequento uma ou duas ações de formação.

B9. Considera pertinente receber estagiárias? Porquê?

Sim, é importante para nós que fizemos o curso à muitos anos, perceber que os problemas existentes ou as dificuldades sentidas não são assim tão diferentes. As estagiárias partilham os seus saberes e a sua juventude com as educadoras e vice-versa; é uma boa aprendizagem para ambas as partes e uma grande motivação para os grupos de crianças. Para elas é muito importante, imprescindível para a sua formação.

C – Perspetivas sobre a educação de infância e contextos educativos

C1. Fale-me da educação dos 0 aos 6 no panorama educativo nacional?

Penso que começa a ter alguns educadores, mas nem sempre é tudo como deveria ser, falta ainda muita coisa.

C2. O que significa para si a educação dos 0 aos 6 anos?

É a educação que deveria ser num ambiente super protegido, com pessoas especializadas a todos os níveis para percebermos as necessidades e vontades de seres tão sensíveis.

C3. Qual a importância da creche e do jardim de infância para a(s) criança(s)? E para as famílias?

Deveria ser um local de segurança, amor, carinho e respeito ao mais alto nível, onde os adultos tivessem várias especialidades, educadores, músicos, psicólogos, pois é de baixo que se alicerça a "casa".

C4. O que significa ser educadora de infância?

Significa dar o exemplo, mostrar como se faz bem, dar amor, carinho, pôr à disposição uma série de instrumentos adequados para o bom desenvolvimento da criança e estar lá a apoiá-la nas experiências, e a incentivá-la sempre de forma positiva. Se for boa educadora significa pôr à disposição das crianças tudo o que estiver ao seu alcance para estas explorarem e deixá-las descobrir e acreditar que são capazes e têm talentos. É o prolongamento da família, o porto seguro.

C5. Fale-me do reconhecimento, ou a ausência de reconhecimento, do papel da educadora dos 0 aos 3 anos pela sociedade?

Muitas pessoas ainda não perceberam, porque ninguém lhes explicou o quão importante é trabalhar com crianças dos 0 aos 3 anos, por isso é imprescindível fazer a divulgação dos trabalhos feitos a esse nível.

C6. Quais as alterações que mais gostaria de ver implementadas tanto na valência de creche, assim como na valência de Jardim de Infância em Portugal? Porquê?

Haver nas creches equipas com educadores, psicólogos, alguém da saúde, avós, músicos e mais pessoal auxiliar especializado.

<u>D – Trabalho em equipa</u>

D1. Como são as relações e interações entre agentes educativos?

Depende das equipas, as relações devem ser saudáveis e com muito trabalho de equipa.

D2. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha no Jardim de Infância?

Não responde.

D3. Pode falar sobre o que pensa do trabalho em equipa na educação de infância?

O trabalho de equipa é relativo, deveria haver um trabalho de equipa alargado para o bem comum, com boas lideranças, tanto a nível superior como a nível de equipas pequenas. Talvez mais partilha e reuniões frequentes para limar arestas.

D4. Existe articulação entre salas? De que tipo? Em que âmbitos?

Existe articulação a nível de projetos de parceiros como a PSP, saúde escolar, biblioteca, Câmara, etc. Também existe alguma articulação a nível de agrupamento, mais com o 1º ciclo.

Entre salas existe articulação, pois todas partilham o que pensam fazer, embora cada uma trabalha de forma diferente. O plano anual de atividades é feito com a colaboração de todas.

D5. As educadoras da organização socioeducativa trabalham em cooperação?

Existe alguma passagem de informação, embora não haja uma articulação perfeita com reuniões entre todas as educadoras.

E – Relação com as famílias

E1. Que tipo de envolvimento/participação têm as famílias na organização? Que mecanismos e estratégias existem na organização? As suas?

As famílias participam em alguns eventos para as quais são convidados, em reuniões para os quais são convocados, existindo um dia por mês para exporem os seus problemas e ainda se quiserem marcar podem falar e dar opiniões sempre que sentirem necessidade. Por vezes também existem projetos que envolvem as famílias, embora algumas mostrem pouca vontade em participar.

E2. Quantas reuniões são realizadas com as famílias? Com que objetivo? Quem participa? As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças no jardim de infância?

São realizadas quatro reuniões com as famílias, uma no inicio do ano letivo, uma no inicio do segundo período, uma no inicio do terceiro período e uma no final do ano. Existem outras reuniões com os encarregados de educação das crianças com necessidades educativas especiais e a equipa envolvente, terapeutas ocupacionais, terapeuta da fala, técnica de serviço social, educadora de educação especial. Fazem-se ainda reuniões sempre que a educadora ou os encarregados de educação sintam necessidade.

O objetivo da primeira reunião é a preparação do ano letivo e explicar as regras de funcionamento e ainda conhecer os encarregados de educação e o preenchimento de documentos importantes. As outras são para informar sobre o percurso da criança e sobre o plano anual de atividades e projetos. Saber o que corre bem e menos bem e procurar soluções. Ainda há a conversa sobre o que se pode fazer e o que já foi feito e trocar opiniões. As famílias podem sempre solicitar reuniões.

E3. Potencialidades e dificuldades que tem nesta dimensão?

Na primeira reunião geralmente estão presentes 90% dos encarregados de educação. Na segunda e terceira apenas os interessados. Na última vem muito poucos, demonstrando alguma falta de interesse.

F – Conceção e lugar da(s) criança(s) no pré-escolar

F1. Como define criança?

Criança é um ser vivo com muitas necessidades e muitas potencialidades que devem ser descobertas e desenvolvidas. Todas as crianças têm talentos e algo em que são boas, é preciso saber descobrir isso, nem toda a gente tem talento para o fazer.

F2. Como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente? Como faz esse diagnóstico?

É um grupo carinhoso, barulhento, cheio de energia, com poucas regras, com muitas dificuldades em cumpri-las, mas muito doce e com talentos muito especiais. Faço o diagnóstico pela observação, diálogos, ao vê-los a trabalhar, construir cheias de potencialidades.

G – Abordagem pedagógica

G1. Quais são os princípios pedagógicos que fundamentam a sua prática?

Não tenho nenhum modelo pedagógico e tenho todos. adapto a minha prática letiva diariamente segundo as condições, materiais, disposição, interesse da criança. Por vezes, tenho tudo muito bem planeado e o grupo não adere, então procuro outro caminho até encontrar o equilíbrio. Outras vezes não faço planificação e tudo decorre na perfeição. As minhas orientações são as orientações curriculares para a educação pré-escolar. Embora tenha tirado bacharelato e a licenciatura na Escola Superior João de Deus, não sigo o método, embora o meu curso me tenha orientado muito bem, a aprendizagem real foi quando comecei a trabalhar. Como mudei várias vezes de escola, passei por vários conselhos, por diferentes pessoas que usaram métodos diferentes e aí é que está a diversidade, a aprendizagem, a partilha.

G2. Adota algum modelo pedagógico para organizar a prática? Se sim, qual? Como o implementa?

Não. O modelo adotado é o trabalho de partilha com o grupo, com a assistente operacional, com as colegas educadoras, com muita discussão e opiniões diferentes, experimentado, promovendo a autonomia, o trabalho, a amizade e também o "brincar muito", como forma de aprendizagem e crescimento.

H – Organização do ambiente educativo

H1. Como organiza o ambiente educativo para que seja profícuo para o desenvolvimento e aprendizagem do grupo de crianças?

O ambiente educativo é organizado no início do ano letivo com a colaboração das crianças e vai sofrendo alterações sempre que se justifique, ou não esteja a resultar de forma positiva. As áreas são identificadas e combinado o número de crianças que poderá estar de cada vez em cada uma delas.

H2. Quais são as suas prioridades relativamente à organização do tempo educativo? Como as define?

O tempo educativo começa de manhã com a reunião de grupo onde se define o que se vai fazer durante o dia, aceitando sugestões das crianças. geralmente, as manhãs são para a

preparação de materiais e organização. As tardes são para terminar o que se iniciou, brincar nas áreas e reunir para avaliar. Deve tentar-se que todas as crianças passem por todas as áreas durante a semana.

H3. Como se organiza o grupo nos diferentes momentos da rotina? Porquê?

Quando estamos em grande grupo, geralmente sentam-se no tapete em roda. Também os pequenos grupos podem trabalhar nas mesas ou no chão. Podem ainda trabalhar individualmente nas mesas ou no chão. Por vezes também se organizam a pares, esta estratégia permite que os mais velhos ou mais interessados possam ensinar/ajudar os que têm mais dificuldades.

I – Observação, Planificação/Documentação/Avaliação

I1. Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo?

Planificação anual, mensal e por vezes semanal para me orientar, pois temos atividades que são sempre no mesmo dia e à mesma hora, o caso da Orquestra dos Afetos, Folkzitas (danças tradicionais) e educação física (devido ao espaço necessário para a atividade e todos os grupos necessitam de espaço para essas atividades. Por vezes também existem outras atividades e em J.I. e é bom ter uma planificação.

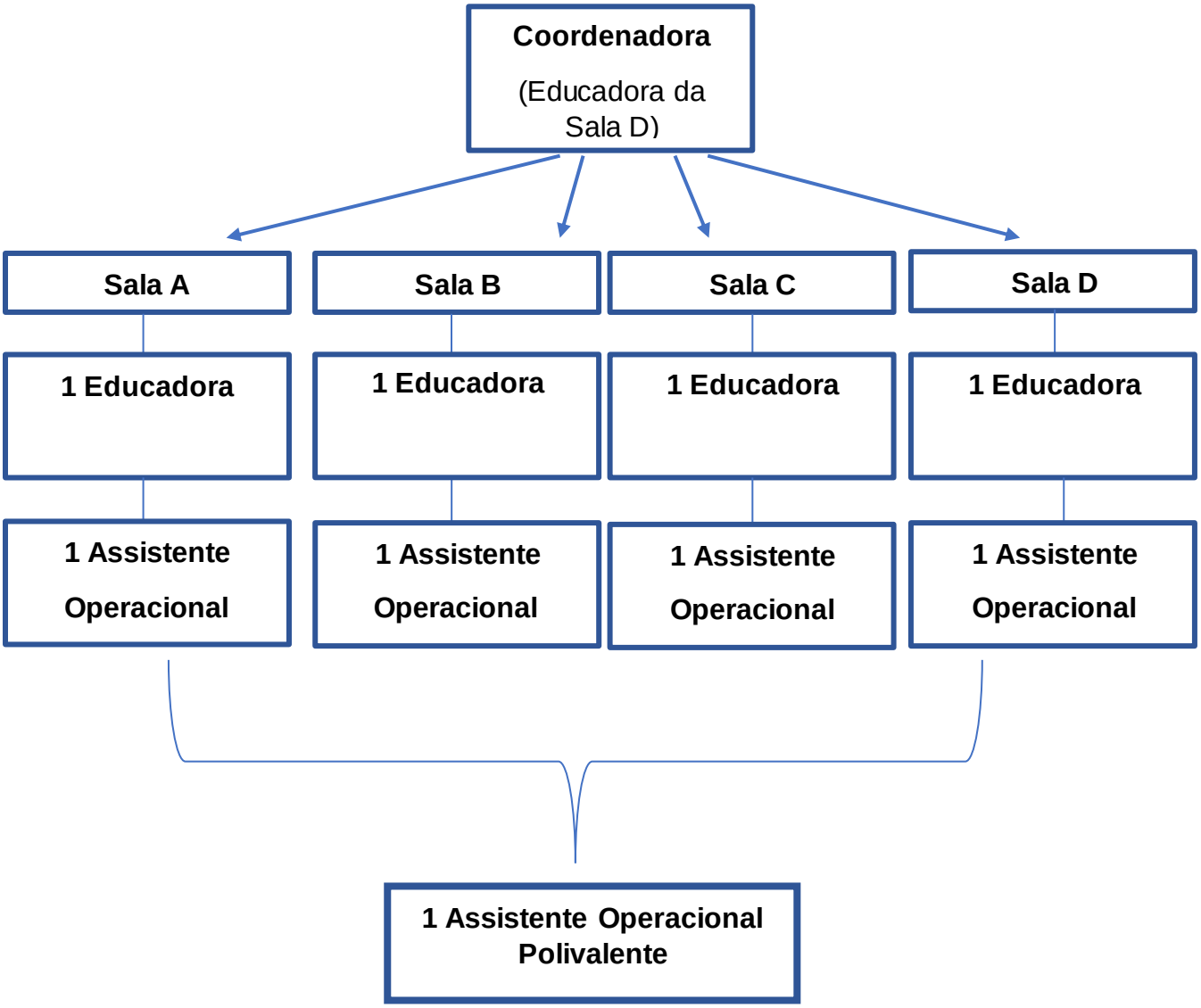
I2. Pode falar-me sobre os critérios que usa para selecionar os conteúdos para as suas planificações?

Os conteúdos estão sempre interligados, não se deve dividir os conteúdos, mas sim interligar.

I3. Como é feita a avaliação das crianças e a avaliação do ambiente educativo?

A avaliação é feita através da observação direta, trabalhos elaborados, conversas, registos, fotografias, filmes, etc. A avaliação do ambiente educativo é feita, tendo em conta o número de vezes que a criança pede para estar nas áreas. Se houver alguma área que é pouco procurada, com as crianças fala-se sobre se pretendem outra área, ou outra disposição da sala ou ainda a mudança de alguma rotina.

ANEXO B – ORGANOGRAMA DA EQUIPA EDUCATIVA



ANEXO C – CARACTERIZAÇÃO DO TEMPO

- **Tabela 1. Rotina Semanal**

	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
Manhã	Atividades	Orquestra dos Afetos	Folkzitas	Atividades	Orquestra dos Afetos
	Almoço				
Tarde	Educação Física	Atividades	Atividades	Atividades	Atividades

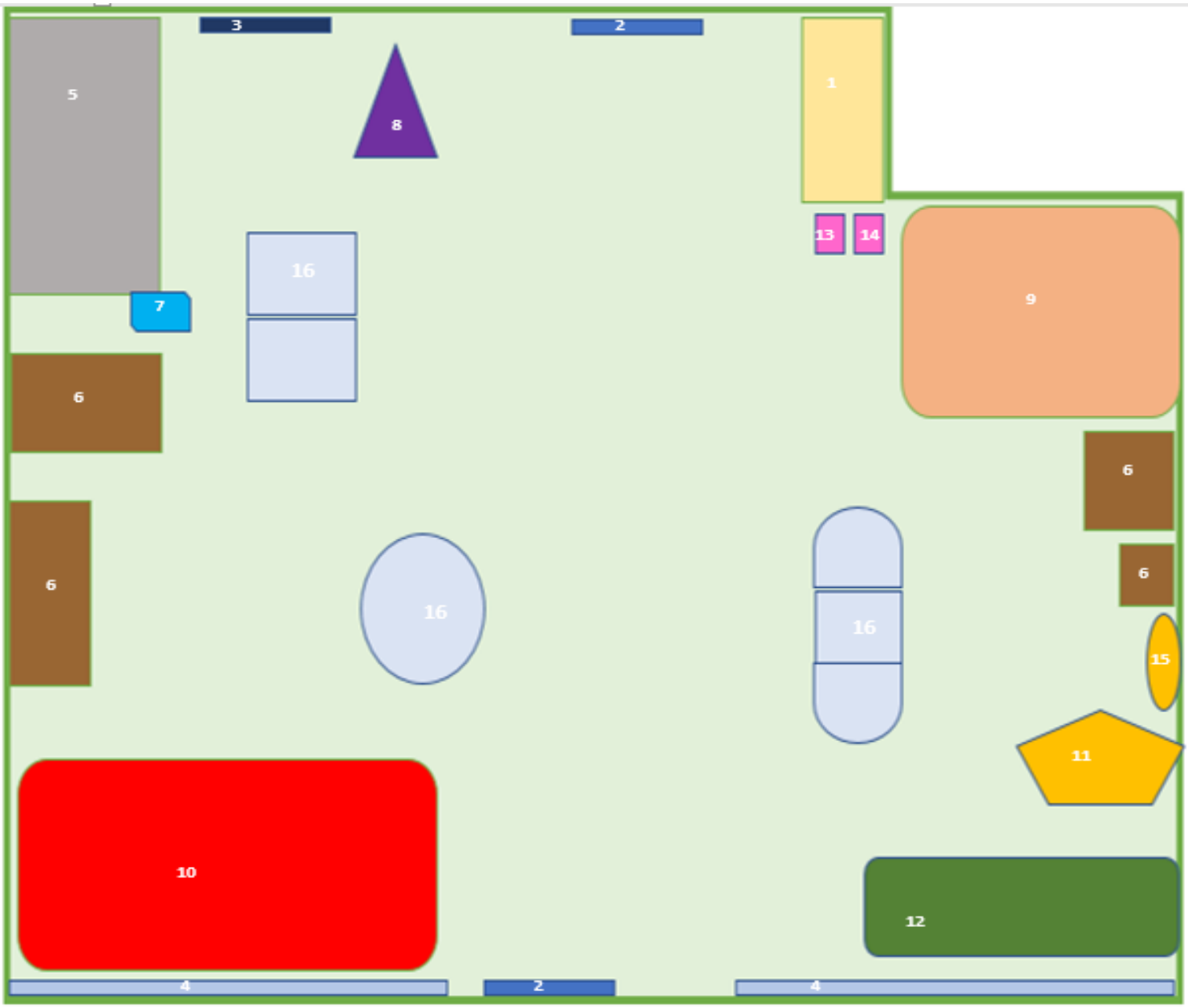
- **Tabela 2. Dia Tipo**

DIA TIPO	
8h – 9h	As crianças conforme chegam ao JI são recebidas pela Assistente Operacional e ficam no ginásio com as crianças das restantes salas. Neste momento, algumas crianças brincam umas com as outras ou vêm televisão. Está uma Assistente à porta a receber as crianças e outra no ginásio.
9h – 9:30	A Educadora Cooperante vai buscar o grupo de crianças ao ginásio vão para a sala, passando pela zona dos cabides e arrumando os seus brinquedos nas suas respetivas mochilas. Quando têm recados, aproveitam e trazem as cadernetas. Assim que chegam à sala, sentam-se no tapete começam por marcar as presenças e atualizar o mapa do tempo. Numa conversa em grande grupo, as crianças juntamente com a educadora Cooperante, planeiam o que vão fazer durante o dia.
9:30 – 10:15	As crianças realizam as suas atividades planeadas, mas também algumas atividades que tivessem por terminar.
10:15 - 11h	Neste momento as crianças realizam a higiene, lancham e de seguida, vão para o recreio. As crianças que trazem lanche vão buscar às mochilas, as que não trazem esperam sentados à mesa que a criança do dia distribua o leite. A partir do momento que as crianças vão para o recreio, a Educadora Cooperante ausenta-se.
11h – 12h	A Educadora Cooperante volta e vai chamar as crianças ao recreio para voltarem para a sala e continuarem as atividades, anteriormente começadas. No caso de as crianças já terem realizado as suas atividades vão brincar para as áreas. Perto

	do meio dia as crianças começam a arrumar a sala e a fazer comboio à porta da sala.
12h – 13h	A esta hora as crianças ficam ao cuidado da Assistente Operacional, realizam a higiene para irem almoçar, todas as salas almoçam à mesma hora. Quando todas as crianças acabam de almoçar vão brincar para o exterior até às 13 horas.
13h – 15h	Neste período, a Educadora Cooperante volta a reunir o grupo na sala e realiza atividades mais individualizadas, enquanto as outras crianças brincam nas áreas. No final do dia, temos a reunião no tapete, que é quando as crianças e a Educadora Cooperante falam sobre o que mais gostaram de fazer, o que não gostaram, o que sentiram mais dificuldade, entre outros aspetos. Às 15 horas, as crianças que vão para o prolongamento com a Assistente Operacional para o refeitório e as crianças que se vão embora vão com a Educadora Cooperante para a entrada esperar pelas suas famílias. É neste momento que a Educadora Cooperante tem a oportunidade de falar com as famílias.

ANEXO D – CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO

➢ **Figura D1. Planta da Sala**



LEGENDA

1 – Armário/Cacifo individual para cada criança; **2 –** Portas; **3 –** Despensa; **4 –** Janelas; **5 –** Balcão com lavatório e arrumação; **6 –** Armários para arrumar jogos e brinquedos; **7 –** Carro com material acessível às crianças; **8** – Área da pintura; **9** – Área do tapete; **10** – Área da casa; **11** – Área da biblioteca; **12** – Área das construções; **13** – Computador para as crianças; **14** – Computador para as funcionárias; **15** – Sofá; **16** - Mesas

➢ **Figura D2. Áreas da Sala**

Legenda (da esquerda para a direita, de cima para baixo):

1 – Área da Pintura; 2 e 3 – Área das Construções; 4 – Área da Biblioteca; 5 – Áreas das Ciências; 6 – Área dos Jogos; 7 – Área da Casa; 8 – Área do Computador.

➢ **Figura D3. Fotografias do Contexto Socioeducativo (Espaço interior)**

Legenda (da esquerda para a direita, de cima para baixo):

1 – Cacifos individuais para cada criança; 2 – Dossiers de cada criança; 3 – Carro com diversos materiais; 4 – Mapa de Presenças; 5 – Mapa do tempo, dos aniversários e um quadro; 6 – Placard com os trabalhos realizados pelas crianças; 7 – Cabides com molas para os chapéus; 8 – Cabides para as mochilas.

➢ Figura D4. Fotografias do espaço exterior

Legenda (da esquerda para a direita)

1 – Zona com baloiços; 2 – zona verde; 3 – zona de bancadas.

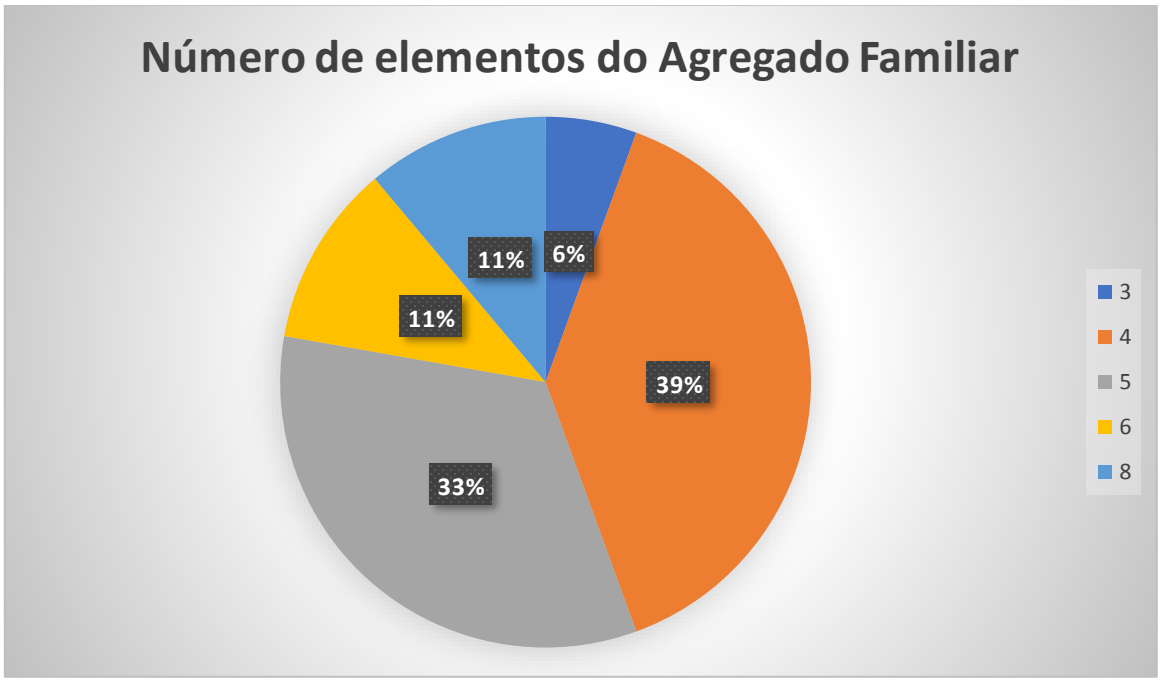
ANEXO E – DADOS REFERENTES ÀS FAMÍLIAS

- **Tabela E1. Caracterização das famílias**

Nome das Crianças	Pai				Mãe			
	Nacionalidade/ Naturalidade	Formação Académica	Profissão	Situação Emprego	Nacionalidade/ Naturalidade	Formação Académica	Profissão	Situação Emprego
A	Portugal Cabo Verde	2º Ciclo do Ens. Básico	Desc.	Desc.	Portugal	Secundário	Operadora de caixa	Desc.
AL	Portugal	3º Ciclo do Ens. Básico	Vendedor em loja	Desc.	Portugal	Secundário	Vendedora em loja	Desc.
DI	Portugal	Desc.	Desc.	Desempregado	Portugal	Secundário	Apoio Administrativo	Desempregada
D	Portugal	2º Ciclo do Ens. Básico	Desc.	Desempregado	Portugal	1º Ciclo do Ens. Básico	Encarregada de Limpezas	Empregada
E	Cabo Verde	Secundário	Construtor	Desempregado	Cabo Verde	3º Ciclo do Ens. Básico	Empregada de Limpeza	Empregada
F	Portugal	3º Ciclo do Ens. Básico	Desc.	Desempregado	Portugal	1º Ciclo do Ens. Básico	Desc.	Desempregada
FG	Portugal	Secundário	Diretor e Gerente de Restauração	Empregado	Portugal	Secundário	Apoio Administrativo	Empregada
G	Portugal	3º Ciclo do Ens. Básico	Rececionista	Empregado	Portugal	3º Ciclo do Ens. Básico	Operadora de caixa	Empregada
GL	Portugal	Secundário	Desc.	Desempregado	Portugal	2º Ciclo do Ens. Básico	Desc.	Desempregada
J	Portugal	Secundário	Apoio Administrativo	Empregado	Portugal	Licenciatura	Técnico de Secretariado	Empregada
LA	Portugal	2º Ciclo do Ens. Básico	Vendedor em Loja	Empregado	Portugal	3º Ciclo do Ens. Básico	Padeira	Empregada
MA	Portugal/ Angola	Licenciatura	Sem profissão	Desempregado	Portugal	Licenciatura	Professora	Empregada
MR	Portugal	Secundário	Desc.	Desc.	Portugal	Secundário	Auxiliar de Educação	Empregada

Nome das Crianças	Pai				Mãe			
	Nacionalidade/ Naturalidade	Formação Académica	Profissão	Situação Emprego	Nacionalidade/ Naturalidade	Formação Académica	Profissão	Situação Emprego
MM	Portugal	Secundário	Operador de Caixa	Empregado	Portugal	3º Ciclo do Ens. Básico	Serviço de proteção e segurança	Empregada
M	Portugal	Licenciatura	Especialista em Engenharia	Empregado	Brasil	Secundário	Contabilista	Desempregada
MI	Portugal	Desc.	Desc.	Desc.	Portugal	Desc.	Desc.	Desc.
NA	Portugal	Desc.	Desc.	Desc.	Portugal	Desc.	Desc.	Desc.
R	Portugal	2º Ciclo do Ens. Básico	Motorista	Empregado	Portugal	3º Ciclo do Ens. Básico	Serviços Pessoais	Empregado
RO	Angola	Licenciatura	Engenheiro agrónomo	Empregado	Portugal/ Angola	2º Ciclo do Ens. Básico	Desc.	Desempregada
S	Colômbia	Licenciatura	Professor de Música	Empregado	Portugal/ Colômbia	Licenciatura	Professora de Arte	Empregada

- **Gráfico E2. Agregado Familiar**



ANEXO F - DADOS REFERENTES AO GRUPO DE CRIANÇAS

- **Tabela F1. Características do grupo de crianças**

Nome das Crianças	Sexo	Data de Nascimento	Idade a 15 Setembro de 2018	Idade a 15 Setembro de 2019	Situação no ano anterior	Nacionalidade
A	M	18 – 09 - 2013	4 A, 11 M	5 A, 11 M	JI	Portuguesa
AL	F	16 – 12 - 2013	4 A, 8 M	5 A, 8 M	JI	Portuguesa
DI	F	22 – 07 - 2013	5 A, 1 M	6 A, 1 M	JI	Portuguesa
D	M	06 – 11 - 2013	4 A, 10 M	5 A, 10 M	JI	Portuguesa
E	M	14 – 11 – 2012	5 A, 10 M	6 A, 10 M	JI	Cabo Verde
F	M	30 – 04 - 2013	5 A, 4 M	6 A, 4 M	JI	Portugal
FG	M	08 – 12 – 2012	5 A, 9 M	6 A, 9 M	JI	Portugal
G	M	10 – 08 – 2013	5 A, 1 M	6 A, 1 M	JI	Portugal
GL	M	02 – 03 – 2014	4 A, 6 M	5 A, 6 M	JI	Portugal
J	M	12 – 11 – 2013	4 A, 10 M	5 A, 10 M	JI	Portugal
LA	F	11 – 04 – 2013	5 A, 5 M	6 A, 6 M	JI	Portugal
MA	F	25 – 04 – 2014	4 A, 4 M	5 A, 4 M	C	Portugal
MR	M	21 – 10 - 2012	5 A, 10 M	6 A, 10 M	JI	Portugal
MM	M	21 – 07 - 2013	5 A, 1 M	6 A, 1 M	JI	Portugal
M	M	24 – 01 - 2013	5 A, 7 M	6 A, 7 M	JI	Portugal
MI	F	24 – 10 - 2014	3 A, 10 M	4 A, 10 M	C	Portugal
NA	F	14 – 12 - 2014	3 A, 9 M	4 A, 9 M	C	Portugal
R	M	02 – 10 - 2012	5 A, 11 M	6 A, 11 M	JI	Portugal
RO	M	30 – 04 - 2013	5 A, 4 M	6 A, 4 M	JI	Portugal
S	M	27 – 12 - 2012	5 A, 8 M	6 A, 8 M	JI	Portugal

ANEXO G – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Pedido de Autorização

Local, 09 de outubro de 2018

Às famílias,

Enquanto aluna de Mestrado de Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educação de Infância, encontro-me na fase de estágio que será realizado na sala do seu educando, sala C.

Para o efeito, irei estar presente até ao dia 21 de janeiro de 2019 e realizarei algumas observações e alguns registos: fotográficos, de áudios e filmagens. Todos os registos são exclusivamente para análise de dados, serão assegurados o anonimato de todos os participantes e a confidencialidade dos dados obtidos, e só farão parte da amostra, as crianças cujos pais autorizem expressamente e por escrito a sua participação.

Para tal basta preencher o destacável abaixo e entregar à educadora. Sem mais de momento, agradeço desde já atenção a este assunto.

Atenciosamente,

Marisa Gonçalves

- -

AUTORIZAÇÃO

Eu ________________________________ encarregado de educação de __________________________________, da sala C, autorizo a participação do meu educando na Prática Profissional Supervisionada II, desenvolvido pela mestranda Marisa Gonçalves, assim como a respetiva recolha de imagens, áudio e filmagens, para efeitos académicos.

O encarregado de educação _____________________________

ANEXO H – INVESTIGAÇÃO

➢ TABELA H1. PRINCÍPIOS ÉTICOS NA INVESTIGAÇÃO

PRINCÍPIOS ÉTICOS E DEONTOLÓGICOS DA PPSII	PRINCÍPIOS ÉTICOS DA INVESTIGAÇÃO (Tomás, 2011)	PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PROFISSÃO (APEI)
OBJETIVOS DO TRABALHO	• Explicação dos objetivos a todos os atores envolvidos de forma a construir uma ética democrática	• "Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspetiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança." • "Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance." • "Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais."
CUSTOS E BENEFÍCIOS	• Deverá ter-se em conta quais os benefícios da investigação para as crianças e apresentá-los. E para além disso identificar os custos ou danos que poderão ocorrer: o tempo, a intrusão à privacidade.	• "Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, situada na comunidade e aberta ao mundo." • "Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance."
RESPEITO PELA PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE	• "Respeitar a privacidade de todas as crianças, assim como a sua confidencialidade, negociando com elas como poderá ser respeitado este processo, ex.: escolha dos nomes divulgados."	• "Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança." • "Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança."

		• "Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade."
DECISÕES ACERCA DE QUAIS AS CRIANÇAS A ENVOLVER E A EXCLUIR	• "Tem que ser dada hipótese às crianças de participarem ou não no estudo, e de entrarem e saírem do mesmo assim que entenderem."	• "Cuidar da gestão da aproximação e da distância na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma." • "Ter expetativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem."
FUNDAMENTOS	• "A investigação tem de ter em conta o papel das crianças e do adulto significativo que as rodeia nos objetivos e nos métodos. As decisões e opiniões não podem ser fundadas só pelos investigadores."	• "Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto."
CONSENTIMENTO INFORMADO	• "As crianças e os adultos envolvidos devem, e têm o direito de ser informados acerca de tudo a métodos, resultados, processos, objetivos e própria natureza de toda a investigação."	• "Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade." • "Trabalhar em equipa, promovendo uma relação de confiança, de cooperação e uma prática examinada." • "Procurar uma atitude que tenha em conta valores claramente assumidos e uma conduta que reúna atenção, respeito e confiança nos outros." • "Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais." • "Promover a participação e acolher os contributos das famílias, aceitando-as como parceiras na ação educativa." • "Garantir a troca de informações entre a instituição e a família."

- **Tabela H2. Registos de Observação de conflitos**

DATA	LOCAL	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	REGISTO DE OBSERVAÇÃO DE CONFLITOS	FR.
8-10-2018	Ginásio	Social	Agressividade	Chego ao ginásio e estão cerca de cinco crianças a atirarem peças de legos, entre outros objetos, umas às outras. São chamados, também alguns nomes.	**1**
	Corredor			As crianças estão a fazer o comboio para ir à casa-de-banho e empurram-se umas às outras, algumas até passando rasteiras.	**1**
	Recreio			As crianças estão a jogar à bola no recreio e agridem-se inúmeras vezes, sendo mais frequente a agressão verbal. Ainda que chamados à atenção, o comportamento mantém-se.	**1**
	Sala			Uma criança quer fazer o mesmo puzzle que outra criança, então empurram-se para ver quem chega primeiro. Quando uma das crianças chega primeiro começam a puxar o jogo e a gritar, até intervirem.	**1**
	Recreio	Social	Partilha	Uma criança está a chorar porque a outra criança trouxe barbies e não lhe empresta.	**2**
9-10-2018	Sala	Social	Agressividade	As crianças chegam ao tapete e empurram-se uns aos outros, para poderem ficar encostados à parede.	**1**
10-10-2018	Sala	Social	Partilha	Estão duas crianças a desenhar e uma está a desenhar com o lápis cor-de-laranja, a outra criança também quer o lápis cor-de-laranja e pede-lhe. A criança continua a desenhar com o lápis como se não lhe tivessem dito nada.	**2**
				A criança traz um pacote de bolachas para a sala para partilhar, mas apenas quer dar a algumas crianças e não a todas. Quando a Educadora Cooperante insiste que a criança tem de partilhar com todas as crianças do grupo, a criança volta a guardar o pacote de bolachas na mochila.	**2**
11-10-2018	Recreio	Social	Partilha	As crianças vão buscar os lápis da sala para realizarem um desenho, a criança x em vez de colocar a caixa dos lápis no meio da mesa, de forma a que todas as crianças os possam utilizar, coloca a seu lado e não deixa ninguém tirar os lápis.	**2**
12-10-2018	Recreio	Social	Partilha	Cada sala tem duas trotinetes que levam para o recreio nesta altura e são as crianças que vão gerindo a sua partilha, ainda que por vezes lhes seja difícil resolver o problema sozinhos e venham pedir a nossa ajuda. (Excerto da Reflexão 1, 12 de outubro de 2018)	**2**

				A criança x leva a trotinete para o recreio, a criança y assim que vê a trotinete, empurra a criança x e tira-lhe a trotinete. A criança x vai atrás da criança y e esta diz-lhe "Saí daqui seu burro, a trotinete é minha."	**2**
	Zona dos Cabides	Social	Cuidado e Respeito pelo Outro: Crianças	As crianças depois de entrarem na sala, vão aos seus cabides arrumar os seus brinquedos. A criança x tira a bola de futebol de dentro da mala de outra criança e começa a jogar à bola na zona dos cabides.	**3**
15-10-2018	Sala	Social e Pessoal	Frustração e Agressividade	Estão a fazer o comboio para irem almoçar, duas crianças estão-se a empurrar a educadora retira uma das crianças do comboio e coloca-a no fim da fila. A criança x saí do comboio, ofende a criança y e começa a dar pontapés às cadeiras e às mesas, por fim senta-se na cadeira de braços cruzados e começa a chorar. O restante grupo segue para o refeitório enquanto a educadora fica a falar com a criança em questão.	**1/4**
16-10-2018	Sala	Pessoal	Cuidado e respeito pelo outro: adulto	O grupo de crianças é muito irrequieto e por isso, tudo o que seja atividades em grande grupo, como por exemplo, a leitura de uma história, é difícil para mim captar a atenção de todas as crianças (Excerto da Reflexão 2, 16 de outubro de 2018)	**3**
17-10-2018	Sala	Pessoal	Frustração e Agressividade	Ao contar a história do Nabo Gigante, recriámos a ação de puxar o nabo e uma criança queria ter sido escolhida para ser o rato, como o seu pedido não foi aceite de imediato a criança não quis participar na história e empurrou a criança que ia fazer de rato.	**1/4**
		Pessoal	Cuidado e Respeito pelo Outro: adulto e criança; Agressão	Conto a história do Nabo Gigante, através do computador. Ainda assim, é necessário chamar à atenção a algumas crianças durante este momento, que estão a dar pontapés nas costas das crianças que estão a ouvir a história.	**3/1**
18-10-2018	Sala	Social	Cuidado e respeito pelo Outro: adulto	Estava a realizar uma atividade de experimentação de dois ingredientes: sal (fino e grosso) e açúcar, em pequenos grupos. Cada prato tinha um ingrediente com o objetivo que as crianças o pudessem provar e através do paladar distinguir o açúcar do sal. Vou passando o prato de criança a criança e uma das crianças começa a retirar açúcar para comer, eu peço-lhe para esperar que já vamos experimentar o que está nesse prato, enquanto as restantes crianças acabam de experimentar o sal. A criança em questão continua a tirar açúcar, volto a pedir-lhe e a situação repete-se cerca de três vezes, até que eu lhe digo que se não é capaz de esperar	**3**

				pela sua vez para experimentar os ingredientes não pode estar ali a fazer a atividade em grupo. A criança volta a sentar-se no seu lugar e aguarda pela sua vez.	
19-10-2018	Sala	Social	Cuidado e Respeito pelo Outro: adulto	Cada área da sala tem um número limite de crianças. A Educadora está sentada com todo o grupo no tapete e pergunta a cada criança para onde quer ir brincar, quando chega a altura de uma criança querer ir para alguma área que já está completa a Educadora pede para que a criança escolha outra. Quando esta situação acontece com a criança x esta vai à mesma para a área que pretende e…	**1/3**
			Agressividade	…e diz a uma das crianças que já lá estava anteriormente "Sai burro." E empurra-a. A criança x é chamada à atenção e é-lhe pedido que se sente numa cadeira devido à atitude que teve.	**1**
22-10-2018	Recreio	Social	Partilha	Hoje uma criança trouxe uma bola de futebol de casa para jogar quando fosse para o recreio. Assim que chego ao recreio, vem uma criança ter comigo a dizer que a outra criança não lhe empresta a bola. Vou tentar resolver a situação, que parece resolvida após uma pequena conversa com o grupo de crianças que está a jogar à bola.	**2**
	Sala	Pessoal	Agressividade	Estão duas crianças a realizar uma construção com os pacotes de leite reciclados, a criança x passa por eles e dá um pontapé nos pacotes de forma a destruir a construção.	**1**
23-10-2018	Sala	Ação	Estratégia 1	Leitura da história: Gosto de ti, Assim, entretanto surgiu uma conversa onde falámos um pouco da história em si, e no fim dêmos exemplos de coisas que aconteciam no nosso dia a dia que também aconteciam na história. Criação e apresentação da Árvore dos Afetos.	**E1**
		Social	Agressividade	Chego ao recreio e uma criança diz-me: "Marisa hoje foi um super herói, o x e o y juntaram-se para bater no w e eu é que separei. Depois a professora x viu e sentou-os."	**M1**
24-10-2018	Recreio	Socia	Partilha	A situação da partilha de trotinetes volta a acontecer. Foi combinado com as crianças que davam duas voltas ao percurso e de seguida trocavam com a criança que estivesse à espera. Estratégia que corre bem com algumas crianças e com outras só se estivermos ao pé delas.	**M2**
	Sala	Social	Cuidado e Respeito pelo Outro	A criança x diz que não quer ir às Folkzitas, e vai para a outra ponta da sala, a Educadora Cooperante chama-o e a criança finge não ouvir. A Educadora Cooperante dirige-se à criança e esta começa a fugir pela sala.	**3**
29-10-2018	Recreio	Social	Conflito	Regularmente falamos, em grandes e pequenos grupos de crianças, que não devem bater nem ofender as crianças e que quando estão zangadas e com vontade de o fazer vêm ter comigo para arranjarmos uma maneira de ficarem mais calmos. Uma das crianças disse-me "às vezes	**M1**

				estou mesmo zangado e tu não estás por isso eu bato", sugeri então que quando assim fosse para pedir ajuda a um amigo e o amigo ajudava-o a tentar acalmar-se. Hoje, no recreio houve uma situação de conflito, onde uma criança teve o papel de mediador, agarrou a criança que ia bater na outra e disse-lhe "Acalma-te! Acalma-te!", puxando-o para outro sítio.	
				Outra situação observada: estão sentadas à mesa duas crianças a desenhar e uma diz: "Não consigo fazer isto" ao que a outra responde "Consegues sim, tu consegues tudo."	**M1**
30-10-2018	Sala	Pessoal	Agressividade	As crianças estão a brincar na área da casa, fingem que estão à mesa a almoçar, a criança x passa pela mesa e manda tudo ao chão.	**1**
	Corredor			Num comboio, as crianças dirigem-se para a Orquestra dos Afetos, a criança x empurra a que está à sua frente de forma a que esta caia. De seguida, "passa por cima" e segue o seu caminho.	**1**
31-10-2018	Sala	Ação	Estratégia 2	Quando estamos a voltar para a sala uma criança vem a chorar, sentamo-nos no tapete e começamos a falar sobre sentimentos Algumas crianças identificam o chorar ao sentimento de tristeza, outras dizem que choram quando lhe batem. Uma criança identifica quando fica feliz. (N.C 10) Posteriormente a esta conversa cada criança disse uma ou mais ações que não deveríamos fazer e que deveríamos fazer, para desta forma criarmos as regras da sala. A partir das regras da sala (cf em Anexo) foi possível escutar o que era mais importante para as crianças brincar (frequência de 19 respostas em 20) e que não se deveria bater (frequência de 15 respostas em 20).	**E2**
		Pessoal	Cuidado e Respeito pelo Outro: Criança; Dificuldade em esperar pela sua vez	As crianças na conversa acima apresentada, algumas crianças já são capazes de esperar pela sua vez para falarem, mas também já começam a respeitar ideias diferentes das suas.	**M3**
2-11-2018	Sala	Ação	Estratégia 3	Leitura da história: O Monstro das Cores, conversa e identificação dos sentimentos. Algumas crianças exemplificaram com episódios do seu dia-a-dia, quando é que sentiam certo sentimento, a título de exemplo: "Eu fico calmo quando vejo uma história." Criámos uns monstros e afixámo-los no placard da sala para quando as crianças quisessem que escrevêssemos o que	**E3**

				sentiam em determinada situação pudessem partilhar em grupo e de seguida colocar na caixa do monstro correspondente.	
5-11-2018	Sala	Pessoal	Cuidado e Respeito pelo Outro: Criança; Dificuldade em esperar pela sua vez	Enquanto as crianças marcam as presenças vamos conversando, ainda que digamos sempre para colocarem o dedo no ar quando querem falar, isso raramente acontece. "Atropelam-se" frequentemente umas às outras e quando lhes pedimos para esperar ou amuam, ou ofendem a criança que está a falar.	**1/3**
	Recreio	Pessoal	Cuidado e respeito pelo outro	As crianças estão a jogar à bola, a bola bate na criança x que estava a brincar ali ao pé, caí e começa a chorar. A criança que chutou a bola vai buscara a bola e continua a jogar. Tanto a criança que chutou como as restantes que estavam ali ao pé não se preocuparam com a criança que ficou no chão a chorar.	**3**
06-11-2018	Recreio	Social	Agressividade	Uma criança vem ter comigo a chorar porque estava a jogar à bola e algumas crianças estavam sempre a bater-lhe. Vou com a criança falar com as restantes crianças para tentar perceber o que se passa. A situação repete-se e eu pergunto se posso jogar também, as crianças permitem e desde então a situação não se repete.	**1**
07-11-2018	Corredor	Pessoal	Agressividade	As crianças conforme saem da casa de banho, sentam-se nos bancos que estão no corredor. Uma criança senta-se no banco junto à porta da casa de banho e cada criança que passa ele estica o pé para tentar fazer uma rasteira. Sento-me ao lado dele e converso com ele de modo a que ele pense se o que está a fazer é o correto e se ele gostava se fosse ele a sair da casa de banho e que estivesse uma criança a fazer-lhe isso. De imediato, encolheu a perna, abanou com a cabeça e começou a falar comigo sobre o que seria o almoço.	**1**
	Sala	Social	Partilha	A criança x trouxe rebuçados e ao final do dia, na nossa reunião de grupo, pede para dar um rebuçado a cada um.	**M2**
08-11-2018	Sala/Recreio	Ação	Estratégia 4	Leitura da história "O som das Cores" que fala de uma criança que é invisual, mas que adorava ver as cores do arco iris. Uma amiga arranja uma maneira de lhe dar a conhecer as cores, mas desenvolvendo os outros quatro sentidos que ele tem. As crianças demonstraram gostar da história, mas de forma a compreenderem o que a personagem invisual da história sentia, realizámos um jogo de confiança, onde uma criança colocava uma venda nos olhos e a outra	**E4**

				tinha de a guiar sem que esta fosse contra algum obstáculo. De seguida, explorámos no exterior, as cores da mesma maneira que a personagem.	
12-11-2018	Sala	Pessoal	Necessidade de reconhecimento	Está um grupo de seis crianças na mesa a desenharem, uma das crianças pergunta-me se acho o seu desenho bonito e eu digo que sim, as restantes crianças perguntam o mesmo e eu dou a mesma resposta. A criança que me fez a pergunta inicialmente, questiona-me: "Mas o meu é o mais bonito de todos né?", eu respondo "Acho todos muito bonitos, não consigo escolher um", criança "Sim, mas o meu é mais bonito que eu sei, a minha mãe diz sempre."	**5**
13-11-2018	Sala	Pessoal	Frustração	Por norma, a criança do dia é que ajuda na distribuição dos leites pelas crianças. Uma das crianças perguntou se podia dar e a Educadora respondeu que hoje quem ajuda a dar os leites era a criança do dia. A criança amua, dá um encontrão na cadeira e vai sentar-se no tapete. Passado cerca de cinco minutos pergunto à Educadora se posso ir falar com a criança, e ela diz que sim. Pergunto à criança se posso falar com ela e ela responde que não quer. Eu respondo "está bem, se quiseres falar podes vir ter comigo." E continuo o que estava a fazer anteriormente. Passado um pouco a criança levanta-se vai beber o leite e no fim vem ter comigo. Após uma pequena conversa onde a ajudei a colocar-se no lugar da criança do dia, a criança demonstrou perceber e foi pedir desculpa à Educadora pela sua atitude.	**4**
15-11-2018	Recreio	Social	Cuidado e Respeito pelo outro: criança e adulto	As crianças estão a brincar com os carros que a criança x trouxe, quando a criança pede os carros de volta todos lhe dão menos a criança y, que começa a fugir com o carro. Corre a criança x atrás da criança y, até que é chamada à atenção e lhe é pedido que devolva o carro e esta atira-o para o lado de fora do ji. A Educadora conversa com a criança y e esta apenas encolhe os ombros e cruza os braços. Fica sentada até a Educadora dizer.	**3**
22-11-2018	Sala	Pessoal	Cuidado e Respeito pelo outro: criança; Necessidade de reconhecimento	Estão três crianças a realizar um desenho na folha e a criança x pergunta-me se acho que o seu desenho está bonito, eu digo que sim. A criança y também me pergunta e eu respondo também que sim. A criança x começa a dizer que a criança y a está a imitar e começa a riscar o desenho dela. Peço-lhe de imediato para parar, e digo-lhe que se é para fazer aquele disparate que então não vai continuar a fazer o seu desenho. A criança c amua e depois quando eu dou atenção à outra criança, começa a chorar.	**3**
			Frustração	Quando a situação já parece estar mais calma, pergunto-lhe se podemos conversar, ela diz que sim, sento-me a seu lado e pergunto se ela gostava que lhe fizessem o mesmo. A criança c responde que não, mas que estava a ficar mesmo chateado porque a outra criança o estava a	**M4**

				imitar, a fazer um homem aranha como ela. Em conjunto decidimos que quando ele se sentisse assim chateado que podia ir correr no recreio até estar mais calmo.	
23-11-2018	Sala	Ação	Estratégia 5	Visualização do vídeo da história "Quanto Vale uma Amizade?", esta história adaptada ao computador é apenas de imagens sem som. No final, expliquei às crianças que existiam pessoas que não conseguiam ouvir e falamos um pouco da língua gestual. Posteriormente, cada criança contou o que tinha percebido da história à sua maneira.	**E5**
26-11-2018	Sala	Social	Cuidado e espeito pelo outro: criança	Hoje seis crianças apresentaram as pesquisas realizadas anteriormente para o projeto. Em grande grupo, as crianças demonstraram respeitar a criança que estava a apresentar, não interrompendo e escutando o que era dito. Quando queriam falar colocavam o dedo no ar.	**M3**
27-11-2018	Recreio	Ação	Perceção do conflito	Onde ainda existe muito conflito é quando jogam à bola no recreio, porque uma criança empurrou ou porque fez uma rasteira. Então hoje fui jogar com as crianças à bola e perceber porque é que surgem estes conflitos e tentar arranjar uma estratégia para que não se agridam constantemente. Novas regras no jogo: cada vez que uma criança aleija outra de propósito, perde um golo.	**E**
30-11-2018	Sala	Social	Cuidado e respeito pelo outro: criança; e frustração	Estão quatro crianças a brincar com os fantoches e decidem fazer uma dramatização, convidam-me para assistir e colocam-se atras das cadeiras, de forma a que eu só veja os fantoches. Quando a dramatização começa as crianças falam ambas ao mesmo tempo, uma delas começa a ralhar com as restantes dizendo-lhes que a história não é assim. Uma das crianças quer continuar a história daquela forma e por isso a outra criança vai sentar-se no sofá de braços cruzados e com ar de zangado.	**3/4**
4-12-2018	Sala	Social	Cuidado e respeito pelo outro: criança	Está a criança x a realizar o seu fato para a dramatização e aparece a criança y e diz que já fez o dela, a criança x responde que está a fazer agora o dela, mas que é difícil para cortar. A criança y afirma de imediato "posso cortar se quiseres, ou posso ajudar a por isto no lixo (os pedaços que a criança x já tinha recortado)". A criança x aceita e a y começa a recortar.	**M3**
	Ginásio	Social	Agressividade	As crianças estão a fazer estafetas, quando a criança x está a voltar do seu percurso empurra, sem querer, a criança y. Rapidamente, a criança x pede desculpa.	**M1**
10-12-2018	Sala	Social	Cuidado e respeito pelo outro: criança	A educadora trouxe uma árvore de natal para montarmos na nossa sala. As crianças organizam-se autonomamente em pequenos grupos e cada grupo decide que tarefa é que lhe compete: montar a árvore, colocar as luzes, realizar os efeitos. Todos os grupos se coordenam entre si, esperando pela sua vez.	**M3**

11-12-2018	Sala	Social	Cuidado e respeito pelo outro: criança	A criança x devido à sua necessidade educativa especial, realiza desenhos apenas com pequenos traços soltos, a criança y quando o vê a realizar o desenho para o livro do aniversariante, agarra na caneta e em simultâneo na sua mão e ajuda-o a desenhar.	**M3**
12-12-2018	Sala	Social	Cuidado e respeito pelo outro: criança	É importante referir também que as crianças se ajudam por iniciativa própria, por vezes só nos chamam, aos adultos de sala, quando já tentaram ajudar e não conseguem. Estas ajudas passam por: ajudar a calçar as sapatilhas uns aos outros, chamar à atenção quando falta alguma criança que ainda está a brincar e não ouviu que era para fazer comboio, a ir buscar o lanche às mochilas.	**M3**
				Eu estava sentada à mesa quando chega ao pé de mim o R (6 anos), o MR (6 anos) e a N (3 anos), a N a chorar e o R e o MR pareciam estar preocupados. MR – Marisa, a N estava a chorar ali ao pé dos cabides ela devia estar perdida então nós trouxemo-la. R – Sim, ela disse que não sabia onde estava a sala. Eu – N, estavas perdida? N – Acena com a cabeça Eu – Anda cá (dou-lhe um colo), pronto já passou. Olha temos de agradecer aos amigos que te ajudaram, não é? N – Obrigada Eu – Olha R e MR fiquei muito contente por a terem ajudado. MR – Sim, nós também já temos seis anos já conhecemos bem a escola. R – Sim e temos de ajudar os crescidos. Eu – É isso mesmo, muito obrigada. A N salta do colo, já sem chorar e vai para o recreio.	**M3**
14-12-2018	Sala	Pessoal	Frustração	Em conversa em grande grupo decidimos que duas crianças que anteriormente eram as personagens dentes não se importavam de substituir as personagens que tinham faltado, de modo a que fosse possível realizar a dramatização. Uma das crianças anteriormente tinha dito que não queria trocar de personagem, passado um pouco veio ter comigo e disse "eu sou o dentista não me importo, depois no outro dia sou o dente."	**M4**
07-01-2019	Sala	Social	Cuidado e respeito pelo outro: criança	Uma criança pede para dinamizar uma atividade à sua escolha, durante o jogo dá oportunidade a todas as crianças, respeita o tempo que estas necessitam e ainda as ajuda quando necessário.	**M3**

08-01-2019	Recreio	Social	Partilha	Um grupo de crianças está a brincar com os brinquedos da criança x, esta levanta-se e diz: vou andar de baloiço. A criança y dá o carro à criança x e esta responde: podes ficar com ele que eu vou para ali.	**M2**
09-01-2019	Sala	Social	Cuidado e respeito pelo outro: criança	Realizamos uma atividade de transformação de uma caixa, o grupo de crianças foi divido em quatro pequenos grupos e cada grupo tinha uma caixa com o objetivo de a transformar no que quisessem (tinham de chegar a uma conclusão em grupo) e utilizando os materiais que quisessem. Foi a primeira atividade com 100% de autonomia por parte das crianças e correu bem, no sentido em que rapidamente chegaram a um consenso do que queriam fazer e das tarefas que iam dividindo autonomamente.	**M3 /M 2**
10-01-2019	Sala	Pessoal	Frustração	A criança ao ver duas fichas diferentes em cima da mesa diz à Educadora que prefere realizar a ficha x e a Educadora diz-lhe que não pode ser, que a dele é a y porque aquela é para outra criança. A criança automaticamente segura na ficha pré-definida para ela e vai realizá-la.	**M4**
	Recreio	Social	Agressividade	A criança x vem ter comigo a dizer “Marisa, tens de ir tomar conta daqueles miúdos que estão só a bater nas miúdas”	**M1**
11-01-2019	Sala	Social	Cuidado e Respeito pelo outro: criança	Durante a apresentação das caixas, quem estava a falar era constantemente interrompido pelas brincadeiras que estavam a surgir no tapete. Tentámos esta apresentação em dois momentos diferentes do dia, mas aconteceu o mesmo em ambos. O grupo que estava a assistir não conseguia ouvir os amigos que estavam a apresentar, por estarem a conversar ou a brincar. Continua a ser uma dificuldade, não tão acentuada, mas ainda presente.	**3**
14-01-2019	Sala	Social	Agressividade	A criança x está a apresentar a sua história ao grupo e a criança y está a falar com a criança do lado. A criança x grita “Shiiuu”, a criança y intervêm e diz “Não se grita! É só dizeres assim shiu baixinho”	**M1**
15-01-2019	Sala	Social	Agressividade	Uma criança de outra sala veio para a nossa sala por se ter portado mal na sua. A criança x pergunta-lhe “O que é que estás aqui a fazer?”, responde a criança y “Estou de castigo, puxei o cabelo à w”. A criança x diz-lhe “Olha porta-te bem que aqui na sala não podemos bater. Isso está nas regras, olha ali (aponta para as regas anteriormente elaboradas)”	**M1**
18-01-2018	Sala	Pessoal	Agressividade	Em conversa de grande grupo, a criança que para mim era considerada como a mais conflituosa, afirmou que eu a tinha ajudado a portar-se bem. Teve noção do processo, mas também foi capaz de identificar que se estava a portar melhor.	**M5**

- Tabela H3. Número de conflitos identificados por categorias

Conflito identificado	Frequência	Melhorias identificadas	Frequência
1. Agressividade	16 situações	M1. Agressividade	7 situações
2. Partilha	7 situações	M2. Partilha	4 situações
3. Cuidado e respeito pelo outro	12 situações	M3. Cuidado com o outro	9 situações
4. Frustração	4 situações	M4. Frustração	3 situações
5. Necessidade de reconhecimento	1 situação	M5. Necessidade de reconhecimento	1 situação

- **Tabela H3. Regras da Sala**

NÃO DEVEMOS FAZER	FREQ.	DEVEMOS FAZER	FREQ.
Cuspir	5	Ver livros	7
Bater	15	Cantar	4
Fazer o dedo do meio	2	Arrumar	3
Atirar areia para os olhos	6	Jogar	7
Deixar tudo desarrumado	8	Partilhar	1
Riscar os trabalhos	2	Ver quem é o menino do dia	2
Fazer rasteiras	9	Beber água	8
Entornar água ou leite	7	Dançar	5
Brincar na casa de banho	2	Fazer desenhos e pintar	13
Deixar o computador ligado	4	Lavar as mãos	11
Puxar os amigos	6	Andar de baloiço	4
Ser mal educado	1	Dar miminhos	2
Atirar peças	1	Portar bem	17
Chamar nomes	6	Brincar	19

- **Tabela H4. Peddy Paper**

PEDDY PAPER – AO SOM DAS CORES		
COR	**PARAGEM**	**AÇÃO**
Vermelho	1ª Paragem – Recreio à frente da sala, na zona do chão vermelho	Audição e tato - As crianças procuram uma zona vermelha para se sentarem e de seguida sentem a pulsação e escutam o som do coração.
Laranja	2ª Paragem – Zona da escadaria no recreio	Olfato e paladar - As crianças sentam-se nas escadas, dou-lhes um pedaço de laranja para estes cheirarem e posteriormente provarem.
Amarelo	3ª Paragem – Parede Amarela no Recreio	Tato - As crianças encontram uma parede amarela ou algum outro lugar e espreguiçamo-nos, enquanto sentimos o sol na nossa pele.
Verde	4ª Paragem – Zona verde nas traseiras da escola	Tato – Sentamo-nos na relva e sentimo-la.
Azul	5ª Paragem – Zona verde nas traseiras da escola	Tato e audição – Deitamo-nos na relva, de olhos fechados a ouvir o som do mar (música)
Roxo	6ª Paragem – Zona de flores no Recreio	Olfato – Descobrimos umas flores com cores idênticas às da história e descrevemos o cheiro da flor.

- **H5. Questionário às famílias**

Caras Famílias,

Ao longo destes dias, tenho observado algumas gestões de conflitos entre o grupo de crianças, onde as crianças recorrem a comportamentos agressivos para a sua resolução. São ainda identificadas algumas situações de frustração.

De modo a corresponder às necessidades do presente grupo de crianças, a equipa educativa irá desenvolver estratégias de forma a responder à questão identificada. Desta forma, gostaria que respondessem às seguintes questões, se possível:

1. Em que situações é que a criança fica frustrada?
2. De que forma é que resolve a situação?
3. Quando surge um conflito em casa de que forma é que a criança reage? Que comportamentos é que utiliza?
4. A que estratégias é que recorre quando a criança está a ter comportamentos menos corretos?
5. A criança fala consigo sobre situações do seu dia-a-dia? Quais são situações mais frequentes?

Agradeço desde já a atenção disponibilizada.

A Estagiária da Escola Superior de Educação de Lisboa,

_____

ANEXO I - PORTEFÓLIO DA PRÁTICA

PORTEFÓLIO DA PRÁTICA

Marisa Gonçalves

(nº 2017128)

Trabalho apresentado no âmbito da unidade curricular de Prática Profissional Supervisionada II

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Docente: Manuela Rosa

2018-2019

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 1
1. CARACTERIZAÇÃO PARA A AÇÃO EDUCATIVA 2
1.1 Meio em que se insere o Contexto Socioeducativo 2
1.2 Contexto Socioeducativo 2
1.3 Equipa Educativa 3
1.4 Ambiente Educativo 4
1.5 Famílias 8
1.6 Grupo de Crianças 10
2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO 12
2.1. Intenções com a equipa educativa 12
2.2. Intenções com as famílias 13
2.3. Intenções com o grupo de crianças 14
REFLEXÕES DIÁRIAS E SEMANAIS 19

INTRODUÇÃO

O presente Portefólio foi realizado no âmbito da Prática Profissional Supervisionada II (PPSII) com o intuito de partilhar todo o processo desenvolvido ao longo destes quatro meses. O estágio foi desenvolvido num jardim de infância, com um grupo de vinte crianças (duas delas consideradas com necessidades educativas especiais), heterogéneas a nível de idades (dos três aos seis anos) e do sexo (catorze rapazes e seis raparigas, heterogéneo a nível de idades e sexo.

Este portefólio está organizado em diferentes pontos:

(i) começa pela caracterização do meio, do contexto, da equipa educativa, do ambiente educativo, do grupo de crianças, e por fim da família;

(ii) Posteriormente a esta caracterização delineei as minhas intencionalidades pedagógicas, intencionalidades essas que foram necessárias para a planificação para a ação que é apresentada logo de seguida no mesmo ponto;

(iii) No ponto três estão todas as reflexões diárias e semanais feitas ao longo do estágio;

(iv) Por fim, são apresentadas as considerações finais de todo este percurso.

1. CARACTERIZAÇÃO PARA A AÇÃO EDUCATIVA

Neste ponto irei apresentar uma sucinta caracterização do meio, do contexto socioeducativo, da equipa educativa, das famílias e das crianças onde realizei a minha Prática Profissional Supervisionada, Módulo II. Para este ponto, recorri ao Regulamento Interno (RI),ao Projeto Educativo (PE), ao Plano Curricular de Grupo (PCG), ao site da Junta de Freguesia, à Plataforma Inovar e à Entrevista realizada à Educadora Cooperante (cf. Entrevista à Educadora Cooperante - em Anexo A).

1.1 Meio em que se insere o Contexto Socioeducativo

O Jardim de Infância está situado no Concelho de Oeiras, mais propriamente num bairro de realojamento com uma população maioritariamente de etnia africana e cigana. É um concelho com uma área de 650 (ha) e com relativamente 25.911 habitantes, em 2011, segundo as informações disponibilizadas no site da Junta de Freguesia. De acordo com o PE, existe um maior número de crianças e jovens, equiparado com a população de idade superior a 65 anos.

É uma zona que está acessível a nível de transportes rodoviários, e é composto maioritariamente por fábricas e serviços de comércio, disponibilizando ainda de contextos socioeducativos e espaços verdes. Devido à riqueza deste contexto, a nível socioeducativo, torna-se numa zona de grande afluência de pessoas. Posteriormente, estes recursos poderão servir como recurso para o presente grupo de crianças.

1.2 Contexto Socioeducativo

O presente agrupamento de escolas é composto por três estabelecimentos: um jardim de infância, uma escola básica e outra escola básica com jardim de infância. Os estabelecimentos foram construídos em diferentes alturas, consoante as necessidades e expetativas dos residentes, “previstas no despacho normativo n.º 55/2008 de 23 de outubro, e numa perspetiva de promoção do sucesso educativo de todos os alunos” (PE (2016/2010, p. 5). O agrupamento por norma, acolhe essencialmente crianças e jovens da área envolvente, sendo que quando necessário acolhe também de concelhos adjacentes.

Posteriormente, em 2006/2007, segundo o PE (2016/2020) o agrupamento recorreu ao Programa Territórios de Intervenção Prioritária (TEIP). De acordo, com a Direção Geral da Educação, é necessária esta intervenção em agrupamentos que estejam situados em “territórios económica e socialmente desfavorecidos, marcados pela pobreza e exclusão social, onde a violência, a indisciplina, o abandono e o insucesso escolar mais se manifestam.” Têm como objetivos prevenir e reduzir o abandono escolar precoce, a redução de indisciplina, e a promoção do sucesso escolar.

Os Princípios Orientadores do agrupamento, segundo o Projeto Educativo (2016-2020), são: igualdade, participação, transparência, responsabilidade e da prestação de contas. E deve ainda atender aos seguintes princípios gerais:

a) Promover o sucesso e prevenir o abandono escolar dos alunos e desenvolver a qualidade do serviço público de educação;
b) Promover a equidade social, criando condições para a concretização da igualdade de oportunidades para todos;
c) Cumprir e fazer cumprir os direitos e os deveres constantes das leis, normas ou regulamentos e manter a disciplina;
d) Observar o primado dos critérios de natureza pedagógica sobre os critérios de natureza administrativa, nos limites de uma gestão eficiente dos recursos disponíveis para o desenvolvimento da sua missão;
e) Assegurar a estabilidade, a eficiência e a transparência da gestão e administração escolares, designadamente através dos adequados meios de comunicação e informação;
f) Proporcionar condições para a participação dos membros da comunidade educativa e promover a sua iniciativa.

O Jardim de Infância é um dos estabelecimentos pertencentes ao agrupamento, e que dá resposta às necessidades e interesses de cem crianças que residem nos bairros de realojamento ao seu redor, com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade.

Relativamente à dimensão organizacional é formado por quatro educadoras, sendo que uma exerce a função de coordenadora e cinco assistentes operacionais (cf. organograma da equipa educativa – em Anexo B). Por conseguinte, relativamente à dimensão jurídica, este pertence à rede pública e é tutelada pelo Ministério da Educação.

No que diz respeito ao espaço físico, é constituído por um só piso composto por cinco salas (vinte e cinco crianças em cada sala), uma casa de banho para os funcionários e uma casa de banho para as crianças, que apesar de ser a mesma para os rapazes e para as raparigas, é ao mesmo tempo dividida; é composto também por um refeitório que é partilhado por todas as salas. Possui ainda um espaço exterior, à volta do edifício.

O horário de funcionamento, de acordo com o regulamento interno é das 8h às 19h, sendo que a partir das 15 horas as crianças ficam ao encargo da equipa do CAF (Componente de Apoio à Família).

1.3 Equipa Educativa

A equipa educativa do JI é composta por quatro educadoras (uma por sala) e cinco assistentes operacionais, que desempenham funções nas salas e uma que sendo a polivalente, dá um apoio geral (cf. Organograma da Equipa Educativa – em Anexo B).

A equipa educativa da sala onde desenvolvi a PPS II é composta pela Educadora Cooperante e por uma Assistente Operacional. Existem ainda duas terapeutas e uma psicóloga que apoiam semanalmente duas crianças com necessidades educativas especiais.

A Educadora Cooperante, segundo as informações recolhidos através da entrevista realizada (cf. Entrevista à Educadora Cooperante - em Anexo A) exerce funções de Educadora de Infância há cerca de vinte anos e tem a preocupação de frequentar uma a duas formações por ano. Não tem nenhum modelo de orientação da prática, tendo uma visão da aprendizagem que só é conseguida através da ação direta do adulto. Prioriza a autonomia, o trabalho, a amizade e também o "brincar muito", como forma de aprendizagem e desenvolvimento.

A assistente operacional, partilhou numa conversa informal, que também já tem quase vinte anos de experiência e que tem a preocupação de frequentar pelo menos uma formação de dois em dois anos.

A relação entre as duas profissionais é uma relação de partilha, entreajuda e confiança no trabalho desenvolvido diariamente. E como afirmam Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) "é indispensável para desenvolver uma ação articulada, que se integra na dinâmica global do grupo e no trabalho que se está a realizar", e por isso, o caminhar juntas para o mesmo destino é fundamental para darmos um bem-estar ao grupo de crianças assim como segurança. (p.29)

Existe uma grande partilha entre todas as equipas de sala, mas principalmente com as terapeutas, que têm sempre o cuidado de partilhar informações relativas à criança antes e depois da sessão/apoio.

1.4 Ambiente Educativo

O ambiente educativo é um fator essencial para as aprendizagens e para o desenvolvimento das crianças e por este motivo, deve ser pensado para elas e se possível com elas. Desta forma, o tempo e o espaço devem assegurar as intencionalidades da Educadora Cooperante e em simultâneo corresponder às necessidades e interesses das crianças. A Educadora Cooperante tenta proporcionar ao grupo "um ambiente atraente, securizante, afetivo e criador de bem-estar, pretendo promover relações agradáveis, que possam fomentar inter-relações saudáveis, que ofereçam descobertas e atividades diversificadas, como forma de motivar as crianças para as suas aprendizagens." (PCG, 2018/2019, p. 6)

(i). Caracterização dos tempos

Na organização do tempo deve ter-se como principal preocupação, a existência de tempo em que a disponibilidade para as crianças, por parte da equipa de sala seja total. Para isso ser possível, é necessário que exista uma organização do tempo tendo em conta a adequação aos ritmos individuais de cada criança e a continuidade dos ritmos familiares.

Os horários e as rotinas segundo Post e Hohmann (2011), devem ser suficientemente repetitivos para permitirem que as crianças explorem, treinem e ganhem confiança nas suas competências em desenvolvimento. A organização do tempo, é apenas uma base que orienta a prática, sendo que o limite das horas nem sempre é cumprido, devido a imprevistos ou até devido a momentos em que as crianças estejam a acabar as suas atividades. As rotinas são delineadas já a pensar nas atividades, mas ao mesmo tempo flexíveis, a Educadora Cooperante afirma que:

> O tempo educativo começa de manhã com a reunião de grupo onde se define o que se vai fazer durante o dia, aceitando sugestões das crianças. Geralmente, as manhãs são para a preparação de materiais e organização. As tardes são para terminar o que se iniciou, brincar nas áreas e reunir para avaliar. Deve tentar-se que todas as crianças passem por todas as áreas durante a semana (cf. Entrevista à Educadora Cooperante - em Anexo A).

Cada momento é importante para as crianças e é pensado pelo Educador sempre com alguma intenção. No momento do acolhimento e da saída, a nossa intenção é que a criança e a sua família se sintam sempre integradas e que exista comunicação entre ambas as partes. No momento do tapete, em que se preenchem os quadros de presença, é um momento também de partilha entre o adulto e a criança, que nos permite proporcionar momentos onde seja promovida a entreajuda, o contato direto da criança com o restante grupo. Estes momentos, em grande grupo proporcionam aprendizagens como o respeito pelo outro, esperar a sua vez, conhecer novas visões; assim como os momentos em pequeno grupo permitem uma atenção e uma prática mais individualizada, priorizando as características especificas das crianças.

As atividades direcionadas pela educadora e as propostas orientadas por mim, realizam-se ao longo do dia, com o apoio da auxiliar. Faz parte da rotina semanal duas atividades isoladas (cf. Tabela 1. Rotina Semanal – em Anexo C): as folkzitas e a orquestra dos afetos, que são danças tradicionais e sessões de expressão musical, orientadas por professores específicos. Ainda assim, a equipa de sala, sempre que possível está presente e participa juntamente com o grupo de crianças.

À hora do almoço as crianças das quatro salas estão juntas no refeitório, cada sala com a sua assistente operacional e a educadora não está presente neste momento, pois é também a sua hora de almoço.

No período da tarde são realizadas atividades no interior ou exterior da sala, com a presença da Educadora Cooperante até às 15 horas. (cf. Tabela 2. Dia Tipo – em Anexo C)

(ii). Caracterização dos espaços

O espaço deve ser organizado e visto como uma "estrutura de oportunidades" (Zabalza, 1987), ser um recurso para a aprendizagem das crianças e onde de acordo com Malaguzzi (1984, citado por Coutinho, A., Day, G. & Wiggers, V., 2012).

> Valorizamos o espaço devido a seu poder de organizar, de promover relacionamentos agradáveis entre pessoas de diferentes idades, de criar um ambiente atraente, de oferecer mudanças, de promover escolhas e atividades, e a seu potencial para iniciar toda espécie de aprendizagem social, afetiva e cognitiva. Tudo isso contribui para uma sensação de bem-estar e segurança nas crianças. (p.90)

Torna-se então essencial, criar um espaço rico e que potencie o desenvolvimento global, respondendo aos interesses e necessidades do presente grupo de crianças. No caso da PPSII, o ambiente educativo é inicialmente organizado pela Educadora Cooperante e pela Assistente Operacional, tendo sempre em conta os interesses, as dificuldades e as potencialidades das crianças.

Posteriormente, este pode ser alterado consoante o feedback ou necessidades do grupo de crianças, a título de exemplo foi a reorganização do ambiente educativo de forma a criar a área do projeto. O espaço da sala (cf. Figura 1.Planta da sala – em Anexo D) da PPSII tem material diversificado, organizado e acessível às crianças. Tem também luz natural visto que existem janelas acessíveis às crianças e duas portas que dão acesso ao recreio.

O espaço está dividido em áreas de aprendizagem, que estão identificadas pelas crianças, não só de forma escrita como também com imagens alusivas às diferentes áreas. A área da pintura, permite estimular o sentido da curiosidade e a necessidade de experimentação da criança, nesta área é proporcionado à criança o processo de exploração, de elaboração, de um produto final. A área das construções, é composta por diversos materiais, alguns até trazidos de casa e recicláveis com o objetivo de exploração, construírem algo em grupo ou individualmente, permite também atividade de classificação, comparação e de ordenação. A área da biblioteca, deve ser uma zona calma, é uma zona onde as crianças realizam atividades mais individualizadas. Esta área permite-lhes familiarizarem-se com a expressão e comunicação, mais propriamente com a abordagem à escrita, assim como com o domínio da linguagem oral. A área das ciências, é composta por materiais trazidos tanto pela Educadora assim como pelas crianças que trazem de casa ou até do recreio. Esta área permite conhecer e identificar diferentes elementos da natureza

(ex.: pinhas, seres vivos), realizar experiências do interesse das crianças para procurarem explicações para fenómenos e transformações que observam no quotidiano. Esta é uma área onde as crianças formam pequenos grupos. A área dos jogos, integra diversas áreas de conteúdo, mas é proporcionado diversos momentos de grande e pequeno grupo, onde as crianças aprendem a ganhar e a perder e a lidar com a frustração. A área da casa é composta por utensílios em plástico a imitar utensílios do quotidiano, mas também de materiais reais (pulseiras, sapatos) o que permite explorar diversas experiências que lhes são familiares a partir da imaginação e da dramatização, brincar ao faz de conta na maioria das vezes em grupo. A nível da comunicação esta área proporciona diversos momentos propícios à linguagem. E por fim, a área do computador que pertence ao conhecimento do mundo tecnológico, e em simultâneo ao interesse e até necessidade de uma das crianças com NEE. Ajuda na interação da presente criança com as restantes, possibilita também que as crianças reconheçam alguns recursos tecnológicos e os saibam utilizar (cf. Figura 2. Áreas da Sala – em Anexo D). A Educadora Cooperante em conjunto com o grupo de crianças, definiram o número máximo de crianças por área.

Existe também um cuidado com a organização dos materiais, por parte da Educadora Cooperante (PCG) que afirma procurar:

> introduzir materiais em quantidade e diversidade suficientes para que as crianças pudessem fazer opções e trabalhar em simultâneo. Cada área contém materiais diversificados para se puder realizar uma maior diversidade de atividades e adaptar aos interesses de cada criança. O uso dos materiais existentes na sala de atividades é flexível na medida em que é possível a transição dos mesmos entre as diferentes áreas. (p.6)

Esta preocupação é observável, visto que há um armário (cacifo) com divisões para cada criança poder colocar os seus trabalhos que faz diariamente e um estojo com o seu material, tem também duas etiquetas com o seu nome completo escrito: uma fica sempre colado na sua divisão juntamente com a sua fotografia e a outra que utilizam para poderem copiar o seu nome, no final de cada semana arrumam no seu dossier individual os trabalhos realizados durante a semana. Existe ainda, um carro com divisões onde colocam latas devidamente identificadas para o respetivo material: lápis de cor, lápis de carvão, canetas de feltro, colas, tesouras entre outros; também este está acessível às crianças e são elas que arrumam e vão buscar quando necessitam.

Outro aspeto importante de salientar é que a sala é rica em diversos materiais, mas não estão todos expostos, são apresentados às crianças e colocados de forma acessível às mesmas, assim as crianças recorrem a estes quando necessitam. Esta estratégia permite que a sala esteja sempre com um ar arrumado e organizado, tal não aconteceria se a educadora quisesse deixar todos os materiais à vista.

Na zona do tapete existe um quadro, um mapa de presenças que para além de ter a sua fotografia tem também o seu nome, um mapa do tempo onde identificam o dia de ontem, o de hoje e o de amanhã, o mapa dos aniversários, desenhos que as crianças vão realizando e alguns poemas que são lidos diariamente.

Antes de entrar na sala existem também os cabides para colocarem as mochilas e os casacos, que são identificados com os nomes deles e com desenhos realizados por eles. Para as crianças colocarem os seus chapéus há os cabides com molas, cada mola tem a fotografia da criança (cf. Fotografias características da sala – em Anexo D).

O ambiente educativo ao estar assim organizado, permite às crianças uma maior autonomia, uma exploração dos materiais existentes, e ainda o desenvolvimento das suas capacidades. Permite também que as crianças saibam onde estão os materiais que necessitam ao longo do dia-a-dia, privilegiando a sua criatividade espontânea e lúdica e, por conseguinte, que seja possível a criação, a exploração e a transformação.

Relativamente ao espaço exterior, este**:**

> dá a volta ao edifício e tem baloiços e diferentes brinquedos como comboios de madeira, tem mesas de madeira, bancos e espaço para as crianças andarem de triciclos, trotinetes e para jogarem à bola. Tem zonas que estão cobertas e outras não. (Excerto da Reflexão, 12 de outubro de 2018)

O espaço exterior é aproveitado ao máximo pelas crianças e permite-lhes que possam realizar atividades ao ar livre, privilegiando a interação com outras crianças de outras salas, que nem sempre têm oportunidade de conviver com elas. Este espaço pode ser utilizado a qualquer hora, sendo que existem certos momentos do dia em que o espaço é partilhado por todas as salas ou apenas pela nossa sala. É importante também para as crianças perceberem que as brincadeiras e os jogos que são realizados dentro da sala, podem ser prolongados para o espaço exterior, que o devemos aproveitar e ao mesmo tempo cuidar.

Tendo em conta que todo este espaço é benéfico para o grupo de crianças, existe um limitador de exploração de cada espaço, que é o fator tempo; assim como afirma Burg (2012), as atividades ou brincadeiras independentemente de estarem a ser ou não proveitosas para as crianças, são sempre interrompidas para que desta forma se sigam os horários pré-definidos, rigorosamente.

1.5 Famílias

As famílias, são os principais responsáveis "pela educação dos filhos/as, têm também o direito de participar no desenvolvimento do seu percurso pedagógico, não só sendo informados do que se passa no jardim de infância, como tendo também oportunidade

de dar contributos que enriqueçam o planeamento e a avaliação da prática educativa." (OCEPE, 2016, p. 16)

A relação com as famílias no contexto onde estou é deveras difícil de ser criada, pois existem entraves por parte do jardim de infância que em certas circunstâncias "fecha" as portas às famílias, tanto em situações festivas como diárias; como também por parte das famílias que quando são convocadas não aparecem por motivos pessoais. Para além disso, o horário que eu realizava não me permitia cruzar com as famílias.

Desta forma, é difícil criar esta relação, tendo em conta que raramente existe contato. As crianças são entregues a uma assistente à porta, raramente entram no edifício e quando entram é para alguma reunião. Quando há possibilidade de contactar com algumas famílias é na hora de saída e mesmo assim, só é possível com as crianças que não ficam para o prolongamento. Por estes motivos conheço a maioria das famílias, através da informação que foi disponibilizada pela Educadora Cooperante, e através do PE.

A pobreza está presente diariamente na vida destas famílias, precisando estas de recorrer ao Rendimento Social de Inserção:

> a pobreza afeta muitas famílias sendo muito elevado o número de famílias que beneficia de Rendimento Social de Inserção. A precaridade económica reflete-se nos casos mais extremos na privação alimentar que atravessa muitos agregados e, sobretudo, muitas das crianças e jovens que chegam à escola diariamente com carências alimentares.
>
> (Projeto Educativo, 2016/2020, p. 6)

De acordo com a informação retirada da plataforma inovar e disponibilizada pela Educadora Cooperante, foi possível analisar (cf tabela E1. Caracterização das Famílias – em Anexo E) que em vinte famílias, seis têm pelo menos um elemento (pai ou mãe) de outra nacionalidade: duas cabo-verdianas e angolanas, e uma brasileira e colombiana, esta diversidade "deve ser encarada como um meio privilegiado para enriquecer as experiências e oportunidades de aprendizagem de cada criança" (OCEPE, 2016, p. 10). É possível identificar que no que diz respeito ao trabalho, em vinte famílias, existem quatro casos desconhecidos; três casos em que nenhum elemento trabalha; seis casos em que apenas um elemento trabalha e por fim sete casos em que ambos os elementos trabalham. Relativamente às habilitações literárias, também existem cinco famílias em que a sua situação é desconhecida, o mínimo grau adquirido é o 1º ciclo por dois elementos, seis elementos têm o 2º ciclo, oito elementos o 3º ciclo, 12 elementos adquiriram o secundário e por fim sete elementos adquiram a licenciatura.

Relativamente ao agregado familiar, a informação foi pedida diretamente às crianças e posteriormente confirmado com a Educador Cooperante. Através da sua análise (cf. Gráfico E2 - em Anexo E), foi possível observar que a maioria dos agregados familiares das

presentes crianças são entre 4 e 5 elementos, sendo que as restantes crianças vivem igualmente com três, seis e oito elementos.

Em conformidade, com a análise realizada anteriormente relativamente aos agregados familiares, os autores do Projeto Educativo (2016/2020) afirmam que:

> Uma larga percentagem dos núcleos familiares encontra-se em situação de rutura parental, sendo vários os casos conhecidos de violência doméstica. A conflitualidade, a agressividade e a violência parece estar associada a muitas das vivências intrafamiliares, surgindo como um dos principais indiciadores no quadro das sinalizações de situações referenciadas por vários departamentos camarários e judiciários. Existe uma faixa da população não ativa por se encontrar em situação de reclusão (p. 8).

Ao analisar as informações obtidas permitiu-me compreender e interpretar as vivências que as crianças têm, ou como afirma Ferreira (2004) o seu "stock de conhecimentos" e de "habitus" originários do seu contexto familiar. Com este conhecimento é-me possível conhecer melhor o grupo de crianças e as suas famílias e consequentemente adaptar as minhas intencionalidades a todos os sujeitos.

1.6 Grupo de Crianças

A sala onde estagiei é heterógena do ponto de vista das idades e do género. A partir da análise dos dados, que foram disponibilizados pela Educadora Cooperante, assim como pelas crianças e pelo PCG, consegui conhecer melhor o grupo que estava a acompanhar, relativamente: ao género, às idades, às nacionalidades e o seu percurso até á data.

Após a análise dos dados, concluo que o grupo de crianças é composto por vinte crianças: catorze do sexo masculino e seis do sexo feminino. O grupo de crianças desta sala foi reduzido devido a duas crianças terem necessidades educativas especiais. Foi possível, verificar que as idades das respetivas crianças, no início da PPSII, estão compreendidas entre os três e os seis anos de idade, sendo que apenas duas crianças têm três anos, seis crianças têm quatro anos, onze crianças têm cincos anos e apenas uma tem seis anos de idade. Esta interação entre crianças de diferentes idades e com diferentes vivências permitiu-lhes que aprendessem umas com as outras, ao invés de ser só com a equipa educativa.

Das vinte crianças, três crianças entraram este ano no presente JI e vinham da valência de creche, as restantes crianças já frequentavam o jardim de infância. Relativamente à nacionalidade, apenas uma criança não é portuguesa, sendo cabo-verdiana (cf. Tabela F1. Características do grupo de crianças - em Anexo F). Ainda que exista apenas

uma criança de outra nacionalidade, a maioria das famílias têm pelo menos um elemento que é de outra nacionalidade. Desta forma e segundo o PCG "Têm hábitos e tradições específicas, muitas das crianças já nasceram cá, mas são mantidos nas rotinas vivenciais das suas famílias. As condições em que a maioria destes jovens vive são de permanente defesa do seu espaço e das suas posses; daí, os seus sentidos estarem treinados para um estado de alerta permanente, permitindo uma resposta defensiva." (p.7) Devido à observação realizada do contexto e do grupo de crianças, são notórias estas características aqui apresentadas em algumas crianças, sendo que, segundo a educadora cooperante, estão a ser melhoradas, tendo em conta que é um grupo que já se conhecia anteriormente e por isso, as relações entre pares começam a surgir.

Potencialidades

É um grupo bastante dinâmico, curioso por atividades diferentes e desconhecidas, participativo e bastante independente tanto nos momentos da higiene e da alimentação, como no decorrer das atividades. São crianças bastante enérgicas e por isso, apreciadoras de atividades que apelam ao movimento físico.

Em alguns momentos existiu entreajuda por parte das crianças e são carinhosas com o grupo, principalmente com crianças que sejam mais novas que elas ou que já saibam antecipadamente que necessitam da sua ajuda, como é o caso da relação que têm com as crianças com necessidades educativas especiais.

Relativamente à relação com os adultos de sala, é sem dúvida positiva, de confiança e carinho; sendo que algumas crianças gostam de desafiar o adulto em algumas situações. Ainda assim, são crianças que demonstram precisar de carinho e muita atenção, principalmente individualizada, o que nem sempre é possível.

Dificuldades

A relação entre o grupo é por vezes muito conflituosa, estando a agressão verbal e física presentes no seu dia-a-dia, principalmente no recreio. Esta característica da agressividade, é uma característica predominante em todos os grupos de crianças deste jardim de infância, e pela informação dada pela educadora cooperante, é um trabalho a ser desenvolvido com as respetivas crianças todos os anos letivos. Muitas das crianças estão habituadas a resolver os seus problemas através da agressão física e verbal; e utilizam este recurso frequentemente.

Outra dificuldade observada é a dificuldade das crianças para lidarem com a frustração. Atividades como a marcação de presenças, por exemplo, que implique que as crianças estejam sentadas a aguardarem a sua vez, é um momento bastante difícil para

elas. Muitas vezes distraem-se com o amigo do lado ou simplesmente com algum pensamento, ainda que a equipa de sala arranje estratégias para os entreter.

> "O grupo de crianças é muito irrequieto e por isso, tudo o que seja atividades em grande grupo, como por exemplo, a leitura de uma história, é difícil para mim captar a atenção de todas as crianças." (Excerto da Reflexão Diária 2, 16 de outubro de 2018)

As intencionalidades que a Educadora Cooperante propõe são: a diferenciação pedagógica, a observação, planear e observar com as crianças, articular com as famílias, pares e equipa.

2. ANÁLISE REFLEXIVA DA INTERVENÇÃO

Ao analisar e refletir, no ponto anterior, sobre o contexto socioeducativo, a equipa educativa, as suas família e o respetivo grupo de crianças, defini as minhas próprias intencionalidades pedagógicas de modo a respeitar a individualidade de cada criança e a dar resposta às suas necessidades; mas também tendo em conta as intencionalidades pedagógicas da Educadora Cooperante, apresentadas anteriormente, de forma a priorizar por isso algumas dessas intencionalidades com que concordasse, para que fosse possível dar continuidade a um trabalho anteriormente começado.

Tal como afirmam as autoras Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016), a intencionalidade advém das reflexões frequentes da nossa prática e como as organizamos diariamente, onde deve estar sempre presente o ciclo de observar, planear, agir, avaliar. Baseei-me em diversas formas de registo, tais como: registos, planificações, fotografias, reflexões, desenhos e áudios.

2.1. Intenções com a equipa educativa

O educador não trabalha ou não deve trabalhar sozinho, mas sim em equipa. Ao longo da minha experiência académica e profissional, adquiri a noção da importância de uma relação de cooperação, da partilha de conhecimentos, dúvidas e dificuldades[1]. Esta intencionalidade é fundamental para "que se desenvolva uma ação articulada, que se integra na dinâmica global do grupo e no trabalho que se está a realizar", que deve abranger não só a equipa de sala, como toda a comunidade educativa (OCEPE, 2016, p. 29).

Para além de existir uma relação de cooperação entre toda a equipa de sala e com todas as equipas da instituição, houve também uma frequente relação de partilha com as

[1] "A Educadora sugeriu que eu perguntasse a cada criança, e que depois quando eu acabasse que ela verificaria para ver se era realmente assim. Foi de facto uma ótima sugestão (…)" (Excerto da Reflexão Diária 9, 04 de dezembro de 2018)

terapeutas das duas crianças que tinham as sessões. As terapeutas para além de falarem com a equipa de sala, permitiam também, que se fosse necessário assistíssemos às sessões[2].

Outra intencionalidade foi dar a conhecer sempre os meus objetivos, as minhas estratégias e a minha prática a toda a equipa educativa de sala, para que desta forma fosse possível que toda a equipa pudesse participar e integrar-se na rotina do grupo, através de propostas de atividades que fossem ao encontro dos objetivos anteriormente definidos pela equipa educativa.

2.2. Intenções com as famílias

O tema sobre as famílias é um tema bastante sensível e complexo, que deve ser trabalhado desde o início ao fim do percurso da criança, pois a criança é a ligação da escola à família e vice-versa. Desta forma, faz parte da minha primeira intencionalidade, criar e estabelecer essa relação para que existam as partilhas dos saberes, das dúvidas, dos acontecimentos. Em concordância Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016), afirmam ser necessário "iniciar uma relação de parceria, individual e coletiva, com as famílias, que constituirá a base de uma comunicação e colaboração a serem continuadas e aprofundadas, ao longo do tempo em que a criança frequenta o estabelecimento de educação pré-escolar" (p. 98). Para que desta forma, as famílias se sintam confiantes ao deixar as crianças na escola e para que nós, enquanto educadores possamos ser assertivos com cada criança de modo individual

Posteriormente, surge a intencionalidade de envolver as famílias no processo educativo, de forma a que estas participem, respeitando as normas da instituição e tendo as condicionantes das famílias.

O primeiro contato com todas as famílias foi de modo formal, através de uma informação (cf. Pedido de Autorização – em Anexo G) onde me apresentava, explicava o propósito da minha presença e pedia autorização para os diversos registos do seu educando. Posteriormente, entrei em contato com algumas famílias, novamente através de uma carta elaborada por mim e pelo seu educando, relacionada com o projeto que iríamos desenvolver[3]. Ao longo do estágio fui-me apercebendo que as famílias não conseguiam, devido à falta de disponibilidade ou outros motivos pessoais, participarem.

---

[2] "Esta partilha foi bastante positiva porque ao presenciar a sessão da terapia do MI apercebi-me de certas estratégias que poderei utilizar com ele no dia-a-dia." (Excerto da reflexão Diária 4, 30 de outubro de 2018)

[3] *"Com o intuito das famílias das crianças, que estão a realizar o projeto participarem, enviámos através de cartas, as perguntas que cada criança queria fazer." (Excerto da Reflexão Diária 6, 14 de novembro de 2018)*

Quando começam a surgir entraves, como: a pouca colaboração/participação das famílias nas atividades pedidas e a falta de relação com as famílias, é um momento em que o Educador deve repensar a sua estratégia. O Educador deve começar por tentar perceber o porquê dessa não participação e posteriormente, implementar algumas estratégias, para promover esta ligação e partilha. Na mesma linha de pensamento, Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) afirmam que é importante que exista uma relação entre o estabelecimento de educação pré-escolar e as famílias, pois ambos contribuem para a educação da mesma criança. A não participação das famílias, neste contexto, pode ser por inúmeros motivos: excesso de carga horária ou trabalharem por turnos, analfabetismo, desconhecimento dos benefícios que a sua participação poderá trazer. Para as famílias que não conseguem participar por diversos motivos, referidos acima, o educador encontrará "outras formas de obter o seu contributo para o que se está a realizar, garantindo que todas as crianças vejam representados os contributos dos seus pais/famílias" (OCEPE, 2016, p. 28))

A Educadora Cooperante convidou-me a participar na reunião de pais e de realizarmos um vídeo para as famílias. Esta reunião proporcionou a oportunidade de conhecer algumas famílias que ainda não conhecia, e tendo em conta que as famílias "têm o direito de conhecer, escolher e contribuir para a resposta educativa que desejam para os seus filhos (OCEPE, 2016, p. 29), de apresentar um vídeo onde fosse possível partilhar e dar a conhecer às famílias, um pouco de tudo o que acontece no jardim de infância, com a intencionalidade de estas terem a oportunidade de conhecerem aquilo que anteriormente não foi possível. As reuniões de pais, são uma estratégia para as famílias participarem e terem conhecimento da prática do educador, assim como do seu trabalho a desenvolver com o grupo de crianças. É ainda, uma oportunidade para os educadores conhecerem melhor as famílias das crianças, que nem sempre é possível estarem presentes; assim como para as famílias sentirem que a nossa sala é uma porta aberta não só para as crianças, mas também para as famílias.

2.3. Intenções com o grupo de crianças

Relativamente ao grupo de crianças, a principal intencionalidade que esteve presente ao longo de toda a PPSII foi a de estabelecer uma relação de confiança e afetividade com as crianças, respeitando sempre as suas individualidades. Para que tal fosse possível, tive o cuidado de me apresentar às crianças e de lhes explicar qual o papel que iria desempenhar. Posteriormente comecei a participar, juntamente com as crianças na sua

rotina, e em simultâneo a interagir com elas quando estas o permitiam[4]. As relações que se foram criando, foram à base do carinho, do respeito, da compreensão tendo em conta, como afirma Portugal (s.d), a "perspetiva da criança e focalizam-se na promoção da sua implicação e bem-estar", permitindo assim, agir consoante os seus interesses e necessidades. (p. 8) A comunicação é um fator imprescindível na relação educador criança, tanto a comunicação verbal como a não verbal que está presente nas produções das crianças, nas fotografias, nos registos e na observação.

Uma das características que mais define as crianças do presente grupo é a frequência em que estas estão em conflitos e os resolvem de forma agressiva, tanto verbalmente como fisicamente, por esse motivo delineei a intencionalidade de promover relações de entreajuda, cooperação, partilha e respeito entre pares, que se enquadrou na investigação realizada durante a PPSII. Um exemplo de uma atividade realizada com as crianças foi a árvore dos afetos, onde cada criança realizava um desenho para outra criança e referia algo que gostasse nessa criança.

É importante para as crianças aprenderem a viver em sociedade, para que tomem iniciativas e assumam responsabilidades, exprimam as suas opiniões e sejam capazes de confrontá-las com as dos outros. Assim sendo, através das estratégias ao longo do estágio implementadas, as crianças vão-se tornando mais recetivas a ouvir e a aceitar/respeitar a opinião dos outros e por conseguinte a trabalharem em grupo. As minhas estratégias chave nesta intencionalidade foram duas e estiveram sempre interligadas: a primeira era a de tentar estar sempre disponível para quando as crianças me chamavam para as ajudar a resolver alguma situação, o que nem sempre era possível devido ao horário; e a segunda era a de conversar com as crianças e chegar ao consenso de como poderíamos, em conjunto, arranjar uma solução para o problema em questão e proporcionando-lhes espaço e tempo para resolverem entre si os conflitos antes de eu intervir. Dessa forma, foi possível verificar algumas melhorias.

Posteriormente, a conhecer as características do grupo de crianças, vou-me apercebendo de quais os seus interesses e dificuldades, que dá sentido à seguinte intencionalidade propor atividades juntamente com as crianças, tendo em conta os seus interesses e as suas necessidades. Interesses e necessidades estas que observava diariamente através das brincadeiras das crianças, das suas conversas comigo ou com o restante grupo, da dedicação que disponibilizavam a certas atividades, principalmente a histórias. Para isso, é essencial e faz parte do papel do educador escutar atentamente e considerar as opiniões das crianças, garantindo a sua participação nas decisões relativas

[4] ***"****Vamos criando uma relação a pouco e pouco, algumas vezes pedem ajuda para montar o puzzle ou para brincar com elas, desta forma consigo conhecer também cada criança de modo individual." (Excerto da Reflexão Diária 2, 19 de outubro de 2018)*

ao seu processo educativo (OCEPE, 2016). Inicialmente, foi necessário que se criassem oportunidades de participação, de escolha, de tempo para as crianças expressarem e comunicarem[5]. Comecei a planear em conjunto com as crianças as suas atividades, levando propostas que eram dinamizadas por elas e tornando o meu papel como mediadora[6]. Para além de planificar com as crianças começámos a ter um momento de avaliação, ao final do dia onde cada criança que quisesse falar exponha o que tinha gostado mais e menos de fazer, quais as suas dificuldades, entre outros aspetos relevantes para a criança. Em concordância Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) apresentam que a criança deve participar no seu processo de aprendizagem, desta forma a criança é capaz de perceber o que aprendeu, como e quais as suas dificuldades.

Com base na intencionalidade anterior, foi possível delinear a minha terceira intencionalidade que foi promover a aprendizagem ativa da criança, sendo esta um ator principal no seu processo de aprendizagem**.** Como afirmado anteriormente no presente relatório, a Educadora Cooperante não segue nenhum modelo de orientação da prática, tendo uma visão da aprendizagem que só é conseguida através da ação direta do adulto. Ainda que respeite a sua prática, sigo outros rumos, tendo uma visão diferente de criança, defendo que as crianças são caracterizadas pelas seguintes palavras: atores, individuais e coletivos, tal como afirmam Ribeiro e Cabral (2015). Atores no sentido em que são as próprias crianças que participam de forma ativa no seu dia-a-dia; individuais no que diz respeito às suas características especificas, necessidades e interesses que são diferentes de criança para criança; e coletivos visto que as crianças vivem em sociedade. A metodologia de trabalho de projeto (MTP), é uma das estratégias para corresponder a esta intencionalidade, tendo em conta que desenvolvi juntamente com as crianças um projeto de acordo com os interesses das crianças Este método de trabalho promoveu diversas aprendizagens significativas, tais como apresenta Vasconcelos (2011): "a recolha e tratamento de informação e, simultaneamente a aprendizagem do trabalho de grupo, da colaboração, da tomada de decisão negociada, a atividade meta-cognitiva, e o espírito de iniciativa e criatividade" (p. 9), que permitiram desenvolver a participação das crianças, em pequenos e grandes grupos, tendo em conta os seus interesses.

As presentes intencionalidades foram realizadas no decorrer da ação, através de atividades planeadas com as crianças, sendo que algumas foram propostas apenas por mim. Devido à boa relação com a equipa educativa e com as crianças, foi possível assumir o

[5] *"É importante que as crianças também tenham a oportunidade de dinamizar certas atividades ou jogos que conheçam, pois é através destas oportunidades que é possível existir a partilha da cultura e das vivências de cada criança." (Excerto da Reflexão 11, 7 de janeiro de 2019)*

[6] *"No final as crianças demonstraram um grande interesse na dentadura que realizámos em conjunto e então propus que podiam tentar representar os seus dentes em plasticina, por exemplo" (excerto da Reflexão Diária 8, 26 de novembro de 2018)*

grupo de crianças, tanto em pequeno como em grande grupo, assim como tomar decisões relativamente à organização do tempo, do espaço e das atividades. Assim como as autoras Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) afirmam planear permite alargar as aprendizagens e conhecimentos da criança, agir com a base da planificação, mas de forma flexível privilegiando novas aprendizagens que possam surgir. Para que tal seja possível acontecer, é necessário estar predisposta a ouvir as propostas das crianças e sempre que possível colocá-las em prática.

Encadeado com as planificações surge a avaliação, que é iniciada através de reflexões diárias sobre a minha prática durante a PPSII, sobre a organização do ambiente educativo. Outro aspeto importante é a observação do grupo de crianças no decorrer das atividades. A avaliação segundo Portugal (2012), deve ser contínua no decurso da experiência de jardim de infância e configuram-se como uma abordagem mais autêntica, fidedigna e respeitadora do desenvolvimento e aprendizagem das crianças (p. 596). A avaliação é determinada como avaliação autêntica, pois é realizada através de registos que são recolhidos diariamente por um profissional que conhece a(s) criança(s) em questão. Ao realizar esta recolha de informação permite-me "apoiar e amplificar a aprendizagem" das crianças que vou acompanhando (Idem, p. 597).

A avaliação que realizei, não é uma avaliação quantitativa, mas sim qualitativa, ou como definem as autoras Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) é uma avaliação "para a aprendizagem e não da aprendizagem", no sentido em que me centro apenas no progresso da criança em questão (p. 16). Esta avaliação realizada serve para eu ir adequando a minha intervenção, tendo em conta que as crianças fazem parte integrante deste processo de planeamento e avaliação. Na mesma linha de pensamento as autoras Silva e Craveiro (2014) afirmam que "a avaliação deve ser parte integrante da rotina e basear-se tanto na criança quanto no currículo, constituindo um processo onde se observa, documenta e interpreta os comportamentos das crianças e se reflecte sobre como as práticas educativas auxiliam ou limitam a sua aprendizagem."

Recorri também ao portefólio da criança, sendo este uma técnica de avaliação das aprendizagens da criança, onde é possível observar as competências adquiridas e em simultâneo a sua participação em todo o processo, dando-lhe voz. As autoras Silva e Craveiro (2014) afirmam serem "importantes atividades que estimulam a criança a aplicar, analisar, sintetizar e avaliar as suas realizações." (p. 36) Desta forma, a criança ajudou na elaboração do seu portefólio, escolhendo as atividades que queria colocar, e posteriormente refletiu sobre a aprendizagem que realizou anteriormente, identificando as suas dificuldades, o que mais gostou de realizar e porquê. A título de exemplo surge o comentário: "Eu não queria fazer este desenho porque estava muito cansado. Quando eu estou cansado não sei desenhar. Mas ficou muito fixe, consegui fazer o carro igual ao do pai de vermelho, eu pinto

sempre tudo de vermelho (MM, 5 anos)". Ainda que seja importante a participação da criança na elaboração do seu portefólio, é necessário ainda dar a conhecê-lo à família, proporcionando a oportunidade de estes o poderem ver, assim como contribuir com a sua participação. Foi desenvolvido desde novembro até janeiro, organizado cronologicamente, com trabalhos que desenvolvia sozinho ou orientados por mim, o seu portefólio incluiu algumas fotografias tiradas por mim, algumas tiradas por ela, mas ambas escolhidas pela criança.

A gestão e organização das crianças em grande grupo foi inicialmente uma grande dificuldade enquanto estagiária, visto que as crianças inicialmente não me conheciam nem eu a elas e portanto, não sabia como intervir com cada uma. De forma a dar resposta esta dificuldade foram surgindo diversas estratégias, tais como: observação das crianças tanto quando estavam em grupo como individualmente, mais interação adulto-criança nas atividades e proporcionando mais momentos para a participação das crianças.

Outra dificuldade inicial foi adequar as atividades aos seus interesses e necessidades tendo em conta que as crianças priorizavam as atividades que promovessem o movimento. A estratégia que utilizei foram pequenos jogos de movimento antes de realizarmos alguma atividade mais calma e atividades no exterior.

Posteriormente, surgiu uma nova dificuldade que foi a resolução de conflitos entre pares, frequentemente, que irei abordar de seguida.

REFLEXÕES DIÁRIAS E SEMANAIS

1ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA – 08 de outubro de 2018

Ao chegar é impossível não ficar maravilhada com o espaço exterior que existe no Jardim de Infância T. Toda a instituição está em boas condições e pensada para as crianças. Existe apenas um **piso e é constituído** por: uma casa de banho para as crianças e outra para as funcionárias; um refeitório onde as crianças almoçam e lancham; uma cozinha e nove salas, duas para as funcionárias e quatro para as crianças, uma sala para o acolhimento e para o prolongamento mas que serve também como um ginásio e outra para o C.A.F.F, existe ainda duas pequenas salas abertas onde estão os cabides para as crianças colocarem as suas mochilas, cada sala serve para dois grupos de crianças. Dentro das salas das crianças existe ainda uma pequena dispensa para colocar materiais.

O horário de funcionamento do JI é das 8h até às 19h. Sendo que o da Educadora é das 9h às 15h/15:30.

REFLEXÃO DIÁRIA – 09 de outubro de 2018

O **grupo de crianças** é heterogéneo tanto em relação ao género e às idades, que são entre os três e os seis anos. São seis crianças do sexo feminino e catorze do sexo masculino. Relativamente às idades duas crianças têm três anos, cinco quatro anos, doze têm cinco anos e apenas uma têm seis anos.

A sala onde estou a realizar o estágio é composta por vinte crianças. O grupo foi reduzido a vinte crianças devido a duas crianças que têm mais dificuldades e por isso necessitam de um maior acompanhamento. Estas crianças têm um acompanhamento especial e semanal duas vezes por semana.

A equipa de sala é uma Educadora e uma Assistente Operacional.

REFLEXÃO DIÁRIA – 10 de outubro de 2018

As crianças ao chegarem ao JI ficam na sala de acolhimento com as auxiliares e às 9h as crianças seguem com a sua Educadora para as suas respetivas salas para o acolhimento e para realizarem diversas atividades, por volta das 10:15 as crianças fazem a higiene e comem o reforço da manhã, algumas crianças trazem de casa outras comem o que JI disponibiliza. De seguida vão para o recreio, juntamente com as restantes salas e brincam até mais ou menos às 11:30. Até ao meio dia as crianças já foram à casa de banho tratar da higiene, para que possam ir almoçar. Quando acabam de almoçar voltam para o recreio para irem brincar, até às 13h que é quando a Educadora volta da hora de almoço vão para a sala brincar e realizar atividades. Perto das 14:30 as crianças começam a arrumar e a prepararem-se para ir lanchar, algumas crianças lancham no JI e ficam para o prolongamento, as outras vão para casa.

REFLEXÃO DIÁRIA – 11 de outubro de 2018

O **espaço da sala** está bastante equipado, dividido e organizado. Está tudo à altura das crianças. A sala é ampla, tem janelas grandes e duas portas que dão acesso ao recreio de cima à baixo. Apesar das áreas não estarem identificados nem por símbolos nem escritas, estão bem divididas e percetíveis: têm a área da pintura com um cavalete com folhas brancas e tintas sempre acessíveis, a área das construções, a área da biblioteca, a área da casa e a área dos jogos. Existe ainda um armário com divisões para cada criança poder colocar os

seus trabalhos que faz diariamente e um estojo com o seu material e duas etiquetas com o seu nome completo escrito: um fica sempre colado na sua divisão juntamente com a sua fotografia e outro que utilizam para poderem copiar o seu nome, têm também um dossier individual onde guardam os seus trabalhos semanalmente. Há também um carro com divisões onde colocam latas devidamente identificadas para o respetivo material: lápis de cor, lápis de carvão, canetas de feltro, colas, tesouras entre outros; também este está acessível às crianças e são elas que arrumam e vão buscar quando necessitam.

Num espaço da sala está um pequeno e baixo armário que tem um aquário por cima com dois peixes (que foi uma das crianças que trouxe) e ao seu lado uma lupa para que as crianças os possam observar sempre que assim o desejarem e também são elas que lhes dão comida, por cima do aquário está o mapa mundo e ao seu lado um globo.

Na zona do tapete existe um quadro, um mapa de presenças que para além de ter a sua fotografia tem também o seu nome, um mapa do tempo onde identificam o dia de ontem, o de hoje e o de amanhã, o mapa dos aniversários e mais acima estão desenhos que as crianças fizeram e alguns poemas que são lidos diariamente. Existem ainda dois computadores, um mais adaptado às crianças e outro dos comuns, existe também material construído pelas crianças para brincarem.

Antes de entrar na sala existem também os cabides para colocarem as mochilas e os casacos, que são identificados com os nomes deles e com desenhos realizados por eles; para as crianças colocarem os seus chapéus há os cabides com molas, cada mola tem a fotografia da criança e à entrada da sala está um placard com desenhos das crianças.

REFLEXÃO DIÁRIA – 12 de outubro de 2018

O espaço exterior dá a volta ao edifício e tem baloiços e diferentes brinquedos como comboios de madeira, tem mesas de madeira, bancos e espaço para as crianças andarem de triciclos, trotinetes e para jogarem à bola. Tem zonas que estão cobertas e outras não.

É interessante observar que todas as crianças brincam não só com o grupo de crianças da sala como também com as crianças das restantes salas.

Cada sala tem duas trotinetes que levam para o recreio nesta altura e são as crianças que vão gerindo a sua partilha, ainda que por vezes lhes seja difícil resolver o problema sozinhos e venham pedir a nossa ajuda.

2ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA – 15 de outubro de 2018

Na semana passada, cada criança decorou o seu boneco com as roupas e acessórios que quis. A roupa que foi dada era em forma das formas geométricas: retângulos para as calças e o quadrado para a t-shirt. Os acessórios que cada criança colocou foram escolhidos, desenhados e alguns recortados por si.

Hoje foi dia de apresentar o resultado final ao restante grupo e concluir a atividade. Com todo o grupo sentado no tapete, cada criança que quis apresentou o seu boneco ao restante grupo, alguns com mais pormenores e outros com menos. A proposta era termos um "gráfico" com as respetivas idades de cada criança. Então desenhei o número das diferentes idades existentes na sala: 3, 4, 5 e 6 anos e afixei na parede, de seguida cada criança entregava-me o boneco para eu colocar no respetivo sítio.

No fim, mesmo antes de os contarmos, o grupo no geral já fazia o comentário "eish, no cinco são bués". Já demonstravam estar a interpretar o "gráfico". Após uma breve conversa (N.C 1), as crianças demonstraram perceber que os bonecos que estavam à frente do número 3, por exemplo, correspondiam ao número de crianças daquela sala que tinham três anos. Por último, contámos quantas crianças tinham 3, 4, 5 e 6 anos e colocámos o respetivo número à frente de cada fila.

O resultado final foi gratificante, tanto para o grupo de crianças que demonstrou gostar de realizar esta atividade, principalmente a decoração dos bonecos, como para mim por ser a primeira atividade que realizo com eles e por ver a sua motivação e interesse.

Nota de Campo nº 1
15 de outubro de 2018

Instituição: JI T **Local:** Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena

Todo o grupo está sentado no tapete a observar o gráfico e alguns reparam de imediato que o número cinco tem muitos bonecos à frente.

R – O cinco tem bués bonecos.

EU – Quanto bonecos é que estão lá?

R – Doze

EU – E o que é que esse número representa?

S – São as crianças que têm cinco anos.

EU – Muito bem. Então há 12 crianças que têm cinco anos.

M – E há duas meninas com 3 anos.

REFLEXÃO DIÁRIA – 16 de outubro de 2018

O grupo de crianças é muito irrequieto e por isso, tudo o que seja atividades em grande grupo, como por exemplo, a leitura de uma história, é difícil para mim captar a atenção de todas as crianças.

Se por um lado uma parte do grupo está bastante interessado e a acompanhar a história a outra parte está às "cambalhotas" no tapete, a conversar com a criança do lado ou a brincar.

A grande questão levanta-se: as crianças que demonstram não estar com atenção podem-se levantar para ir fazer outra coisa ou permanecem até ao fim da história? No meu ponto de vista é uma pergunta difícil de responder, porque neste caso a história iria ser o ponto de partida para algumas atividades e por esse motivo

achar importante que as crianças permaneçam até ao fim, mas por outro lado a vontade delas de estarem ali é pouca ou nenhuma e estão a desconcentrar as restantes crianças que demonstram estar interessadas.

Talvez a melhor resposta será mesmo eu tentar, com algumas estratégias cativar a atenção do grupo.

REFLEXÃO DIÁRIA – 17 de outubro de 2018

Ainda sobre a história do Nabo Gigante, a história do dia anterior… No final do dia de ontem algumas crianças quiseram contar a história, dramatizando-a, uma criança foi o narrador e foi escolhendo quem eram os personagens. A criança E (5 anos), queria ter sido escolhida para ser o rato, mas acabou por não ser e então não quis participar na história.

Hoje quando voltámos a rever a história ele quis ser o narrador, foi contando a história e escolhendo as crianças que seriam certas personagens. Quando chegou à altura do rato, ele disse que o rato era ele e fez de rato.

Para esta criança era importante ser o rato, visto que o rato apesar de não ser a personagem principal é uma personagem bastante importante para a história. É engraçado e interessante a maneira como ele conseguiu atingir o seu objetivo.

REFLEXÃO DIÁRIA – 18 de outubro de 2018

Ao realizar o jogo "Lodo dos Alimentos" reparei que a maioria das crianças ao visualizar a imagem do sal e da pimenta, não associou que o sal fosse o sal, mas sim açúcar devido às suas aparências idênticas.

Por isso, hoje levei açúcar, sal fino e sal grosso para que eles pudessem diferenciar pelo aspeto e pelo sabor. A atividade foi realizada no máximo com cinco crianças de cada vez e decorreu de forma muito tranquila e positiva, com as duas crianças mais novas fiz a experiência a pares e o resultado foi igualmente positivo como com as crianças mais velhas.

No final da experiência, as crianças demonstraram ter percebido as diferenças, principalmente entre o sal grosso e o sal fino. A distinção através da aparência não é assim tão fácil, mas através do sabor foi sem dúvida muito fácil para as crianças.

REFLEXÃO DIÁRIA – 19 de outubro de 2018

Durante a tarde as crianças estiveram a brincar nas áreas, a educadora reuniu o grande grupo no tapete e perguntou a cada criança para que área é que queria ir.

Estes momentos são muito importantes para mim, pois assim consigo aperceber-me de alguns dos seus interesses, que em outros momentos do dia não são tao percetíveis. Vamos criando uma relação a pouco e pouco, algumas vezes pedem ajuda para montar o puzzle ou para brincar com elas, desta forma consigo conhecer também cada criança de modo individual.

Reflexão Semanal

15 a 19 de outubro de 2018

Durante os quinze dias que estive na sala a observar o grupo de crianças, as atividades que iam realizando e por consequência as suas dificuldades e os seus interesses. Fui criando uma relação com cada criança de forma individual e conhecendo-os enquanto grupo também.

Como já considero que conheço minimamente o meio e as crianças, comecei a planear algumas atividades para desenvolver com o grupo. Apesar de realizar planificações semanais, estas, são sempre flexíveis aos interesses e necessidades das crianças naquela semana ou até mesmo naquele dia, pois "planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, para tirar partido delas" (OCEPE, p. 15)

Para além das planificações semanais, realizei também uma planificação para cada atividade. No fim de cada atividade, irei realizar a avaliação da atividade de modo participada, com as crianças e a minha autoavaliação. Ao realizar com as crianças a avaliação da atividade, conversando com elas o que é que fizeram, como e o que é que gostaram mais ou sentiram mais dificuldades, entre outras coisas, vai ser com o objetivo das crianças deste modo, ganharem "consciência dos seus progressos e de como vai ultrapassando as suas dificuldades". (OCEPE, p. 16). Esta avaliação será uma avaliação formativa, ou seja, é uma avaliação para a aprendizagem e não da aprendizagem.

Referências Bibliográficas:

Silva, I. (Coord.), Marques, L., Mata, L & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministério da Educação.

3ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA – 22 de outubro de 2018

O gráfico das idades hoje foi atualizado! A criança que fez seis anos ontem (domingo), assim que chegou ao tapete para o acolhimento e para a conversa sobre o fim de semana, contou de imediato que tinha feito seis anos ontem e que hoje também ia fazer outra vez porque a mãe tinha trazido um bolo para a escola, para cantarmos todos os parabéns.

Entretanto a Educadora faz a seguinte pergunta: "Então se o MR fez anos ontem o que é que temos que fazer ali na tabela das idades?", o MR responde de imediato dizendo que tinha de passar para o lado do R para o número seis. Para além disso, algumas crianças identificaram também que os números que correspondiam à contagem do número de crianças também tinha de ser alterado.

Na altura da apresentação da tabela das idades eu referi que o feedback por parte das crianças tinha sido positivo, hoje fiquei com mais certezas ainda de que correu bem, visto que as crianças se recordam de como o gráfico funciona, e já sabem utilizá-lo.

REFLEXÃO DIÁRIA – 23 de outubro de 2018

A violência entre as crianças é um ato que existe várias vezes ao dia. A educadora cooperante e a auxiliar desde setembro que chamam à atenção às crianças para não o fazerem e conversam diariamente com elas, com o intuito de, pelo menos, diminuir estas agressões que existem não só físicas como verbais.

Hoje levei para a sala um livro intitulado por *Gosto de ti, assim!* que é uma adaptação da história da Carochinha e aborda diferentes conceitos importantes para esta fase que são: o amor, a amizade, a violência verbal e as diferenças de personalidades.

Após contar a história as crianças quiseram falar um pouco da história em si, e no fim dêmos exemplos de coisas que aconteciam no nosso dia a dia que também aconteciam na história (NC. 5).

Nota de Campo nº 5
23 de outubro de 2018

Instituição: JI T **Local:** Sala - Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena **Tema:** *História Gosto de ti, assim!*

Após ouvirem a história, algumas crianças querem falar sobre a história e levantam o dedo no ar. No fim perguntei-lhes:

Eu – E o que é que acharam do cão? (a personagem que chamou nomes à Carocha)

R – Foi mau, chamou nomes de gorda, feia e carochona à Carochinha

MM – E depois a Carochinha chorou e estava muito triste

Eu – Pois foi, a Carochinha ficou mesmo triste. Às vezes quando eu estou ao pé de vocês, também vos ouço a chamar nomes a algumas crianças.

E – Uma vez o x chamou …

Eu – Agora não é importante saber quem é que disse o quê, nem a quem. Às vezes vocês têm atitudes parecidas com a do cão da história.

MR – Sim

Eu – Já pensaram que a criança a quem vocês chamam nomes, fica como a Carochinha? Triste e a chorar?

FG – Pois e depois ficam assim tristes

Eu – Então vamos tentar não chamar nomes nem aos nossos amigos nem a ninguém. Porque as pessoas ficam tristes e nós não gostamos de ver ninguém triste.

Imprimi a história e juntamente com as crianças elaborámos um estendal da história, para ficar exposta na sala durante esta semana e acessível a todas as crianças.

REFLEXÃO DIÁRIA – 24 de outubro de 2018

No contexto onde me encontro acho fulcral dar valor ao lado bom das crianças, elas demonstram necessitar de ajuda na gestão de conflitos entre elas. Então achei importante realizarmos, em conjunto, a árvore dos afetos. Como existem relações muito fortes entre algumas crianças e outras não tão fortes, decidi que as crianças iriam mimar a criança que lhes calhasse, de modo a que nenhuma criança não fosse escolhida.

As crianças realizaram o desenho, colaram a fotografia da criança que lhes calhou e no fim pensavam em alguma coisa boa para dizer. Para que ficasse escrito o que eles tinham dito, perguntava-lhes onde é que elas queriam que eu escrevesse o que estavam a dizer, por respeito ao desenho que realizaram. Todas as crianças queriam que escrevesse do lado do desenho, para que também ficasse visível; todas as crianças exceto uma que pediu para escrever na parte de trás do desenho argumentando "se escreveres aqui (em cima do desenho), ele depois não consegue ver. Escreves assim atrás e depois ele vira para ver".

Respeitar a escolha das crianças é deveras importante, parece uma pergunta banal, mas faz sem dúvida, toda a diferença. Mais uma vez foram visíveis as diferenças e as individualidades de cada criança, que se transparecem em pequenos pormenores como este.

4ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA
29 de outubro de 2018

Ultimamente, tenho reparado num comportamento entre as crianças que é de cuidado com o outro. Anteriormente já tinha reparado neste comportamento, mas apenas com a criança R, mas por esta precisar de certos cuidados. No recreio houve uma situação de conflito e rapidamente o MR agarra o R dizendo-lhe "Acalma-te! Acalma-te!" e puxando-o para outro sítio.

Posteriormente a esta situação observei também uma conversa (NC. 8) entre três crianças que no meu ver são as mais conflituosas do grupo, onde é interessante ver o apoio e incentivo que o MR dá ao E que demonstra precisar de muito apoio e reforços positivos. Outra observação interessante foi quando as crianças demonstraram estarem "chateadas" com outra criança não por ela ter batido, mas sim por não ter pedido desculpa.

Apesar de ser importante apoiar a criança E em certas circunstâncias e atividades, achei importante dar espaço para ser outra criança a ajudar e a apoiar.

Nota de Campo nº 8
29 de outubro de 2018

Instituição: JI T **Local:** Sala - Mesas
Educadora Cooperante: Mª Açucena **Tema:** Conversa entre três crianças

Estão quatro crianças à mesa a realizar uma atividade de observação.

E – Não consigo fazer isto.

MR – Consegues sim, tu consegues tudo.

E – Não consigo nada

MR – E lutares consegues não?

E – Não

R – Consegues sim, tu lutas com toda a gente.

E – Vocês são amigos do G?

MR – Não porque ele não pediu desculpa ao R.

REFLEXÃO DIÁRIA
30 de outubro de 2018

O M (5 anos) tem duas sessões de 45 minutos por semana, de terapia da fala. A sessão é dada numa sala que não a do MI, onde é possível a terapeuta estar sozinha com o M. O M é uma criança que me chamou a atenção por fazer contas de cabeça muito facilmente, e por iniciativa própria.

Observei duas grandes dificuldades no M: a primeira foi ao nível da linguagem, o M tem um vocabulário muito extenso mas ao falar oralmente há muitas palavras que não as consegue dizer de forma correta; o segundo está relacionado com a frustração, qualquer coisa que lhe peça que ele não consiga fazer, o M chora sem sequer tentar.

Esta partilha foi bastante positiva porque ao presenciar a sessão da terapia do MI apercebi-me de certas estratégias que poderei utilizar com ele no dia-a-dia.

Nota de Campo nº 9
30 de outubro de 2018

Instituição: JI T	**Local:** Sala das funcionárias
Terapeuta: Marta	**Tema:** Sessão de terapia da criança Mi

A terapeuta começa por explicar que neste momento está a trabalhar a divisão silábica com a criança no sentido de trabalhar a linguagem e a articulação, visto que o M apesar de ser capaz de comunicar há muitas palavras que ele não diz corretamente.

A terapeuta recorta uma imagem mostra ao M e ele tem de ser capaz de: identificar a imagem pelo nome, enumerar o número de sílabas da palavra identificada e de formar uma frase completa utilizando a palavra chave.

O M cola a imagem no seu caderno e a terapeuta escreve à frente a frase que o M diz. De seguida, pergunta-lhe quantas sílabas tem a palavra, por exemplo "bicicleta", o M olha para cima demonstrando estar a pensar e de seguida diz quatro. A terapeuta insiste que o M diga sílaba a sílaba, porque o que importa, segundo a terapeuta é que o M consiga dizer a palavra corretamente e para isso necessita que ele a divida para dizer todas as partes da palavra. Ele às vezes quer diz em volta alta, outras vezes não.

Ao longo das frases que o M vai dizendo a terapeuta chama-me à atenção para eu reparar que o M quando formula as frases nunca utiliza o artigo indefinido, substituindo-o sempre pelo artigo definido.

A terapeuta afirma que a mãe por ser brasileira, não utiliza os artigos indefinidos e assim, é mais difícil para o M por tem dois estímulos um pouco diferentes.

REFLEXÃO DIÁRIA
31 de outubro de 2018

Nota de Campo nº 10
31 de outubro de 2018

Instituição: JI T	**Local:** Sala - Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Conversa em grande grupo

Eu – Quando é que as pessoas choram?

S – Quando nos arranham.

R – Batem aos meninos.

Eu – Mas porque é que choras? Choras quando estás feliz?

ALI – Quando me batem

Eu – E quando tu choras é porque estás muito contente, não é?

ALI – Não, é porque estou triste.

G – Eu fico feliz quando todos se portam bem.

E – Eu fico contente quando a Açucena diz que eu posso mandar.

É notório, através da nota de campo nº10 e de outras conversas e observações diárias, que muitas crianças identificam o bater ao sentimento de tristeza e como uma coisa má. As regras da sala foram realizadas

em conjunto, cada criança disse uma coisa que podem e não podem fazer e posteriormente construímos duas tabelas.

Ambas as tabelas foram construídas da mesma maneira: colámos numa cartolina as frases ditas pelas crianças e à frente com palhinhas, o número de crianças que disse essa frase. No fim, analisámos em conjunto as tabelas, e por conclusão de algumas crianças reparámos que "podemos brincar" e "não podemos bater" foram as frases mais vezes ditas.

Desde então, sempre que falamos em grande grupo, as regras da sala surgem muitas vezes em conversa, por parte das crianças, principalmente o tema do bater, as crianças muitas vezes dizem que não se pode bater.

Muitas crianças estão a conseguir falar com os adultos em vez de repetirem os comportamentos negativos, e quase todas as crianças quando vêm que alguém está a ter um comportamento negativo, repreendem a criança e dizem "isso não se faz, vai falar com as professoras". Anteriormente, nunca tinha observado estes comportamentos por parte das crianças.

REFLEXÃO DIÁRIA
2 de novembro de 2018

Na parte da manhã contei a história do *Monstro das Cores*, algumas crianças já conheciam e ajudaram a contar a história. À tarde quando chegámos à sala perguntei quem é que queria fazer um monstro, das crianças que quiseram fui chamando duas para que a sua decisão não influenciasse a das restantes crianças, mas também para que conseguisse dar a devida atenção.

Perguntei às duas crianças que iam fazer o monstro como é que queriam fazer, ambos responderam com digitinta, sendo que me pareceu que a resposta da segunda criança foi influenciada pela resposta da primeira, mas também por terem estado a fazer digitinta na quarta feira.

Deste modo, as duas crianças fizeram o monstro com digitinta, mas ambas escolheram as cores que queriam utilizar e o desenho do monstro em si.

A intencionalidade das crianças fazerem um monstro com uma ou determinadas cores foi a de associarem o seu monstro a um certo sentimento igual ou diferente da história e que falasse um pouco sobre o que sentem.

4ª REFLEXÂO SEMANAL

As crianças são agentes capazes, detentoras de direitos e cada criança deve ser vista de modo individual, sendo que as suas características especificas devem ser sem dúvida respeitadas. Segundo Ribeiro e Cabral (2015) as seguintes palavras: **atores**, **individuais** e **coletivos**, são palavras que caracterizam as crianças. Atores no sentido em que são as próprias crianças que participam de forma ativa no seu dia-a-dia; individuais no que diz respeito às suas características especificas, necessidades e interesses que são diferentes de criança para criança; e coletivos visto que as crianças vivem em sociedade. Em concordância Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) apresentam que a criança deve participar no seu **processo de aprendizagem**, desta forma a criança é capaz de perceber o que aprendeu, como e quais as suas dificuldades." (p. 37)

É importante dar voz às crianças, porque "só quando a sua voz é reconhecida é que conseguimos perceber quem são, o que precisam, o que gostam, qual o lugar das crianças no mundo e na infância." (Ribeiro e Cabral, 2015, p. 244). É necessário por isso dar oportunidade às crianças para que estas possam "aprender a participar no seu mundo e a contribuir para ele" (Portugal, 2008, p.33).

Quando perguntamos às crianças se querem fazer algo e elas dizem que não, não quer dizer que não estejam a participar, mas sim que têm escolha de fazer ou não, ou até de fazer noutra altura. É importante que haja comunicação para percebermos o porquê de a criança não querer realizar aquela atividade e que sejamos compreensivas.

A promoção da participação das crianças é da nossa responsabilidade, pode começar pela simples pergunta se a criança em questão quer participar, visto que "não nos podemos esquecer do princípio ético fundamental que corresponde ao consentimento informado por parte das crianças". (Ribeiro e Cabral, 2015, p. 248)

Faz parte do papel do educador também escutar atentamente e considerar as opiniões da criança, garantindo a sua participação nas decisões relativas ao seu processo educativo. (OCEPE, 2016)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ribeiro, A. C. M. & Cabral, S. M. C. (2015). "Aqui nós participamos!": A participação das crianças na educação de infância. In S. Pereira, M. Rodrigues, A. Almeida, C. Pires, C. Tomás & C. Pereira (Orgs.), *Atas do II encontro de mestrados em educação e ensino da Escola Superior de Educação de Lisboa* (pp. 229-239). Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais.

Silva, I. (Coord.), Marques, L., Mata, L & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministério da Educação.

5ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA
07 de novembro de 2018

Hoje realizei juntamente com as crianças, a planificação semanal. Como a conversa em grande grupo no tapete nem sempre corre de forma positiva, tentei a estratégia das cadeiras. Cada criança levou uma cadeira para se sentar e fizemos uma grande roda.

Apresentei uma cartolina amarela, dividida em cinco dias (os dias da semana), com três imagens diferentes: uma alusiva à educação física que é sempre à segunda feira à tarde, outra alusiva à orquestra dos afetos que é sempre à terça e sexta feira de manhã e por último uma alusiva às Folkzitas que é sempre à quarta feira de manhã. Coloquei estas imagens para que desta forma, as crianças se apercebessem que nestes dias já tínhamos algumas coisas pré-definidas.

Após apresentar o mapa e as diferentes imagens às crianças, perguntei "Que atividades é que vocês gostariam de fazer durante a semana?", todas as crianças começaram por dizer que queriam brincar em certas áreas. Posteriormente, fui dando algumas sugestões perguntando-lhes "Que atividades é que vocês gostavam de fazer? Por exemplo: ouvir histórias, fazer plasticina ou outras coisas.", com a ajuda deste exemplo, as crianças demonstraram começar a perceber o que é que eu lhes estava a perguntar. As propostas começaram a surgir por parte de algumas crianças, fazer digitinta, fazer desenhos para as mães, ouvir uma história, pintar e por fim uma criança que tinha faltado na semana anterior disse que gostava de fazer a abóbora que ainda não tinha feito.

As crianças que quiseram foram desenhar as atividades que iríamos realizar ao longo da semana e em conjunto decidimos em que dias é que as iríamos fazer. Senti que as crianças têm uma grande dificuldade em pensar por si próprias o que é que gostam e querem fazer. Outro aspeto que para mim foi importante, foi a resposta inicial "Quero brincar" que foi dada num modo geral por parte de todas as crianças. Em conjunto vamos organizar a semana para que haja mais tempo para que eles próprios possam brincar durante mais tempo.

REFLEXÃO DIÁRIA
08 de novembro de 2018

O livro "O som das Cores" da Paula Teixeira é sobre uma criança que é invisual e sobre a sua amiga que a leva a descobrir que som é que tem cada cor do arco íris. Para além da história ser muito interessante, para as crianças terem conhecimento que existem algumas crianças com certas dificuldades e que nós as podemos ajudar, foi também muito importante porque abordou outras deficiências. O livro traz um CD para colocar no computador, em que a Paula Teixeira conta a história de forma vocal e gestual, desta forma as crianças conhecem a língua gestual e para que serve.

No final da história conversámos um pouco para tentar perceber o que é que tinha passado para as crianças, daquilo que viram e ouviram. Algumas crianças começaram por perceber de que forma é que se formava o arco íris, a que sons é que estavam associadas certas cores e posteriormente que havia uma personagem que não conseguia ver que era o Tomás.

Falámos um pouco sobre a incapacidade, neste caso do Tomás e colocámos as mãos à frente dos olhos para as crianças perceberem o que é que o Tomás "via".

REFLEXÃO DIÁRIA
09 de novembro de 2018

Algumas crianças que estão a participar no projeto dos dentes, têm falado no médico dentista e nos seus utensílios:

Nota de Campo Projeto, nº 4 – Ideia de realizarmos batas
Conversa em grande grupo
J – Eu já fui ao dentista muitas vezes. Eu – Isso é muito importante, nós temos de ir ao dentista muitas vezes para os nossos dentes não terem problemas. **J – Sim, eles usam uma bata como a minha, mas não é igual.** **R - A falar dos dentes estamos a ser dentistas, mas nós não temos as coisas do trabalho que o dentista tem.** **J – Então, mas podemos fazer uma bata como eles têm. Podemos?** Eu – Claro que podemos, acho uma ótima ideia. Como é que querem fazer as batas?

As crianças demonstraram-se empolgadas e ganharam um interesse extra em participar no projeto. Começar pelas batas pareceu-me uma boa ideia, visto que desta forma as crianças também se sentem mais empolgadas.

6ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA
12 de novembro de 2018

Quando as crianças fazem anos levam um livro com os desenhos que as restantes crianças do grupo fizeram para o aniversariante. O MM que por norma até demonstra gostar de desenhar, pediu para eu fazer o desenho por ele, porque não sabia desenhar. Eu propus sentar-me a seu lado a ver como é que ele fazia e assim se precisasse de ajuda para alguma coisa eu já estava ali (NC.12). No fim, o MM foi capaz de fazer o desenho sozinho sem eu ter de intervir diretamente no seu desenho. Quando foi mostrar à auxiliar demonstrava ir confiante através da pergunta/afirmação "Está lindo não está?", a resposta da auxiliar ao concordar que o seu desenho estava lindo também foi muito importante para a confiança e auto estima desta criança.

Nota de Campo nº 12
12 de novembro de 2018

Instituição: JI T — **Local:** Sala - Mesas
Educadora Cooperante: Mª Açucena — **Tema:** Desenho do MM

Sento-me ao lado do MM.

MM – Vou fazer um carro, é assim?

Eu – Eu acho que pode ser sim.

MM – Eu já não quero fazer o carro, quero fazer um extraterrestre

Eu – Então faz lá para eu ver.

MM – Mas eu queria fazer a nave e não consigo.

Eu – Não consegues? Eu tenho a certeza que tu consegues.

MM – Tem de ser assim redonda, como um círculo. (Começa a desenhar a nave, de seguida desenha o extraterrestre) Olha aqui o meu extraterrestre, tem três olhos porque os extraterrestres têm três olhos.

Eu – Ai é? Olha está muito giro, eu tenho a certeza que o J vai adorar. Eu sabia que tu conseguias.

O MM demonstra estar entusiasmado e vai mostrar à auxiliar o seu desenho e pergunta-lhe:

MM – Está lindo, não está?

Aux – Está sim, está lindo de morrer.

O MM sorri.

REFLEXÃO DIÁRIA
13 de novembro de 2018

Através da história "O pequeno azul e o pequeno amarelo" as crianças realizaram a experiência de misturarem a cor azul e a cor amarela nas mãos e fazerem o decalque para ver que cor é que ficava no papel. As crianças andaram a falar sobre esta "magia" (nome dado por algumas crianças), durante alguns dias.

No entanto, hoje voltou a acontecer uma situação idêntica e que foi logo identificada pela criança em questão, que teve a completa noção do porquê de a cor roxa avermelhada ter surgido (NC. 13)

É sem dúvida, mais fácil para as crianças compreenderem certos processos, como este por exemplo, da mistura das cores quando o experienciam do que somente com a nossa explicação. Este processo de eles vivenciarem e experimentarem as cores em cima umas das outras é bastante importante, porque desta forma vão-se apercebendo que cores é que formam outras cores.

Nota de Campo nº 13 **13 de novembro de 2018**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala - Mesas
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Decoração da bata

O A está a decorar a bata, desenhando e pintando. Entretanto pinta a cabeça do seu boneco com a cor vermelha e de seguida pinta por cima com a cor preta, chama-me e diz:

A – Olha fiz roxo

Eu – Fizeste roxo?

A – Sim, mais ou menos é um roxo, vermelho escuro.

Eu – E como é que tu conseguiste arranjar essa cor?

A – Pintei de vermelho e depois logo a seguir com preto e depois ficou assim esta cor, queres ver? Olha.

E pinta de novo.

REFLEXÃO DIÁRIA
14 de novembro de 2018

Com o intuito das famílias das crianças, que estão a realizar o projeto participarem, enviámos através de cartas, as perguntas que cada criança queria fazer.

Ainda demorou um pouco até chegarem as primeiras respostas, em conversa de grande grupo fui relembrando as crianças para não se esquecerem de avisar as famílias que tinham que tentar descobrir as respostas às perguntas que tínhamos realizado.

Passado uma semana, ainda há algumas respostas em falta, algumas crianças em questão, demonstram ficar aborrecidas por a família delas ainda não ter conseguido fazer ou até mesmo por não saberem fazer.

O meu papel será o de pesquisar com essas crianças as respostas às suas perguntas para que estas não se sintam injustiçadas nem excluídas. Não podendo esquecer de proteger a família destas crianças, para que estas não fiquem zangadas com as suas famílias por não terem realizado a atividade com elas, mas sim explicar que às vezes é difícil as famílias terem tempo para tudo, visto que têm que assegurar o bem-estar dos seus filhos. Arranjando em conjunto uma possível estratégia de a família participar em outra circunstância.

REFLEXÃO DIÁRIA
15 de novembro de 2018

O MM foi a criança que escolhi para realizar o portefólio da criança. Como eu já percebi que ele gosta muito de puzzles, fiz um pequeno puzzle da imagem dele, em que o objetivo é perceber se ele reconhece a sequência da figura humana.

Um puzzle era apenas das partes da sua cara e o outro era do corpo inteiro. O primeiro a ser montado foi o da cara, coloquei as imagens para baixo e conforme ele as começa a juntar exclama “Ah olha sou eu, falta

o nariz (cola a imagem do nariz), os olhos (cola a imagem, ri-se) olha os meus olhos malucos." Quando ele cola a parte da testa pergunto-lhe: Que parte é essa? "É a minha testa. E isto é o meu cabelo que fica aqui, acima dos olhos."

Conforme começa a fazer o outro puzzle, exclama: "Sou uma ave." Eu pergunto-lhe: És uma ave? Porquê? o MM responde "Olha os meus braços assim esticados, pareço uma ave a voar". Eu respondo: Realmente tens razão, nem me tinha apercebido. Apontando para as diferentes partes do puzzle vou-lhe perguntando o que são, o MM responde:

- A cabeça, os braços, a barriguinha, coisas das calças.

Eu: coisas das calças?

MM: Sim, estas coisas (pernas) é para porem as calças

Eu: As pernas?

MM: Sim, depois são os sapatos rápidos

Eu: E mais?

MM: A seguir vem o chão.

Com esta atividade percebi que o MM, apesar de reconhecer algumas partes do corpo, ainda não as identifica a todas. No discurso anterior, é possível observar que algumas partes o MM identifica como os braços, a barriguinha (como ele a chama), mas depois refere-se às pernas como as coisas das calças e aos pés como os sapatos rápidos. Ainda assim a figura humana do MM estava vestida, o que possivelmente levou ao MM algumas vezes identificar as peças de roupa em vez do corpo humano.

Para uma perceção exata desta capacidade do MM terei que lhe pedir que identifique posteriormente numa imagem em que seja concreto o corpo humano.

REFLEXÃO DIÁRIA
16 de novembro de 2018

Existe no grupo de crianças, algumas crianças que demonstram gostar de fazer atividades e outras que só gostam de atividades que sejam mais curtas. A criança com que estou a realizar o portefólio da criança, é uma das crianças que demonstra não gostar de atividades que demorem mais do que dez minutos.

Juntamente com o MM formulámos algumas perguntas para ele responder através de desenhos em casa com a sua família, perguntas essas que estavam relacionadas com o MM em casa para que, através desta partilha, o consigamos conhecer melhor.

Numa das folhas escrevemos "Eu sou o MM" e ele quis logo desenhar-se a ele próprio. Dei-lhe a folha e ele começou a desenhar-se, descrevendo o que ia desenhando, como por exemplo "Agora são os braços, falta aqui depois os mãos com os dedos".

No final do desenho, já o MM andava a saltitar na cadeira e então surgiu esta pequena conversa:

EU – Então MM o que é que se passa?

MM – Estou acelerado.

EU – Está acelerado porque?

MM – Estou muito acelerado porque eu gosto muito de arrumar e limpar, posso ir arrumar a pista de comboio?

EU – Podes, mas não queres acabar o desenho primeiro?

MM – Não, já está fica assim.

EU – Então vai lá, se depois quiseres desenhar mais alguma coisa o desenho está no teu cacifo.

O MM levanta-se e vai arrumar a pista de comboios. Cada criança tem os seus interesses e a sua capacidade de concentração, para o MM o tempo que ele esteve dedicado no seu desenho, foi o que ele conseguia. São estes pormenores que nós como Educadoras temos de ter em atenção e não exigir de todas as crianças as mesmas competências.

6ª REFLEXÃO SEMANAL

Esta semana deparei-me com a situação da não participação de algumas famílias, neste caso para o projeto sobre os dentes. Quando esta situação acontece é importante que o Educador comece por tentar perceber o porquê dessa não participação e posteriormente, implementar algumas estratégias, para promover esta ligação e partilha. Em concordância Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) afirmam que é importante que exista uma relação entre o estabelecimento de educação pré-escolar e as famílias, pois ambos contribuem para a educação da mesma criança.

A não participação das famílias, neste contexto, pode ser por inúmeros motivos: excesso de carga horária ou trabalharem por turnos, analfabetismo, desconhecimento dos benefícios que a sua participação poderá trazer.

Para as famílias que não conseguem participar por diversos motivos, referidos acima, o educador encontrará "outras formas de obter o seu contributo para o que se está a realizar, garantindo que todas as crianças vejam representados os contributos dos seus pais/famílias" (OCEPE, 2016, p. 28)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Silva, I. (Coord.), Marques, L., Mata, L & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministério da Educação.

7ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA
19 de novembro de 2018

O G (5 anos) é uma criança que está sempre cheia de energia e demonstra muitas vezes não estar com atenção ao que estamos a fazer. Hoje ele foi o menino do dia, e como menino do dia tem as suas responsabilidades, como por exemplo: fazer a chamada para a marcação de presenças, atualização do calendário e do tempo.

Até à parte da marcação das presenças, o G foi capaz de realizar sozinho, quando chegámos à parte do calendário é que me apercebi que o G ainda não é capaz de identificar os números a partir do número 10 (NC 15).

Nota de Campo nº 15 19 de novembro de 2018	
Instituição: JI T	**Local:** Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Atualização do Calendário

As crianças estão sentadas no tapete, em roda enquanto o G atualiza a semana do calendário.

Eu começo por colocar os quadrados com os números, dos dias desta semana (do 19 ao 25), mas aleatoriamente, no tapete.

EU – G, sabes que dia é hoje?

G – Não.

EU – Vê lá em que dia é que marcamos as presenças de hoje?

O G olha para o mapa das presenças e aponta para o número 19

EU – Boa e que número é esse?

G – Não sei.

EU – Eu ajudo-te, este é o número (aponto para o 1)

G – Um

EU – E o número que está a seguir ao um é o número (aponto para o número 9)

G – Nove.

EU – Exato, então é o número… dezanove. Vê lá se o encontras.

O G olha para os números e volta a olhar para o mapa, até que agarra no número 19 e vai colocá-lo no sítio correto

EU – E a seguir ao dezanove qual é que vem?

O G volta a responder que não sabe e eu aponto para o dia 19 no mapa e digo

EU – Este é o dezanove e a seguir está o vinte, olha é um dois e um zero.

O G repete e procura o número 20 e coloca-o no sítio. Para organizar os restantes números, o G utilizou a mesma estratégia olhando para a sequência dos números que estavam no mapa de presenças.

Ao observar e participar neste momento do dia sou capaz de identificar algumas dificuldades do G ao nível do domínio da matemática e do domínio do português, como por exemplo: a sequencialização, a identificação dos números a partir dos 10 e o seu reconhecimento.

Posteriormente, em atividades que promovam estas aprendizagens vou tentar apoiar mais o G, para que ao seu ritmo consiga adquirir algumas destas aprendizagens.

REFLEXÃO DIÁRIA
20 de novembro de 2018

O RO (5 anos) é uma criança que tem demonstrado uma evolução enorme, desde que eu cheguei. Anteriormente, o RO isolava-se para brincar ou quando alguém ia brincar para ao pé dele, ele saía e ia para a área do computador, possivelmente por estar muitas vezes sem ninguém. Nos últimos dias já brinca e interage com todas as crianças. Outra evolução que tenho vindo a reparar é que o RO já é capaz de se expressar em

algumas situações, como por exemplo: “Marisa, quero trotinete” e “Marisa, posso chichi?”; anteriormente puxava-me pela mão ou simplesmente emitia sons e apontava para o que queria, ainda que não seja capaz de realizar uma construção frásica correta, para o RO já é uma grande conquista.

É uma criança muito carinhosa, está sempre a demonstrar atos de carinho como, dar beijos e abraços, tanto à equipa de sala como às crianças. Muitas vezes quando estamos no tapete ele vem sentar-me ao nosso lado (equipa de sala) e por vezes, até se deita no nosso colo. Hoje aconteceu uma situação em específico, que me pareceu ser mais um comportamento positivo da sua interação com o restante grupo (NC 16).

Nota de Campo nº 16 **20 de novembro de 2018**	
Instituição: JI T	**Local:** Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Conversa sobre o Teatro
Estamos todos no tapete a conversar sobre o teatro do dia anterior, o RO está sentado ao lado de uma criança a dar-lhe beijos na face (comportamento normal e habitual). De repente, dá um beijo na boca e algumas crianças que estavam a ver começam-se a rir, inclusive o próprio RO. A Educadora chama à atenção essas crianças em questão, explica que foi sem querer e de seguida diz ao RO “RO os beijinhos são só na bochecha”. Logo de imediato, o RO dá um beijinho à mesma criança na face e olha para as crianças, que anteriormente se tinham rido, parecendo-me a mim estar há espera das suas reações. Como nenhuma criança reagiu, o RO vira a cara da criança para si, de modo a dar um beijo na boca da mesma. O RO volta a olhar para as restantes crianças e estas voltam-se a rir. O RO repete o comportamento de dar beijos na boca a rir-se, até ser chamado à atenção novamente	

REFLEXÃO DIÁRIA
21 de novembro de 2018

O GL (4 anos) levou o livro “O Monstro das Cores” para casa no dia anterior para contar à sua família. Hoje quando chegámos à sala perguntou logo se podia contar a história ao grupo, e assim o fez. Após contar a história, surgiu alguma conversa por iniciativa do GL (NC 17). O GL é uma criança que falta algumas vezes, mas quando vem, vem com a energia a 100%, quer participar sempre em todas as atividades, se possível ser sempre o primeiro, e é uma criança que gosta e precisa de correr e brincar no exterior.

É uma criança muito autónoma, perspicaz e demonstra gostar de liderar o grupo. Ao observar o GL, foi evidente que ele estava a imitar o adulto da sala, exagerando-o em alguns aspetos, ainda assim para mim esta é uma das melhores formas de repensar e refletir sobre a minha prática e a da Educadora Cooperante.

Outro ponto que eu achei bastante importante foi a atenção e o nível de participação das crianças neste momento. A história já tinha sido contada algumas vezes anteriormente, mas as crianças demonstraram estar interessadas quase como se fosse a primeira vez que ouviam a história; posteriormente ainda participaram ao quererem responder às perguntas realizadas pelo GL, ainda que demonstrassem que nem sempre percebiam ao certo o que é que ele estava a perguntar.

Nota de Campo nº 17 **21 de novembro de 2018**	
Instituição: JI T	**Local:** Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** GL a contar a história

Todas as crianças estão sentadas no tapete e o GL quis sentar-se na cadeira para contar a história "O Monstro das Cores", enquanto contava a história pedia para as crianças que estavam a fazer barulho se calarem.

No final da história fez algumas perguntas:

GL – MR o que é que sentiste com a história?

MR – Eu estou feliz

GL – Não é de ti é da história, é sobre lá dentro.

O MR não responde

GL – Queres pensar um bocadinho? F diz tu

FG – Eu estava muito feliz por tu contares a história.

GL – D o que é que tu sentiste com a história? Vou pegar na história e pôr aqui para vocês verem… começámos por aqui (abre o livro na primeira página e vira a imagem para as crianças)

Praticamente todas as crianças começam a falar sobre aquela parte da história.

GL – Um de cada vez.

Algumas das crianças que anteriormente estavam a falar colocam o dedo no ar outras não. O GL olha para o MR e volta a perguntar-lhe

GL – Já sabes?

O MR mais uma vez não responde

GL – Não olhes para mim olha para o livro. Eu acho que tu devias sair.

R – Eu senti-me calmo e feliz.

REFLEXÃO DIÁRIA
22 de novembro de 2018

A maior parte das crianças da sala já têm cinco anos e já iniciaram a abordagem à escrita dos seus próprios nomes. A Educadora Cooperante, por norma, pede para elas identificarem os seus trabalhos com o primeiro e último nome e com a data (que está sempre escrita no quadro, pela criança do dia); para isso todas as crianças têm uma etiqueta com os seus nomes, em maiúsculas para poderem copiar se precisarem. Apesar de todas as crianças terem esta etiqueta nem todas as crianças conseguem escrever o seu nome, para esses casos eu pergunto à criança se quer que seja eu a escrever e ela passa por cima, ou que faça o picotado para elas fazerem por cima. Quando não querem nenhuma destas hipóteses pergunto então se posso ser eu a escrever o nome.

Há muitas crianças que demonstram o interesse em escrever o seu nome e de saber como se escrevem outras palavras, este comportamento destas crianças acaba por incentivar, às vezes, algumas crianças que ainda não conseguem escrever e que não demonstram interesse, a quererem fazê-lo (NC 18).

Nota de Campo nº 18 **22 de novembro de 2018**	
Instituição: JI T	**Local:** Mesa do projeto
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Abordagem à escrita

A MA (4 anos) e o F (5 anos) estão sentados à mesa a decorar a bata do dentista.

F – Marisa sabes o que é que é isto que eu desenhei?

Eu – Não, é o quê?

F – Uma escova de dentes.

Eu – Uau, está muito gira. O meu irmão usa uma parecida com essa, também é azul.

F – Podes dizer-me como é que se escreve escova de dentes?

Eu – Sim, queres que te diga as letras ou que escreva num papel à parte?

F – Pode ser no papel

Eu escrevo no meu caderno e digo-lhe

Eu – Está aqui, consegues perceber?

F – Sim

Passado cerca de 5 minutos

MA – Marisa eu queria escrever letras, mas eu não sei.

Eu – E o que é que querias escrever com as letras?

MA – Hmm, o meu nome

Eu – Posso ajudar-te se quiseres. Queres que escreva e tu tentas passar por cima?

MA – Sim, mas com pontos não, com letras.

Eu – Está bem, queres escrever em que sítio?

A MA aponta para o sítio onde quer escrever, eu escrevo o nome dela e ela de seguida passa por cima.

REFLEXÃO DIÁRIA
23 de novembro de 2018

Hoje perguntei se as crianças queriam ver uma história no computador, elas responderam que sim. Disse-lhes que era uma história especial pois não tinha som, apenas imagens e que a ideia era que depois contassem aquilo que tinham visto. Esta história "Quanto vale uma amizade?", tal como a anterior "O som das cores", tem uma senhora que está a fazer língua gestual no decorrer da história. As crianças supostamente não sabem o porquê de a senhora estar ali e nem o que está a fazer, já é a segunda vez que aparece e as crianças não nos questionam sobre "quem é aquela pessoa que está ali a fazer gestos".

Ao começar a passar o vídeo uma criança pediu para pôr mais alto porque não conseguia ouvir nada e eu expliquei-lhe que era o suposto, era só para vermos as imagens e tentar perceber a história, utilizando a nossa imaginação. No final houve esta conversa (NC.19) e fomos para a Orquestra dos Afetos o que impossibilitou de lhes explicar quem era a senhora e que era assim que os surdos viam e percebiam a história; mas que será continuada para a próxima semana.

7ª

Nota de Campo nº 19 **23 de novembro de 2018**	
Instituição: JI T	**Local:** Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Conversa sobre a história

Após mostrar a história "Quanto é que vale a amizade?" no computador, onde só passava a imagem sem som e a senhora a fazer a língua gestual. Perguntei o que é que eles tinham visto na história:

M – A menina estava a pôr água na flor.

E – Estava a regar a flor.

AII – O menino estava a jogar à bola e marcou um golo na baliza.

DI – A menina estava a andar de bicicleta.

L– Um menino estava a fazer um desenho.

R - Estavam quase todas a fazer a mesma coisa.

MR – Um menino estava a passear o cão e a brincar com ele.

MM – No quadro estavam de quem eles gostam. O menino tem a menina no quadro e a menina tem o menino no quadro.

D – Eu vi um menino a pintar.

F – Uma trotinete é uma prenda

FG – O menino estava a pintar.

MI – A menina estava com um vestido amarelo foi sentar-se no sofá.

E – O menino estava com a bola a chutar para cima e para baixo.

GL – O rapaz chegou à bola no recreio.

A – A menina estava sentada no chão e no sofá.

J – A menina estava a descer as escadas.

MA – Só conseguíamos olhar não conseguíamos ouvir nada.

NA – Estava na rua e depois foi para a cama.

G – Vi um menino a andar na trotinete. Foi buscar a trotinete a casa.

REFLEXÃO SEMANAL

As crianças ao vivenciarem o seu quotidiano com crianças de várias idades acabam por poderem aprender umas com as outras. Essa partilha de conhecimentos entre elas acontece diariamente com as crianças da sala onde eu estou a estagiar.

Exemplo disso é o interesse pela escrita (reflexão 22.11), uma criança quer saber como se escreve uma determinada palavra e a outra criança que está a realizar a mesma tarefa ouve este pedido e diz que também quer escrever, esta criança até à data não tinha demonstrado interesse para a abordagem da escrita e talvez por isso tenha pedido para escrever letras.

Ainda que o interesse só seja demonstrado por algumas crianças, neste caso as mais velhas, a sala tem um ambiente rico em escritos "etiquetando as áreas da sala e disponibilizando livros e revistas para as crianças

lerem; fornecendo materiais de escrita; organizando rotinas que impliquem escrita e leitura: mapa do tempo, mapa das presenças, distribuição de cartões com os nomes das crianças" (Sousa, 2015, p. 58). Esta estratégia, é um apoio para que as crianças sejam capazes de "utilizar e saber para que serve a leitura e a escrita, mesmo sem saber ler e escrever formalmente" (OCEPE, 2016, p. 66)

A criança ao interagir com a escrita no seu dia-a-dia, vai estabelecendo "hipóteses e construindo teorias infantis, acerca dos sistemas de escrita, antes de chegar ao conhecimento do funcionamento do sistema alfabético." (Sousa, 2015, p. 57). É importante que se dê a mesma importância tanto aos comportamentos de leitura como aos comportamentos da escrita, pois estes desenvolvem-se em simultâneo. Em concordância Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) afirmam que "a aprendizagem da linguagem oral e escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo que se começa a desenvolver muito precocemente e não somente quando existe o ensino formal" (p. 60)

As crianças que ainda não conseguem escrever uma palavra correta, como por exemplo o seu nome ou o mês, mas já conseguem fazer rabiscos e interpretar imagens, "permitem à criança ir construindo representações sobre o mundo da escrita" e com o nosso apoio "as crianças progridem nas suas concepções sobre o escrito" (Sousa, p. 57)

O educador pode promover o prazer da leitura através de histórias e livros, "as histórias lidas ou contadas pelo/a educador/a, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscita o desejo de aprender a ler," (OCEPE, 2016, p. 66). A autora … afirma que estas oportunidades de leitura e escrita, as crianças começam "a encontrar regularidades e invariabilidade na correspondência sons/grafemas, É a partir da regularidade que se vai estabelecendo a correspondência fonema/grafema e que a parte do registo se começa a sistematizar" (Sousa, ,p.60)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Silva, I. (Coord.), Marques, L., Mata, L & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministério da Educação.

Sousa, O. C. (2015). Textos e contextos: leitura, escrita e cultura letrada (1a ed.). Porto: Media XXI

8ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA
26 de novembro de 2018

Hoje, após a marcação das presenças e da conversa em grande grupo sobre o fim de semana ou sobre alguma coisa que as crianças quisessem partilhar, as crianças apresentaram as pesquisas que tinham realizado em casa e na sala.

Apesar de nem todas as crianças fazerem parte do projeto, por opção delas, esta partilha de conhecimentos foi realizada em grande grupo para que as crianças que não sabiam também ficassem a saber e possivelmente se entusiasmassem e quisessem fazer parte do projeto, visto que anteriormente era uma coisa que para elas era desconhecida.

As crianças apresentaram o que tinham pesquisado e foram capazes de explicar, às vezes com ajuda, a pesquisa que tinham realizado com a família. No final desta apresentação, propus construirmos uma dentadura de uma boca de criança em conjunto, visto que tinham demonstrado um maior interesse na apresentação do Mi e do S que era sobre o nome dos dentes e a diferença do número de dentes das crianças para os dentes dos adultos.

Ficámos à volta da mesa, cada criança tirou uma tampa (dente) e quando vinha colar eu perguntava que dente é que ele tinha, a criança respondia se era um molar ou um incisivo, quando a criança ainda não era capaz de dizer o nome, apontava para a imagem dos dentes para sabermos qual é que era e aí dizíamos o nome.

No final as crianças demonstraram um grande interesse na dentadura que realizámos em conjunto e então propus que podiam tentar representar os seus dentes em plasticina, por exemplo. A MA (4 anos) perguntou se eu a podia ajudar a fazer a boca e eu ajudei, de seguida perguntei ao J (5 anos) que estava ao lado da MA a olhar para a boca que tínhamos feito e eu perguntei se ele também queria ajuda ao que ele me responde “Não é preciso eu estou a fazer há minha maneira.”

O J para além de querer realizar a atividade sozinho e bem, não se deixou influenciar pelo modelo que eu tinha realizado com a MA. Ele fez os seus dentes, colocou alguma plasticina preta em cima dos dentes a dizer que eram cáries, porque os dentes não eram lavados.

REFLEXÃO DIÁRIA
27 de novembro de 2018

As crianças que tinham alguns comportamentos mais agressivos, estão de parabéns pois apesar de ainda existirem alguns conflitos entre elas, já são capazes de se acalmarem sozinhas, de virem pedir ajuda a um adulto em vez de “responderem” da mesma maneira e também já são capazes, de se ajudarem uns aos outros nestas situações.

Onde ainda existe muito conflito é quando jogam à bola no recreio, porque uma criança empurrou ou porque fez uma rasteira. Então hoje fui jogar com as crianças à bola e perceber porque é que surgem estes conflitos e tentar arranjar uma estratégia para que não se agridam constantemente.

Assim foi (NC. 20), após esta atitude sempre que alguém caía ficava há espera que eu dissesse alguma coisa em vez de ir agredir a criança que fez a rasteira. Um aspeto que achei importante salientar é que apesar dos cartões existirem ninguém saí do jogo, mas vai perdendo golos que já tenha marcado, por exemplo.

Às vezes para conseguir arranjar soluções ou estratégias temos de passar/vivenciar aquilo que as crianças vivem, penso que dessa forma a estratégia irá ser a mais adequada.

Nota de Campo nº 20 **27 de novembro de 2018**	
Instituição: JI T	**Local:** Recreio
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Gestão de conflitos
Estou no recreio a jogar com algumas crianças, da minha sala e de outras, à bola. Entretanto o E faz uma rasteira ao R e este assim que se levanta vai a correr tentar bater no E, o MR agarra o R e diz-lhe "Acalma-te, acalma-te". Eu: o que é que está a acontecer? R: O E fez-me uma rasteira de propósito. Eu: O que é que já falámos em relação às rasteiras? Vá, cartão amarelo para o E e vamos lá jogar sem rasteiras. As crianças voltam ao jogo.	

REFLEXÃO DIÁRIA
28 de novembro de 2018

O E (6 anos) é uma criança que gosta de desenhar e faz desenhos maravilhosos.

Nota de Campo nº 21 **28 de novembro de 2018**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala - Mesa
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Desenho do E
Hoje quando as crianças foram para o refeitório eu fiquei com ele na sala à espera que ele acabasse o seu desenho. O E faz muitos desenhos tanto para levar para casa como para nos oferecer. Quando vi o desenho dele (img.1) reparei de imediato que um dos bonecos estava pintado com cor-de-rosa claro na cara e outro com castanho: E – Marisa, está giro? Eu – Está muito giro, quem é que são estes meninos a passear num dia lindo de sol? E – Sou eu (boneco com a cara castanha), olha a minha camisola fixe. E este é o meu amigo Francisco Eu – Uau está mesmo bonito e a camisola está muito parecida à tua E – Eu pensei em pintar-me de castanho Eu – Porquê? E – Porque eu sou dessa cor. Eu – Pois é e fizeste muito bem, essa é que é a cor da tua pele. Olha gostei muito desse desenho, posso tirar uma fotografia? E – Claro.	

Apesar de a equipa educativa em sala estar sempre a reforçar que não existe uma só cor da pele, porque todos temos a nossa cor de pele diferente uns dos outros, eu nunca tinha visto isso expresso num desenho, porque costumam desenharem-se de várias cores, mas nunca transmitindo esta noção da realidade e da diferença, através do desenho. Anteriormente, nos desenhos do E (img. 2) eu nunca reparei neste pormenor de ele se pintar realmente com a cor da sua pele.

IMG. 1

IMG. 2

REFLEXÃO DIÁRIA
29 de novembro de 2018

Hoje houve uma pequena sessão intitulada como "Vida de marionetas", onde dois senhores mostraram os diferentes géneros de marionetas que existiam. Posteriormente os senhores foram a cada sala para cada criança realizar a sua marioneta.

A marioneta já estava predefinida, ia ser uma personagem em pau de espetada e foi entregue às crianças já com os braços que eram feitos de cordão e com a cabeça que era uma bola de ping pong, ainda sem cara.

As crianças desenharam a cara que pretendiam, escolheram a cor da lã que queriam para o cabelo e a cor da roupa. Passo a passo, o senhor explicava cada passo e ia apoiando as crianças que necessitavam, assim como nós (equipa educativa de sala).

Com os bonecos terminados o senhor propôs que as crianças pensassem num nome para o seu boneco e que partilhassem com o grupo, algo que o seu boneco gostasse de fazer. Depois iriam dois a dois para ao pé dele apresentar às restantes crianças.

Notei que através desta estratégia, para algumas crianças foi mais fácil partilharem com o grupo o que é que o seu boneco gostava de fazer, do que quando é para falarem de si diretamente.

No geral, as crianças disseram nomes de desenhos animados, de pessoas conhecidas ou das suas famílias, e relativamente ao que é que os bonecos gostavam de fazer as crianças disseram uma coisa que elas próprias gostam mais de fazer, como brincar, jogar à bola.

Ao nível da comunicação oral pode ser uma boa estratégia, para as crianças que têm mais dificuldade em expressar coisas sobre si ao grupo.

REFLEXÃO DIÁRIA
30 de novembro de 2018

Está um grupo de quatro crianças a brincar com os fantoches e a educadora propõe que as crianças coloquem duas cadeiras para eles realizarem o teatro, visto que não tínhamos um fantocheiro. As crianças, passado cinco minutos vêm chamar-me para assistir ao seu teatro. Eu sento-me no chão à frente do "palco" e o A (5 anos)

começa por dizer “desliguem os telemóveis, não podem ter telemóveis aqui” eu pergunto “posso só tirar uma fotografia, antes de o desligar?”, “Sim, podes”.

O teatro começa, mas as personagens e o desenrolar da história está a causar chatices entre as crianças, porque todos querem falar ao mesmo tempo, e pelo que uma das crianças diz “a história não é assim, não tem aquela personagem”. O R (6 anos) demonstra estar amuado e o teatro acaba.

Percebi que aquelas crianças não estavam habituadas a organizarem-se para realizarem estes teatros, então pedi que se sentassem ao pé de mim e expliquei-lhes que têm de saber quem é que fala primeiro e que história é que vão contar, senão falam uns por cima dos outros e quem está a ver não consegue perceber. O R insiste que o J (5 anos) não pode ser o pai e a mãe porque na história dos três porquinhos não existe o pai. Então expliquei-lhes que podemos inventar uma história ou mudar algumas partes das histórias que já conhecemos, não é preciso serem sempre iguais.

De seguida, as crianças começaram a falar e a organizar-se e ainda que o teatro não tenha sido realizado porque depois fomos para a Orquestra dos Afetos, já foi interessante ver esta conversa ser realizada e que se estavam a entender.

8ª REFLEXÃO SEMANAL

(Melhoria da 7ª reflexão semanal)

As crianças ao vivenciarem o seu quotidiano com crianças de várias idades acabam por poderem aprender umas com as outras. Essa partilha de conhecimentos entre elas acontece diariamente com as crianças da sala onde eu estou a estagiar.

Exemplo disso é o interesse pela escrita (reflexão 22.11), uma criança quer saber como se escreve uma determinada palavra e a outra criança que está a realizar a mesma tarefa ouve este pedido e diz que também quer escrever, esta criança até à data não tinha demonstrado interesse para a abordagem da escrita e talvez por isso tenha pedido para escrever letras.

Ainda que o interesse só seja demonstrado por algumas crianças, neste caso as mais velhas, a sala tem um ambiente rico em escritos através: das áreas da sala estão etiquetadas através da escrita mas também de imagens que representam o que está escrito; da biblioteca que é rica em livros sempre à disposição das crianças, por vezes algumas revistas, panfletos; materiais de escrita próprios, na sua caixa ou então no carro dos materiais sempre acessíveis, também; rotinas de escrita e leitura, tais como o mapa do tempo e o mapa das presenças, que tem a fotografia de cada criança e à frente o seu nome, e cada criança marca a sua presença com a primeira letra do seu nome; para além disso, as crianças ainda têm uma etiqueta com o seu nome no seu “cacifo” para cada vez que necessitem, o poderem ir buscar. Esta estratégia, é um apoio para que as crianças sejam capazes de “utilizar e saber para que serve a leitura e a escrita, mesmo sem saber ler e escrever formalmente” (OCEPE, 2016, p. 66)

A criança ao interagir com a escrita no seu dia-a-dia, vai estabelecendo “hipóteses e construindo teorias infantis, acerca dos sistemas de escrita, antes de chegar ao conhecimento do funcionamento do sistema alfabético.” (Sousa, 2015, p. 57). É importante que se dê a mesma importância tanto aos comportamentos de leitura como

aos comportamentos da escrita, pois estes desenvolvem-se em simultâneo, as crianças já começam a escrever os seus nomes, mas também a recontarem histórias, a interpretar algumas palavras que aparecem recorrentemente no seu dia-a-dia, tais como os meses, hoje, ontem e amanhã. Em concordância Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) afirmam que "a aprendizagem da linguagem oral e escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo que se começa a desenvolver muito precocemente e não somente quando existe o ensino formal" (p. 60)

As crianças que ainda não conseguem escrever uma palavra correta, como por exemplo o seu nome ou o mês, mas já conseguem fazer rabiscos e interpretar imagens, "permitem à criança ir construindo representações sobre o mundo da escrita" e com o nosso apoio "as crianças progridem nas suas concepções sobre o escrito" (Sousa, p. 57)

O educador pode promover o prazer da leitura através de histórias e livros, "as histórias lidas ou contadas pelo/a educador/a, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscita o desejo de aprender a ler," (OCEPE, 2016, p. 66). A autora afirma ainda, que estas oportunidades de leitura e escrita, as crianças começam "a encontrar regularidades e invariabilidade na correspondência sons/grafemas, É a partir da regularidade que se vai estabelecendo a correspondência fonema/grafema e que a parte do registo se começa a sistematizar" (Sousa, 2015,p.60)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Silva, I. (Coord.), Marques, L., Mata, L & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministério da Educação.

Sousa, O. C. (2015). Textos e contextos: leitura, escrita e cultura letrada (1a ed.). Porto: Media XXI

9ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA
04 de dezembro de 2018

Os dados que me foram disponibilizados sobre as crianças não eram suficientes para fazer a caracterização dos agregados familiares de cada criança, então perguntei à Educadora cooperante. A Educadora sugeriu que eu perguntasse a cada criança, e que depois quando eu acabasse que ela verificaria para ver se era realmente assim.

Foi de facto uma ótima sugestão, todas as crianças foram capazes de enumerar os seus elementos familiares, desde as crianças mais novas às mais velhas. Através desta recolha de dados foi possível observar que, existem muitos agregados familiares distintos e muitas crianças que vivem com muitas pessoas da sua família (ex.: mãe, pai, irmão, primo, tio, avós).

Nota de Campo nº 22
04 de dezembro de 2018

Instituição: JI T **Local:** Sala
Educadora Cooperante: Mª Açucena **Tema:** Agregado familiar

Após a Educadora cooperante ter sugerido que perguntasse às crianças qual o seu agregado familiar, fui de imediato ter com as crianças:

EU – x com quem é que tu vives na tua casa? (A pergunta foi sempre a mesma para todas as crianças)

MM – Pai, Sónia (mãe), o mano e eu.

E – Mãe, pai, primos e primas.

Ali – Mãe, pai, um mano e uma mana

NA – Mano, mãe e pai

MI – Mano, mãe, pai e dois primos.

MA – Pai, mãe e o mano

R – Duas manas, pai e mãe

F – Mãe, pai, tia, avó, um mano e duas manas

FG – Mana, pai e mãe

G – Mãe e avô

A – Mãe, avô, avó, cão e uma mana

MR – Mãe, pai, dois irmãos que se chamam F e E.. Estás a escrever? Escreve os nomes deles, eu vou dizer outra vez

EU – Já escrevi.

D – Mãe, pai, um mano

M – Mãe, pai, dois irmãos

DI – Tia, madrinha, dois tios

RO – Irmão, irmã e mãe (respondido pela Educadora, porque esta criança em questão ainda não é capaz de responder a algumas perguntas, que não estejam explícitas no momento)

J – Mãe, pai, mano e eu

S – Pai, mãe, irmão, tio, primo, eu, avô e avó.

As duas crianças que faltam não foram à escola, irei perguntar quando vierem.

REFLEXÃO DIÁRIA
05 de dezembro de 2018

Após a conversa da semana passada, sobre as personagens que as crianças queriam ser no teatro sobre os dentes, decidimos fazer um fato para cada personagem. Chamei cada criança de modo individual, para escolher a cor que queria para a sua personagem. O material foi escolhido por mim e foi desenhado por mim, porque as crianças não queriam (exemplo, NC 23), quem quis recortou sozinho, quem não quis eu ajudei.

Nota de Campo nº 23 **05 de dezembro de 2018**	
Instituição: Jl T	**Local:** Sala - Projeto
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Elaboração dos fatos para o teatro

Para a elaboração dos fatos das personagens para o teatro, utilizámos eva para a base e depois tinha diferentes materiais à escolha para a sua decoração.

EU – Queres desenhar a tua personagem?

MM – Eu não consigo fazer uma escova de dentes, tu fazes e eu pinto

EU – Pode ser, queres ajudar a cortar?

MM – Eu não sei cortar

EU – Mas eu ajudo-te

MM – Está bem.

Depois da escova de dentes estar cortada, disse ao MM que poderia escolher o que queria fazer. Ele começou a fazer alguns desenhos na escova e disse que já estava

EU – Não queres colar nada na zona dos pelos da escova?

MM – Ah, já me esquecia, claro que quero. Colo o quê?

EU – Não sei, temos de pensar o que é que poderíamos colar aí?

O MM olha para a mesa ao lado, onde a assistente está a utilizar rafia para embrulhar os presentes de Natal, e o diz

MM – Olha podemos pôr isto, eu vou buscar.

Foi buscar, eu ia recortando e ele ia colando na sua escova.

EU – E agora de que cor é que queres o fio para pendurar o teu fato?

MM – (Mexe dentro da caixa onde estão os fios) Não há vermelho? (cor preferida dele)

EU – Não, não há.

MM – Hum então pode ser laranja.

Todas as crianças decoraram com o material que quiseram e escolheram a cor da fita que queriam utilizar.

No geral, achei que todas as crianças estavam entusiasmadas com esta atividade, aconteceu algumas vezes, algumas crianças já terem decorado o seu fato e passado um tempo pedirem para acrescentar mais alguma coisa que se tinham lembrado.

REFLEXÃO DIÁRIA
06 de dezembro de 2018

Este grupo de crianças está habituado a realizar todas as atividades que o resto do grupo está a realizar. A nossa organização, enquanto equipa educativa, costuma ser cada uma apoia uma mesa, para que desta forma seja possível darmos a respetiva atenção e apoio, a todas as crianças que estão naquela mesa connosco. As atividades que estão a decorrer nas mesas às vezes são as mesmas outras vezes são diferentes. Nem sempre todas as crianças estão distribuídas pelas mesas, às vezes estão a brincar nas áreas e vamos trocando.

Por vezes, as crianças não fazem a mesma atividade no mesmo dia, ou porque não houve tempo ou porque a criança não estava com disposição para realizar tal atividade e preferiu ir brincar ou fazer outras diferentes. Mas por norma, nunca deixa de realizar aquela atividade porque no dia seguinte quando vê as atividades expostas ou na mesa para serem arrumadas, diz logo a uma de nós “ainda não fiz isso, posso fazer agora?”.

Este momento que referi anteriormente, acontece principalmente com aquelas crianças que faltaram nos dias anteriores e às vezes, até preferem ficar a fazer a atividade que ficou em “atraso” do que ir para o recreio brincar.

Esta flexibilidade de oportunidade para as atividades, a meu ver é uma boa opção, porque as crianças não têm nem os mesmos interesses nem as mesmas vontades na mesma altura, e ainda bem porque senão iria ser bastante difícil corresponder às suas necessidades ao mesmo tempo. E esta organização resulta muito bem na sala, porque como referi no primeiro paragrafo, as crianças de um modo geral querem todas realizar as mesmas atividades, portanto acabam por se conseguir organizar autonomamente.

REFLEXÃO DIÁRIA
07 de dezembro de 2018

O MM (5 anos) é uma criança que demonstra gostar de atividades que sejam rápidas de realizar e que não impliquem muito esforço. Onde eu vejo que ele se dedica mais e que passa um maior tempo é nas construções, tanto com legos como com as peças de encaixe e em jogos de mesa. O MM tem uma capacidade de imaginação e criatividade enorme, tanto para as construções (peças, plasticina, entre outras) como para os desenhos.

Este último desenho chamou-me à atenção pelo fato de ele ter desenhado os presentes e dentro do quadrado (embrulho) estar desenhado o brinquedo em si. Através deste desenho eu apercebo-me que o MM já consegue exprimir alguma noção espacial.

Nota de Campo nº 24 **07 de dezembro de 2018**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala - Mesa
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Desenho do MM

Para a elaboração de uma atividade anterior, recolhi as conceções que as crianças tinham sobre o Natal.

A Educadora Cooperante, sugeriu escrevermos numa folha o que cada criança tinha dito e depois seria proposto às crianças que realizassem um desenho sobre o que disseram.

O que o MM disse foi "O Natal é dar presentes…"

MM – Marisa, olha o meu desenho.

Eu – Uau, desenhas-te muitas coisas, explica-me lá o que é que desenhaste?

MM - Aqui (1) é comboio que anda à volta da árvore de Natal (2), aqui (3) é a estrela e aqui (4) são os presentes que eu pedi ao Pai Natal.

Eu – Que engraçado, consegue-se ver mesmo os presentes.

MM – Sim, são os presentes que eu quero, mas ainda estão embrulhados, mas eu sei que são estes porque foi o que eu pedi.

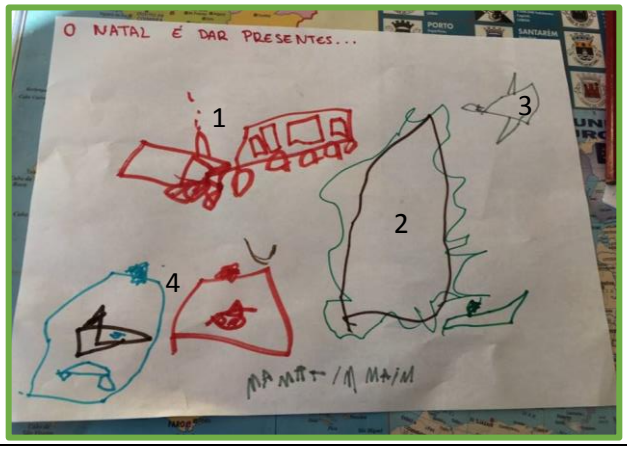
Eu – Está um desenho muito bonito. Posso tirar uma fotografia?

MM – Sim... Tu gostas muito dos meus desenhos, não é? São engraçados os meus desenhos

Eu – Gosto muito sim, acho que desenhas muito bem.

MM – Eu sabia, tu estás sempre a tirar fotografias aos meus desenhos. Deixa-me ver como é que ficou na fotografia. (Mostro-lhe). Está fixe. E agora? Vou arrumar?

Eu – Vai mostrar à Açucena.



9ª REFLEXÃO SEMANAL

Há no grupo de crianças, pelo menos cinco crianças que demonstram um maior interesse pelo desenho, observo este interesse quando trazem desenhos de casa para dar ao restante grupo, quando querem fazer desenhos para levar para casa, ou simplesmente porque têm vontade de desenhar naquele momento.

Como afirma Sarmento (2006), o desenho infantil é uma das mais importantes maneiras de expressão simbólica das crianças, o desenho antecede a comunicação escrita, e até mesmo a comunicação oral. Através dos desenhos das crianças, conseguimos perceber a maneira como eles vêm aquilo que os rodeia, o mundo, conseguimos perceber também a personalidade da criança.

O desenho das crianças está relacionado entre a idade das crianças e a "composição dominadas por traços característicos da respetiva fase etária" (Sarmento, 2006, p. 4).

Segundo Sarmento (2006), entre os três os quatros anos surgem as "formas básicas" que é quando a criança "vai progressivamente nomear e romancear os seus traços, fazendo emergir configurações mais complexas, círculos, mandalas, formas geométricas bidimensionais". (p.5)

Entre os quatro e os sete anos, começa a surgir a forma humana e "início da esquematização", ou seja:

"*o aparecimento e desenvolvimento das formas rudimentares da figura humana, desde o girino até formas mais "realistas", uso subjetivo da cor e desenvolvimento de relações pré-esquemáticas, com estabelecimento de relações entre o desenho, o pensamento e a realidade (desenho 1 e 2), sem todavia se verificar uma regra de composição, sendo usual a distribuição aleatória das figuras pela superfície do papel, ainda que as crianças possam ter uma lógica explicativa para a colocação dos objetos no espaço (desenho 3)*" (p. 5)

É possível observar estas características nos seguintes desenhos: o primeiro surgiu da criança que se quis desenhar a si e aos seus amigos a jogar à bola, a criança desenha um círculo para a cabeça, para o sol e para a bola de futebol, e um retângulo para os sapatos, calções, camisola e braços. No segundo desenho, foi pedido à criança que desenhasse algo relacionado com o teatro a Rapunzel, que tínhamos ido ver no dia anterior. No terceiro desenho o que inicialmente vemos são algumas crianças no ar e uma no "chão", a criança explica que

é o aniversário de um amigo e que o bolo está no meio, as crianças estão sentadas à volta do bolo, o que está a vermelho em cima do bolo são as velas e o menino que está a roxo é o aniversariante.

Sarmento (2206) apresenta ainda, a importância do desenho para a comunicação oral, afirmando que o desenho "é como uma linguagem que se utiliza, prioritariamente, para a criança dialogar consigo própria, com as coisas que inscrevem no papel e com os colegas que partilham a prática comum do desenho". (p. 16); em concordância, Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016) acrescentam ainda que faz parte do papel do educador a conversa e a exploração com as crianças "sobre estes elementos visuais e a sua representação em diferentes formas visuais" que desta forma irá despertar a expressividade e o sentido crítico nas crianças (p.49).

Ao longo deste tempo de estágio, para mim, foi possível observar a facilidade que as crianças têm em falar sobre os seus desenhos, tanto connosco como com o restante grupo; isto acontece não só com os desenhos, mas também com outras produções realizadas com outras materiais relacionados com as artes (ex.: construções em plasticina, pintura com diversas técnicas, construções dos fantoches)

As seguintes autoras, Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016), reforçam a importância do desenho e da pintura e afirmam ainda que é "importante que as crianças tenham acesso a uma multiplicidade de materiais e instrumentos" (p. 49), sem dúvida que na sala onde estou a estagiar isso acontece, é visível não só pelo material que está há disposição das crianças a qualquer momento, como as diferentes técnicas de pintura que a Educadora dá a conhecer às crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Sarmento, M. J. (2006). *Conhecer a infância: Os desenhos das crianças como produções simbólicas*. Braga: IEC, UMINHO.

Silva, I. (Coord.), Marques, L., Mata, L & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministério da Educação

10ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA
10 de dezembro de 2018

A educadora cooperante trouxe uma árvore de natal para montarmos em conjunto na sala. Esta tarefa foi dividida por grupos, algumas crianças começaram por montar a árvore e outras por colocar os adereços na árvore.

Como os adereços eram poucos, as crianças que quiseram fizeram com a massa de modelar mais alguns efeitos, com os moldes que foram disponibilizados. Algumas crianças quiseram fazer mais do que um, outras crianças tiveram mais dificuldades e foram-se ajudando umas às outras.

Após os efeitos secarem, foram pintados e colocados na árvore. Desta forma, a árvore foi montada e decorada por todas as crianças da sala. Devido às características deste grupo de crianças é importante que realizem atividades em conjunto, que seja possível ver o seu resultado, para que se apercebam que podem participar todos e que o resultado é bom.

Como todas as crianças celebram o Natal, mas nem todas as crianças têm árvore de natal em casa, na minha opinião, foi uma proposta muito importante para todas as crianças, mas principalmente para as que ainda não tinham montado a árvore em casa e ouviam as outras crianças a conversarem sobre as suas árvores.

REFLEXÃO DIÁRIA
11 de dezembro de 2018

Nota de Campo nº 25
11 de dezembro de 2018

Instituição: JI T — **Local:** Sala - Mesa
Educadora Cooperante: Mª Açucena — **Tema:** Entreajuda no desenho

Uma criança fazia anos hoje e por isso as crianças estavam a fazer um desenho para lhe oferecer. O RO (5 anos) fez dois riscos e não quis fazer mais, então a Mi (4 anos) que estava ao seu lado decidiu ajudá-lo.

Mi – Dá cá que eu te ajudo.

Agarra a caneta com a mão dele e começam a desenhar. O Ru deixa e fica a olhar para o desenho. A Mi larga a caneta e diz

Mi – Vá, faz tu.

O RO começa a desenhar, fazendo riscos. A Mi agarra na caneta sozinha e diz

Mi – Não RO não é assim, é assim vês? (Faz desenhos)

Volta a agarrar na mão dele e a desenhar, o RO já olha para todos os lados menos para o desenho que está a realizar com a ajuda da Mi.

Mi – Vamos desenhar um pato e agora aqui uma árvore

O RO já está completamente virado de lado a ver as outras crianças a brincarem, eu decido intervir dizendo:

Eu – Olha Mi, o RO já parece estar cansado secalhar já não quer desenhar mais. Obrigada pela tua ajuda.

A Mi agarra na caneta e arruma-a na lata e o RO levanta-se de imediato e vai brincar.

O RO (5 anos) como referido em reflexões anteriores, é uma criança que necessita de ajuda para desenvolver a maioria das tarefas e todas as crianças sabem disso, e para além disso, têm esse cuidado com ele e ajudam-no sem ser preciso pedir, como é demonstrado na nota de campo acima.

A Mi é uma criança muito independente e "dona de si", só quer brincar, cada vez que é para conversarmos no tapete ou realizar algumas atividades mais "paradas" pede sempre para ir à casa de banho. Foi a primeira vez

que a vi ajudar, assim tão incentivada, outra criança. Achei muito interessante, ela ajudar, segurando os dois na caneta, depois dar-lhe a hipótese de ele desenhar sozinho, mas depois como não estava a correr da maneira que ela queria, retirou-lhe a caneta e começou ela a desenhar como se o estivesse a ensinar. Outro aspeto que achei muito importante de salientar foi a altura em que a Mi começa a desenhar juntamente com a mão dele e vai dizendo em voz alta o que está a desenhar ou o que vão desenhar.

REFLEXÃO DIÁRIA
12 de dezembro de 2018

O cuidado pelo outro, é uma das "áreas" que têm sido a ser trabalhadas. No geral todas as crianças já demonstram preocuparem-se mais umas com a outras, são mais tolerantes quando alguma criança faz algo que elas não gostam e já é visível uma maior entreajuda.

A nota de campo abaixo apresentada, é um dos exemplos de ajuda que tem existido, para mim é um grande passo porque inicialmente havia este cuidado e ajuda apenas com o RO. É importante referir também que as crianças ajudam-se por iniciativa própria, por vezes só nos chamam, aos adultos de sala, quando já tentaram ajudar e não conseguem. Estas ajudas passam por: ajudar a calçar as sapatilhas uns aos outros, chamar à atenção quando falta alguma criança que ainda está a brincar e não ouviu que era para fazer comboio, a ir buscar o lanche às mochilas.

Nota de Campo nº 26 **12 de dezembro de 2018**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Entreajuda

Eu estava sentada à mesa quando chega ao pé de mim o R (6 anos), o MR (6 anos) e a NA (3 anos), a NA a chorar e o R e o MR pareciam estar preocupados.

MR – Marisa, a NA estava a chorar ali ao pé dos cabides ela devia estar perdida então nós trouxemo-la.

R – Sim, ela disse que não sabia onde estava a sala.

Eu – N, estavas perdida?

NA – Acena com a cabeça

Eu – Anda cá (dou-lhe um colo), pronto já passou. Olha temos de agradecer aos amigos que te ajudaram, não é?

NA – Obrigada

Eu – Olha R e MR fiquei muito contente por a terem ajudado.

MR – Sim, nós também já temos seis anos já conhecemos bem a escola.

R – Sim e temos de ajudar os crescidos.

Eu – É isso mesmo, muito obrigada.

A NA salta do colo, já sem chorar e vai para o recreio.

REFLEXÃO DIÁRIA
13 de dezembro de 2018

Hoje foi o dia da ciência, e como o próprio nome indica é um dia em que se realizam experiências. Cada sala organiza o espaço para receber as crianças de cada sala, e desta forma as crianças realizam as diferentes experiências proporcionadas pelas diferentes salas.

Eu acompanhei as crianças juntamente com a assistente operacional da sala, às diferentes salas. É interessante observar o comportamento das crianças fora da sua zona de conforto, não só devido ao espaço como também com as Educadoras que não são as suas.

Achei importante este dia de partilha de experiências importante porque as crianças demonstraram gostar e estar interessadas para descobrir o que é que ia acontecer em cada uma das experiências. Mas ao mesmo tempo acho que foram muitas experiências seguidas e que algumas crianças acabaram por confundir alguns procedimentos.

A experiência da nossa sala, foi realizada com o grupo de crianças no dia anterior.

REFLEXÃO DIÁRIA
14 de dezembro de 2018

Por norma, a festa de Natal é realizada hoje então ficou decido com a equipa de sala e com o grupo de crianças que iríamos realizar a nossa dramatização sobre o nosso projeto hoje. Tivemos pequenos ensaios ao longo da semana, as personagens já estavam decididas, mas tiveram de sofrer alterações porque algumas crianças faltaram.

Em conversa em grande grupo decidimos que duas crianças que anteriormente eram as personagens dentes não se importavam de substituir as personagens que tinham faltado.

A pequena dramatização foi apresentada no ginásio para as restantes salas, com o cenário que as crianças anteriormente tinham pintado. Após as diferentes atuações de todas as salas, tivemos uma breve conversa, também esta em grande grupo para obter o feedback. Feedback esse que foi bastante positivo de todas as crianças e até mesmo da equipa de sala e das crianças de outras salas.

Após a breve conversa, estávamos na dúvida se montaríamos ou não a exposição do projeto, porque por um lado íamos estar em interrupções letivas, mas por outro fazia sentido ser montada naquele momento visto que a dramatização também tinha sido apresentada de manhã. Decidimos então, montar a nossa exposição à porta da sala, para que as outras crianças pudessem ver e as crianças da sala explicarem.

10ª REFLEXÃO SEMANAL

Hoje presenciei a reunião de pais, onde após uma breve apresentação do projeto que tínhamos realizado durante estes meses, uma mãe diz que já percebe agora porque é que o filho come menos doces em casa e quando os come quer ir logo lavar os dentes, coisas que antes não aconteciam.

Esta partilha foi bastante importante porque no contexto onde estou, raramente vejo as famílias e não existe esta oportunidade de partilhas. Apesar de já me ter apercebido que existia esta partilha do saber entre as crianças das diversas salas, em conversas no recreio, por exemplo, não me tinha apercebido que tinha abrangido também o contexto em casa e que tinham sido feitas algumas alterações em casa por parte das crianças.

Achei importante a visualização do vídeo, onde mostra um pouco do quotidiano das crianças, que as famílias também não têm acesso porque só entram no edifício pontualmente. Desta forma, é mais fácil para as famílias compreenderam um pouco o que acontece e o porquê de acontecer.

Um aspeto que me chamou à atenção é o pouco à vontade que as famílias demonstram ter, para falar sobre as suas crianças, tendo em conta que algumas crianças já frequentam aquela sala há três anos. Talvez precisem de sentir uma abertura da parte do jardim de infância para se sentirem bem a entrar no nosso mundo, e talvez aí compreenderem melhor o nosso trabalho e perceberem as respostas às suas perguntas, como por exemplo: "Porque é que o meu filho com seis anos ainda não é capaz de escrever muitas palavras?" ou afirmações como: "Pois, ele só brinca."

Este tema sobre as famílias é um tema bastante sensível e complexo, que deve ser trabalhado do inicio ao fim do percurso da criança, pois a criança que está num dia mau no jardim de infância é a mesma que em casa passou mal a noite, ou seja, o jardim de infância é a continuação da casa das crianças e nós, enquanto educadores, devemos criar e estabelecer essa relação para que existam as partilhas dos saberes, das dúvidas, dos acontecimentos. Em concordância Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa (2016), afirmam é necessário "iniciar uma relação de parceria, individual e coletiva, com as famílias, que constituirá a base de uma comunicação e colaboração a serem continuadas e aprofundadas, ao longo do tempo em que a criança frequenta o estabelecimento de educação pré-escolar" (p. 98). Para que desta forma, as famílias se sintam confiantes ao deixar as crianças na escola e para que nós, enquanto educadores possamos ser assertivos com cada criança de modo individual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Silva, I. (Coord.), Marques, L., Mata, L & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministério da Educação.

11ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA
7 de janeiro de 2019

Nota de Campo nº 27 **07 de janeiro de 2019**	
Instituição: JI T	**Local:** Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Autonomia

As crianças chegam da casa de banho, sentam-se no tapete em roda, eu sento-me na roda e o E (6 anos), o ajudante do dia senta-se ao meu lado.

Eu – **E**, faltam dez minutos para o almoço, queres contar uma história ou cantar uma canção?

E – Quero fazer um jogo.

Eu – Qual jogo?

E – Este dos dados.

Levanta-se e vai buscar dois dados, que estavam em cima do armário. Começa de imediato com o jogo, dá os dados a uma criança e esta lança.

E – Cinco e dois. Perdes-te

E passa os dados à criança do lado. Eu que ainda não conhecia o jogo perguntei:

Eu – E, eu não conheço esse jogo, podes explicar-me?

E – É assim Marisa lanças os dados e tens de ver os números se acertares ganhas senão perdes.

O jogo continua e eu observo que assim que as crianças lançam os dados o E pega logo nos dados e passa às outras crianças, dizendo se ganhou ou perdeu.

Eu – E, se tu tiras assim tão rápido os dados eles não conseguem perceber quanto é que dá.

E – Mas não é para fazer as contas, é só veres os números iguais nos dados.

Eu – Ah, o número que calha tem de ser igual nos dois dados?

E – Sim.

É importante que as crianças também tenham a oportunidade de dinamizar certas atividades ou jogos que conheçam, pois é através destas oportunidades que é possível existir a partilha da cultura e das vivências de cada criança. Desta forma, vão-se apercebendo também das crianças que necessitam de mais ajuda e quem está a dinamizar necessita de algum "jogo de cintura", para que o ambiente continue tranquilo durante o jogo, no sentindo das crianças terem de respeitar algumas regras.

Este jogo já tinha sido realizado anteriormente, mas eu como não estava presente não o conhecia. Ao início quando a criança me explicou o jogo eu não percebi da maneira correta e interrompi de novo, por achar que as crianças não estavam a conseguir jogar. Ainda bem que perguntei, porque o meu pensamento estava enganado, o objetivo do jogo era diferente daquele que eu tinha entendido.

REFLEXÃO DIÁRIA

08 de janeiro de 2019

Nota de Campo nº 28 **08 de janeiro de 2019**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala - Mesas
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** O rosa é uma seca!

As crianças estão a realizar uma ficha em que consiste pintar algumas peças de roupa alusivas ao inverno. Eu sento-me numa das mesas, onde ainda não estava nenhum adulto. As crianças estão a conversar enquanto pintam, outras distraem-se com a conversa e esquecem-se de pintar outras simplesmente pintam. A meio da conversa surge esta frase "Muito cor de rosa é uma seca para os meninos!", eu de imediato levanto-me e vou buscar o meu caderno para apontar o que vai surgindo. Assim que chego com o caderno (já conhecido por ser o caderno onde aponto certas situações do estágio), a criança que está ao meu lado diz-me:

L – Ele disse que o cor de rosa era uma seca para os meninos.

Eu olho para a criança em questão, sorrio e agradeço-lhe.

Continuando a conversa…

S – Por isso é que eu usei pouco rosa.

Surge ali uma pequena discussão sobre o cor de rosa, as duas meninas defendem a utilização do cor de rosa, enquanto que os meninos não tanto. Entretanto, o J (5 anos) que foi a criança que lançou o tema afirma:

J – Eu gosto de todas as cores, estava só a brincar com vocês.

Eu – Posso saber porque é que acham que o cor de rosa é uma seca?

S – O rosa é para quando tu te apaixonas por uma rapariga.

L – Não, isso é o vermelho

Ro – Pois, porque é da cor do sangue e o rosa não é do sangue.

Eu – Mesmo que o rosa seja a cor que utilizamos quando nos apaixonamos, qual é o problema de a utilizarmos nos nossos desenhos?

J – Nós os meninos não gostamos de apaixonar.

Eu – Porquê?

J – Porque não.

O meu telemóvel estava em cima da mesa virado para baixo, para gravar a conversa e a L quando repara afirma:

L – O telemóvel da Marisa é cor de rosa e tem corações.

S – Capa toda rosa e com corações? Uff que seca.

Até à data não me tinha apercebido destas conceções de género que algumas das crianças acima referidas demonstram, como por exemplo: os meninos não gostarem de pintar com cor de rosa, por ser a cor que está associada à paixão (no pensamento de algumas crianças, não de todas); os meninos não gostarem de se apaixonar; e o cor de rosa ser uma seca.

Para além de ainda não ter presenciado nenhum momento que me desse esta perceção, já tinha presenciado momentos de brincadeira na área da casa e observei que vários rapazes vestem vestidos, calçam os sapatos de salto alto e utilizam diversos acessórios, tais como colares e pulseiras.

Relativamente ao cor de rosa ser, a cor alusiva à paixão, pode ser possivelmente, pela história "Os monstros das cores" que foi bastante trabalhada na sala e o monstro rosa estar associado ao sentimento de paixão. Ainda que esta criança (S, 6 anos) já tenha demonstrado comportamentos um pouco repulsivos relativamente à paixão e aos namoros, como por exemplo: dizer várias vezes ao F (5 anos, que brinca muito com uma criança que é de outra sala por serem primos) "Tu e a x são namorados" e "Ugh que nojo a x é tua namorada", ri-se e vai contar a outras crianças; nunca me tinha apercebido desta sua marcação de distância: os meninos não gostam de se apaixonar, afirmando até que isso é coisa de menina.

Ainda que não tenha surgido oportunidade de desenvolver esta conversa, na minha opinião é bastante pertinente abordar este tema, para desmistificar certas conceções que me parecem estar a surgir em algumas crianças. Através de conversas em grande grupo, histórias e debates/reunião entre o grupo, para que seja possível responder a certas perguntas, que podem surgir por parte das crianças e por parte dos adultos da sala.

Na mesma linha de pensamento, surgem-me algumas perguntas que acho pertinente levar para o debate, tais como: será que o cor de rosa só pode ser utilizado por raparigas? Só as raparigas é que se apaixonam? Será que a cor favorita de todas as raparigas é o cor de rosa, por exemplo a minha não é.

REFLEXÃO DIÁRIA
09 de janeiro de 2019

No dia anterior à tarde contei a história "Não é uma caixa", de Antoinette Portis, as crianças durante a história foram bastante participativas e quando acabou disseram que queriam mais. Através destas atitudes as crianças demonstraram que estavam interessadas nesta história que se foi traduzindo num jogo de imaginação e criatividade. No final da história foi sugerido que fizessem um desenho do que possivelmente pudesse ser a sua caixa, todas as crianças exceto o Ru (5 anos), demonstraram interesse e foram de imediato realizá-lo.

Portanto, hoje antes das crianças entrarem na sala, espalhei pelas diversas mesas quatro caixas de cartão, iguais. Quando as crianças chegaram começaram a observar as caixas e até surgiu um comentário de uma criança para outra: "São as caixas como as do coelho, lembras-te? Isto não é uma caixa.", e de seguida sentaram-se no tapete.

A minha estratégia para a distribuição do grupo foi de perguntar a cada criança para qual mesa queria ir, mas comecei por crianças que não demonstram ter um grupo de amigos definido, para que desta forma fosse possível as crianças experimentarem cooperar e interagir com outras crianças que, apesar de estarem todo o dia juntas acabam por não estar assim tão juntas. Desta forma, é possível uma partilha mais alargada de conhecimentos e aprendizagens.

Esta proposta de atividade, proposta no sentido em que apenas as crianças que queriam participar é que quiseram participar e em que as crianças é que orientaram a sua dinamização. A proposta foi com o grande objetivo, não do produto final, mas sim do trabalho em equipa, a partir: da cooperação, do respeito pelo outro,

da entreajuda e da sua autonomia; refiro-me ao objetivo como grande, porque devido às características especificas do grupo sei que é um objetivo que é possível, sem dúvida alcançar, mas, que será um longo caminho com alguns obstáculos.

Como não queria limitar nem a sua imaginação, nem os materiais que poderiam utilizar as minhas diretrizes foram breves: "Pensem no que é que essa caixa se pode transformar e em conjunto com o vosso grupo decidam o que querem realizar" e "Podem utilizar todos os materiais que existem na sala, mas se se lembrarem de algum que exista na rua também o podem utilizar"

Posteriormente, a educadora colocou alguns materiais de desperdício em cima da bancada, dizendo podíamos reutilizar aqueles materiais, para além disso mais nenhum material foi exposto. Se fosse no início do ano letivo, teria colocado todos os materiais expostos, mas visto que já estamos a meio do ano e praticamente todas as crianças já estão naquela sala há mais de um ano, achei pertinente que fossem as crianças a pensarem no que poderiam utilizar, do material existente.

Ao início da atividade foi difícil gerir porque três dos quatro grupos, decidiram rapidamente o que queriam fazer e que material é que queriam utilizar, e começaram a pedir-me ajuda e materiais, todos ao mesmo tempo. O que as crianças poderiam ir buscar sozinhas, pedi-lhes para irem buscar e aquilo que não conseguissem que eu já levava, desta forma consegui resolver a situação.

Em conversa com a educadora, percebi que anteriormente, nunca tinham realizado uma atividade que fosse tão autónoma por parte das crianças, flexível e completamente livre por parte da equipa educativa. Desta forma, para primeira vez, achei que todos os grupos trabalharam de forma autónoma e souberam organizar-se, com uma birra ou outra pelo meio, mas nada que não fosse possível de resolver e voltar ao "trabalho". Foi percetível através de certas atitudes e comentários, quais as crianças que têm mais facilidade em chegar a uma decisão em grupo e aquelas que têm mais dificuldade.

Nota de Campo nº 29 **09 de janeiro de 2019**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala - Mesas
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema: Isto não é uma caixa**!

Estou a apoiar os grupos, saltando de mesa em mesa e um grupo pede-me ajuda:

Grupo – Marisa queremos fazer um volante.

Eu – E que material é que tinham pensado utilizar?

Grupo – Hmmm, podia ser com papéis. (outro elemento) ah pode ser com aqueles papéis de jornal

Eu – Pode ser sim, vou buscar.

Após terminarem o volante, pensaram em fazer umas rodas com o mesmo papel de jornal.

Grupo – Marisa podes fazer aqui uns círculos?

Eu – Será que não há ninguém no grupo que consiga fazer?

Grupo – Eu sei, eu sei. Dá cá que eu faço, tu podes ir buscar duas tesouras para depois cortarmos.

O feedback ao final do dia sobre a realização das transformações da caixa foram de todo positivas: "adorei fazer as caixas", "quero fazer mais", "o que mais gostei de fazer nas caixas foram as caixas." Para além deste feedback verbal por parte das crianças, também o senti ao longo do dia, através de atitudes como: não quererem parar o que estavam a fazer nas caixas para irem almoçar, o entusiasmo com que todas as crianças elaboravam as suas caixas e por último, assim que os fui chamar ao recreio para voltarmos para a sala, dizendo que: quem quisesse poderia continuar na atividades das caixas, todas as crianças vieram num abrir e fechar de olhos, nunca todas as crianças vieram tão rápido, por norma tenho que os chamar várias vezes.

Como não conseguimos terminar todas as caixas hoje, amanha quem quiser acaba. O Ru (5 anos), por norma, não demonstra muito interesse por atividades plásticas e esta não foi exceção. Dei-lhe a conhecer a atividade, estive com ele a ver alguns materiais, mas ainda assim o Ru não demonstrou interesse em participar e por isso, foi brincar.

REFLEXÃO DIÁRIA

10 de janeiro de 2019

Nota de Campo nº 30 **10 de janeiro de 2019**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Participação nas fichas

As crianças estão no recreio e a Educadora Cooperante distribui algumas fichas pelas mesas.

Quando as crianças chegam à sala, o MM (5 anos) começa a olhar para as fichas e diz:

MM – Ainda não fiz este trabalho

EDUC – Já vamos todos fazer, primeiro arruma o casaco e vai à casa de banho.

MM – Ok.

Entretanto à chegada outra criança repara que há duas fichas que são diferentes das restantes.

S (6 anos) – Eu quero fazer esta.

EDUC – Essas são para a N e para a Mi que são mais pequenas. A tua está nesta mesa.

Através da nota de campo acima apresentada é possível observar que muitas crianças demonstram ter interesse por realizar alguns trabalhos considerados como fichas. Nota-se que é um grupo que está habituado a participar em todas as atividades e a realizá-las em conjunto.

No desenrolar da atividade das fichas, é que os comportamentos das crianças mudam, algumas realizam a ficha até ao fim, outras não querem fazer tudo e há ainda quem aproveite o momento das fichas para colocar a conversa em dia, esquecendo-se da ficha em si.

Ainda que as fichas não façam parte da minha metodologia de trabalho, não me posso esquecer que estou com um grupo de crianças que já está habituado a realizá-las e que até demonstram querer realizá-las quando as veem, e por isso aproveito estes momentos para os apoiar quando necessitam, para realizar alguma tarefa de forma mais individual com uma criança ou para me sentar a ouvir e por vezes a participar nas suas conversas. Desta forma, conheço-as melhor e consigo perceber melhor as suas maneiras de pensar, porque elas nesse momento estão a dizer o que pensam relativamente a algo, sem se preocuparem com quem está a ouvir.

REFLEXÃO DIÁRIA
11 de janeiro de 2019

Após a realização das caixas e destas já estarem secas foi o momento de as apresentar ao grande grupo da sala.

Apesar de todos os momentos da elaboração da transformação da caixa terem sido com muito entusiasmado e de participação ao máximo nível, as apresentações não correram nem um pouco da mesma forma.

Nota de Campo nº 31 **11 de janeiro de 2019**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala - Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Apresentação das caixas

As crianças estão sentadas no tapete e eu sugiro:

Eu – Querem apresentar agora as vossas transformações de caixas ao resto do grupo?

Grupo – Sim!

Eu – Querem começar vocês? (pergunto o grupo que estava sentado à minha frente)

Grupo 1 – Sim.

Fomos buscar a caixa colocámos à frente das crianças e o grupo começou a explicar o que é que tinha feito e a explicar cada parte da caixa e os seus respetivos pormenores. Quando acabam de apresentar eu pergunto:

Eu – Não querem dizer ao grupo que materiais é que utilizaram para decorar?

Grupo 1 – Sim (e começam a dizer)

Quando foi o segundo grupo a apresentar, a conversa e a brincadeira começam a surgir.
Eu – Não querem ouvir os amigos?
Grupo – Queremos
Eu – Então temos de estar com atenção e a ouvi-los, senão eles não conseguem apresentar.
Ao longo da apresentação do grupo dois tive de os interromper e pedir que esperassem um pouco porque estava outra vez muito barulho. Quando as crianças que estavam no tapete já estavam de novo com atenção, prosseguimos. Isto aconteceu três vezes, até as crianças do grupo dois terminarem.

As apresentações não duravam mais do que cinco minutos, mas ainda assim ao fim do primeiro grupo apresentar, as crianças que estavam no tapete demonstraram que não estavam capazes de estar ali com atenção (nota de campo nº31). Então eu sugeri que os outros dois grupos apresentassem à tarde e que agora escolhêssemos outra coisa para fazer. Entretanto, assim que acabamos de arrumar as caixas a professora da Orquestra dos Afetos chegou e lá fomos nós.
Depois da sessão de música as crianças foram comer o lanche da manhã e depois foram para o recreio.
A seguir ao almoço e ao recreio, quando voltámos para a sala, eu perguntei se os restantes grupos poderiam apresentar, ao qual as crianças me responderam que sim. Agora correu um pouco melhor, ainda que por vezes as crianças que estavam no tapete não demonstrassem interesse por estar a ouvir os restantes grupos, mas quando chegava a sua vez de apresentar, demonstravam estar empolgadíssimos.

11ª REFLEXÃO SEMANAL

Esta proposta de atividade foi apresentada porque o grupo de crianças desta sala, no meu ponto de vista necessita de atividades em que tenham de trabalhar em grupo e autonomamente. Para que possam ir aprendendo a ouvir o outro, a aceitar decisões diferentes das suas, no fundo a ajudar e a respeitar o outro e que ao visualizarem o produto final que percebam que juntos podem realizar algo maravilhosamente fantástico.
A escolha dos grupos não foi totalmente imposta por mim, mas foi um pouco através das estratégias que utilizei: disse quem eram as primeiras crianças a escolherem as caixas e o máximo de crianças que um grupo poderia ter. Desta forma os grupos foram heterogéneos relativamente às idades e alguns também ao género, pois "a existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças." (OCEPE, 2016, p. 24)
O grupo de crianças conhece a organização da sala e os materiais que existem, visto que são eles que recorrem a estes frequentemente, por isso, não selecionei nenhum material para colocar à sua vista para não correr o risco que as crianças se restringissem apenas aqueles, tendo em conta que a "apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneira, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa." (OCEPE, 2016, p. 26)
Esta atividade foi um desafio para as crianças que nestas idades ainda são muito individualistas e desta forma:

> a participação das crianças na vida do grupo permite-lhes tomar iniciativas e assumir responsabilidades, exprimir as suas opiniões e confrontá-las com as dos outros, numa primeira tomada de consciência de

perspetivas e valores diferentes, que facilitam a compreensão do ponto de vista do outro e promovem atitudes de tolerância, compreensão e respeito pela diferença. (OCEPE, 2016, p. 39)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Silva, I. (Coord.), Marques, L., Mata, L & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Lisboa: Ministério da Educação.

12ª REFLEXÃO

REFLEXÃO DIÁRIA
14 de janeiro de 2019

Na parte da manhã durante a marcação da data e do tempo surge a seguinte conversa (Nota de Campo nº 32):

Nota de Campo nº 32
14 de janeiro de 2019

Instituição: JI T — **Local:** Tapete
Educadora Cooperante: Mª Açucena — **Tema:** Novo projeto

Edu – Em que estação é que estamos, vocês sabem?

MM – Outono?

Edu – Não

R – Inverno, estamos no Inverno

Edu – Muito bem e o que é que acontece no Inverno?

F – Chove

MR – Faz neve

Alec - E frio

J – E os animais hibernam

Edu – O que é que é isso de hibernar?

J – É quando está frio e os animais dormem.

Edu – e que animais são esses?

F – Ouriço

Enumeras crianças identificam alguns animais que hibernam

Ali – Formiga

R – A formiga não hiberna

MR – Hiberna sim

Eu – E se fossemos descobrir quais são todos os animais que hibernam e os que não hibernam?

Todos - Sim

Desta forma, surgiu o nosso segundo projeto. Posteriormente, preenchemos três tabelas: o que já sabemos, o que achamos que sabemos e o que queremos saber. Acrescentei a tabela "o que achamos que sabemos" relativamente aos animais que hibernam e que não hibernam, para que no final da nossa pesquisa pudéssemos comparar os diferentes resultados. Alguns animais apareciam por isso nas duas colunas, porque algumas crianças afirmavam que hibernavam e outros contradiziam.

Para além de querermos saber ao certo quais os animais que hibernavam e os que não, quisemos também, descobrir se o unicórnio existia, devido a uma criança ter dito que o unicórnio não hibernava e a maioria das crianças dizerem que o unicórnio não existia.

Na tabela "o que já sabemos" existe um espaço que diz "os animais que hibernam" e esse espaço foi criado no intuito de as crianças conforme forem descobrindo e tenham a certeza de que um certo animal que hiberna irem lá escrever o seu nome.

Relativamente à pesquisa, voltou a surgir a família como recurso de pesquisa.

REFLEXÃO DIÁRIA
15 de janeiro de 2019

Como no projeto anterior que realizámos, houve uma grande dificuldade em realizarem as pesquisas em casa, adiantei-me e trouxe a minha pesquisa. Desta forma, procurei os animais que hibernavam que fossem menos conhecidos como: o gambá, a piramboia e as marmotas.

Ao divulgar a minha pesquisa realizada em casa com todo o grupo, pareceu-me que despertei ali um real interesse em pesquisarem em casa (Nota de Campo nº 33):

Nota de Campo nº 33 **15 de janeiro de 2019**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Novo projeto
F – Marisa como é que fizeste isso? (pesquisa) Eu – Procurei na internet imprimi as imagens, recortei e colei nesta folha e escrevi o que tinha descoberto, também na internet. F – Ah então eu posso só por na internet e imprimir? Eu – Sim, mas se não conseguires imprimir escreves o nome do animal que descobriste e nos imprimimos aqui. F – Eu consigo Eu – Não se esqueçam que também podem pesquisar em livros e vídeos. MM – Eu amanhã também vou fazer e depois trago para veres	

Após este momento comecei a pensar que deveria ter trazido pesquisas de diferentes fontes. E por isso, à tarde juntamente com algumas crianças, fomos pesquisar nos livros que tínhamos na sala, nas outras salas e na sala das funcionárias.

Para grande contentamento de uma criança, esta descobriu que realmente tinha razão, o ouriço tal como ela tinha referido anteriormente, hibernava. Apercebeu-se disso, através das imagens (dois ouriços dobrados na sua toca a dormir) e confirmou quando me pediu para lhe dizer o que estava ali escrito.

REFLEXÃO DIÁRIA
16 de janeiro de 2019

Algumas crianças trouxeram as pesquisas de casa e outras ainda não tinham conseguido, portanto começámos a pesquisar em sala. Organizámo-nos em pequenos grupos no máximo com quatro elementos e começámos a procurar (Nota de Campo nº 34).

O meu papel inicialmente foi o de orientar onde é que poderiam realizar a pesquisa (Google) e o que escrever (quais os animais que hibernam), sendo que eu ia soletrando as diversas palavras e as crianças ao seu ritmo iam encontrando a letra correspondente.

Posteriormente, quando as crianças já se conseguiam organizar na sua pesquisa sozinhas, eu apenas fiquei disponível e atenta, para assegurar que realizavam uma pesquisa segura e coerente com o que procuravam saber.

Nota de Campo nº 34 **16 de janeiro de 2019**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Novo projeto

Estão três crianças à frente do computador, uma ficou encarregue do rato e as outras duas do teclado. Com a pesquisa já orientada, afasto-me um pouco deixando-os pesquisar à vontade, mas sempre a controlar.

F – Olha aquele ali (morcego), está a hibernar. Vez eu disse que ele hibernava.

J – Sim e olha o esquilo também está alia a hibernar. Anda mais para baixo para ver outros animais.

É de revelar que esta atitude investigativa nas crianças está muito mais ativa e isso nota-se também, com o há vontade em que as crianças realizam as pesquisas no computador. A primeira pesquisa que realizei com elas, foi muito mais dependente da minha ajuda, tinham sempre dúvidas onde é que poderiam carregar, ou como é que faziam para chegar a certas imagens. Desta vez, simplesmente os ajudei a escrever a frase de pesquisa e de seguida, realizaram a sua pesquisa, sem me chamarem para os ajudar, só para me irem dizendo o que iam descobrindo.

É de revelar que esta atitude investigativa nas crianças está muito mais ativa e isso nota-se também, com o há vontade em que as crianças realizam as pesquisas no computador. A primeira pesquisa que realizei com elas, foi muito mais dependente da minha ajuda, tinham sempre dúvidas onde é que poderiam carregar, ou como é que faziam para chegar a certas imagens. Desta vez, simplesmente os ajudei a escrever a frase de pesquisa e de seguida, realizaram a sua pesquisa, sem me chamarem para os ajudar, só para me irem dizendo o que iam descobrindo.

REFLEXÃO DIÁRIA
17 de janeiro de 2019

Hoje realizámos uma atividade de culinária, fizemos salame. Pelo que conversei com a Educadora Cooperante, é uma atividade que costumam realizar em grande grupo há já alguns anos. Nota-se o à vontade que as crianças demonstram ter para realizarem esta atividade, a maioria das crianças já parte a bolacha como é pedido, outras crianças ou as comem ou não lhes apetece partir. Eu ajudo-as inicialmente e posteriormente, só continuam a partir as crianças que querem continuar a ajudar, ajudam então as crianças que não estão com vontade de partirem mais bolachas. Atividades como estas, em que há crianças que já se sentem mais à vontade e capazes de realizar certas tarefas do que outras crianças, é uma mais valia para promover a entreajuda entre os pares.

A criança que não lhe apetece ou que ainda não sabe como fazer, sente-se bem por ser ajudada e a criança que ajuda sente-se responsável e mais "crescida" como afirmam inúmeras vezes.

REFLEXÃO DIÁRIA
18 de janeiro de 2019

Hoje, com muita pena minha, foi o meu último dia do estágio. Fomos para o exterior sentarmo-nos numa roda enquanto conversávamos sobre a minha saída. No dia anterior já tinha existido esta conversa (Nota de Campo 35)

Nota de Campo nº 35 **18 de janeiro de 2019**	
Instituição: JI T	**Local:** Sala
Educadora Cooperante: Mª Açucena	**Tema:** Novo projeto

Como no dia seguinte, uma família vem à escola fazer um "espetáculo" para as crianças, realizei a conversa de "despedida" em grande grupo hoje, com receio que depois não houvesse tempo.

Eu – Vocês sabem o que é que estive aqui cá a fazer durante estes dias, com vocês?

R – Estives-te a ensinar-nos.

F – E a ajudar os meninos

Eu – E mais?

MR – E a ajudar a Susana e a Açucena.

Eu – Também, mas eu também vim para aprender. Para aprender com a Açucena, com a Susana e com vocês.

R – Mas nós não somos teus professores.

Eu – Pois não, mas nós aprendemos todos uns com uns outros. E queria vos agradecer por toda a ajuda que me deram e dizer que gostei muito de passar este tempinho com vocês.

J – Vais embora hoje?

Eu – Não, ainda fico mais um dia. Mas depois tenho que voltar para o meu trabalho. Sabem onde é que eu trabalho?

Todos – Não

Eu – Eu trabalho numa Creche, que é um sítio parecido com este mas com crianças muito pequeninas.

Hoje, sentámo-nos numa grande roda e conversámos sobre a minha saída. A Educadora Cooperante perguntou o que é que me queriam dizer e as várias respostas foram:

MR – Eu gostei que ela estivesse cá.

Ali – Eu gostei de brincar com ela.

L – Eu gostei de tudo

Edu – E o que é que aprenderam com a Marisa?

F – O trabalho dos dentes.

Ed – A Marisa ajudou-me a portar bem.

Esta criança, é considerada, para mim uma das crianças mais conflituosas, e ao mesmo tempo a que demonstrou uma grande evolução, na maneira como começou a resolver alguns conflitos e na maneira em que quando era chamado à atenção já conseguia, por vezes, respeitar o que era pedido.

O que para mim já tinha sido uma grande conquista, esta reflexão da criança demonstrou muito para além disso. Não só foi um sinal de que contribui com novas estratégias para a resolução de conflitos, como também para o seu crescimento.

12ª REFLEXÃO SEMANAL

Esta etapa foi uma **aventura**, onde aprendi desde o primeiro dia em que cheguei, até ao último minuto antes de me ir embora, **aprendi** tanto com as crianças como com a equipa educativa da sala, mas também com a restante equipa.

Alarguei os meus horizontes ao conhecer novas e diferentes maneiras de trabalhar, umas com que concordava e outras nem tanto. Foi muito importante para mim, não só por ter aprendido como também ter demonstrado que existem outras estratégias e maneiras de trabalhar, respeitando sempre as outras visões.

Também foi possível existir esta boa comunicação devido à boa relação que criei com a equipa de sala que permitiu que existisse entre as três pessoas da sala, uma partilha de saberes e conhecimentos, de estratégias e uma grande entreajuda. Onde houve uma total abertura por parte da equipa educativa da sala, para implementar atividades, rotinas, metodologias e estratégias que anteriormente não eram utilizadas na presente sala. E onde houve também a preocupação de me explicarem o porquê de certas estratégias, atividades e momentos.

Apesar de ter alguns anos de experiência com crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos, não tinha praticamente nenhuma experiência com crianças dos 3 aos 6 anos, que foi onde desenvolvi a Prática Profissional Supervisionada II. Por isso, tive um grande cuidado e envolvimento nas primeiras semanas, para que percebesse de forma correta como era o dia-a-dia destas crianças e quais as suas características especificas, individuais e enquanto grupo.

Ao pertencer a uma sala onde existiam dois casos de crianças com necessidades educativas especiais, um caso mais acentuado do que outro, fez-me também repensar sempre na minha ação, porque não queria colocá-lo de parte, mas também não queria obrigá-lo a estar presente em certos momentos que ele próprio não queria. Então foi sempre um trabalho em cooperação com a terapeuta e com a Educadora Cooperante. Desta forma, ao assistir às terapias das duas crianças em questão e à partilha de informação por parte da Educadora Cooperante, foi mais fácil delinear as estratégias com estas crianças e de ser mais assertiva com estas.

Ao estagiar numa **instituição** com **características tão díspares** da que estava habituada a trabalhar, relativamente ao contexto, ao grupo de crianças, às famílias e até mesmo às atividades, fez-me crescer, fez-me querer conhecer muito bem cada criança de forma individual, fez-me pesquisar e procurar novos conhecimentos.

Ao me aperceber que o presente grupo de crianças eram **muito conflituosas** no seu quotidiano, praticamente com todas as crianças do grupo, comecei de imediato a fazer registos de diferentes situações onde existiam maiores conflitos e porquê. Para saber em que situações era fundamental estar presente para intervir, até conseguir que as crianças autonomamente se ajudam-se umas às outras e que resolvessem os seus conflitos de maneira razoável. Ao estar presente nas situações de conflito consegui perceber o porquê de as crianças se zangaram umas com as outras e então arranjar estratégias para as resolver.

E por isso, foi para mim um **desafio corresponder a todas as necessidades individuais do grupo**, e posteriormente a **introduzir a Metodologia de Trabalho de Projeto.**

O **projeto** foi para mim um grande desafio, como já referi anteriormente, e possibilitou-me aplicar na prática o que já conhecia teoricamente. Permitiu-me ainda comprovar que, esta metodologia é, sem dúvida, uma metodologia que irei implementar posteriormente, e que aliás já implementei de novo no local de estágio. Ao realizar os diferentes registos ao longo de todo o processo do projeto, permitiu-me perceber as evoluções das crianças, não só em aprendizagens individuais, como também na convivência em grande grupo.

Os **estágios** são sem dúvida fundamentais para a nossa criação da identidade profissional, porque uma coisa é o que nós aprendemos e sabemos a partir da teoria, outra coisa é colocar em prática, adaptando a teoria ao grupo de crianças que temos a sorte de acompanhar.